

PUC

GENY DE OLIVEIRA COBRA

CORPO E IDENTIDADE:

**UM ESTUDO FUNCIONAL DA ORGANIZAÇÃO BIOPSÍQUICA DA
IDENTIDADE**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, julho de 1999.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 — CEP 22453

RIO DE JANEIRO — BRASIL

N.Cham. 150 C657 TESE UC
Título Corpo e identidade



Ex.2 PUC-Rio - PUCB

00144413

GENY DE OLIVEIRA COBRA



**CORPO E IDENTIDADE:
UM ESTUDO FUNCIONAL DA ORGANIZAÇÃO BIOPSÍQUICA DA
IDENTIDADE**

**Tese de Mestrado submetida ao Departamento de
Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio
de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Psicologia**

Orientadora: Maria Euchares Motta

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Julho de 1999

97880

30/d



150
C657
TEFEUC
EX. 2

Para Lorian, e

Todas as adolescentes abandonadas pelas famílias.

Agradecimentos:

À Professora Maria Euchares Motta pela orientação;

À Professora Monique Augras que nos incentivou para a realização deste trabalho;

Ao Departamento da Psicologia PUC-Rio

Ao Capes que nos financiou a realização deste trabalho.

Ao Dr. Charles Konia do American College of Orgonomy – USA, pela co-orientação.

Ao CEBES-Rio que nos permitiu a realização do trabalho com as adolescentes da Casa Rosada.

PALAVRAS CHAVES

Identidade. biopsíquica. adolescentes institucionalizadas, grupo de encontro, bloqueio ocular. imagem corporal.

KEY WORDS

Identity, biopsychic, institutionalized adolescents, encounter group, ocular block, body image.

RESUMO

Este trabalho procura avaliar a identidade sob a perspectiva biopsíquica. O tema foi abordado em duas etapas: 1) Inicialmente apresentamos a contribuição de William Reich para a teoria energética da organização da percepção e consciência, na qual discutimos o funcionamento energético dos processos psíquicos e somáticos; a interdependência das funções da percepção e da consciência; a exteriorização da identidade no caráter e na personalidade; e, finalmente o envolvimento do bloqueio ocular na organização da identidade e da imagem corporal; 2) em seguida, descrevemos e analisamos os trabalhos relacionados com o segmento ocular e imagem corporal, aplicados no grupo de encontro com as adolescentes, os quais nos possibilitaram conhecer os comportamentos emocionais, a identidade social e sexual das integrantes do grupo.

ABSTRACT

The purpose of this work is to evaluate the identity from a biopsychich view point. The subject is separated in two phases; 1) Inicially we presente William Reich's contribution to the energetic theory of perception and conciousness in which we discuss the energetic functionality of the psychic and somatic processes; the interdependence of the functions of perception and conciousness; the exteriorization of identity in the character and personalit. and finally, the involment of the ocular block in the organization of identity and body image. 2) Following this, we describe and analyse the works related to the ocular segment and body image, which we applied to the adolescents encounter group; enabling the knowledge of the group members emotional behavior and their social and sexual identity.

SUMÁRIO

| | pág. |
|---|------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. ORGANIZAÇÃO ENERGÉTICA DA IDENTIDADE | 12 |
| 1.2 - Pensamento Funcional como Método de Investigação | 24 |
| 1.3 - Organização Ontogenética da Identidade | 33 |
| 1.4 - Aspectos da Exteriorização da Identidade: Caráter e Personalidade | 52 |
| 1.5 - O Segmento Ocular e a Imagem Corporal * → | 64 |
| 2. ADOLESCÊNCIA: UM PERÍODO DE TRAVESSIA | 85 |
| 2.1 - As Adolescentes da Casa Rosada | 93 |
| 2.2 - As Adolescentes no Grupo de Encontro | 103 |
| 2.3 - Meu Corpo: esse Desconhecido | 121 |
| 2.4 - Ser ou não ser: uma Questão da Adolescência | 128 |
| 2.5 - Nossas Fotos uma Inspiração | 142 |
| 2.6 - Olho no Espelho... Minha Imagem Fala Comigo | 151 |
| 2.7 - Nossa Imagem Corporal é uma Mistura | 158 |
| CONCLUSÃO | 167 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 173 |
| ANEXOS | 183 |

INTRODUÇÃO

A atuação do psicólogo clínico no campo social é ainda muito pequena. Lembramo-nos bem, no início desta década, quando decidimos nos envolver com a área social, fazendo trabalhos voluntários. Fomos movidos por um desejo de dar alguma contribuição, por pouco que fosse, na questão das crianças "carentes". Participamos de alguns projetos, os quais pareciam fadados a uma existência de dois, no máximo três anos. No entanto, esses anos de experiência proporcionaram-nos um campo de observação que nos permitiram amadurecer a idéia sobre a questão da identidade, em geral, e particularmente com relação às jovens dessa camada social.

Nesse grupo social o feminino chamou-nos a atenção, porque muitas jovens ficavam grávidas quando atingiam a adolescência. Indagávamos porque isso ocorria com tanta freqüência? Será que a identidade feminina dessas jovens passava pela maternidade? Ficávamos preocupados com a gravidade da situação, pois a proporção de adolescentes vivendo nas ruas com bebês recém-nascidos era muito grande. Antevíamos um futuro social complicado, porque os projetos emergentes não pareciam dar conta dessa problemática.

Esse trabalho é o fruto dessa trajetória e tem como objetivo estudar a organização biopsíquica da identidade, a partir de duas *démarches*, isto é, avaliar sua origem ontogenética no indivíduo como um processo interligado à organização biológica e, concomitantemente, à organização psíquica através das funções da auto-percepção e da consciência. Para tanto, elegemos o segmento ocular como o viés que nos possibilitou verificar a organização dessas funções, da imagem corporal, e analisar, no trabalho de campo com o grupo de adolescentes, os elementos identificatórios por elas eleitos no processo dinâmico de compensação da falta

de modelos familiares. Isso porque viveram a primeira e a segunda infância em diferentes instituições, com pouca ou nenhuma convivência com a família nuclear.

Pretendemos também, neste estudo, extrair os elementos indicativos de como se processou a organização de suas identidades, e os padrões culturais inseridos nestes elementos identificatórios. Acreditamos que as expressões emocionais e os comportamentos afetivos que ocorreram no inter-relacionamento do grupo observado, nos deram indicações de seu universo interno. Apesar de nossa observação ter sido feita com o grupo, a dinâmica deste não foi analisada como uma entidade de estudo, ou da forma que a psicologia social o coloca. Apesar de concordarmos com esta teoria, que assegura ser o grupo um potencializador da situação familiar contida no imaginário do indivíduo. Nossa perspectiva, na investigação, foi considerá-lo somente como um espaço de observação. Essa decisão adveio de uma necessidade de limitar nossa pesquisa, que por si só é um tema extenso e complexo.

Para avaliar a organização da identidade, partimos de um saber¹ estabelecido, onde as teorias do desenvolvimento infantil colocam a família nuclear como a asseguradora do crescimento dinâmico da criança e provedora de suas satisfações físicas e afetivas primárias², bem como a origem de seu primeiro modelo de identificação social e cultural. Embora esse modelo de família seja vigente para a maioria, na sociedade moderna, faz-se ausente para um grande número de crianças que crescem em orfanatos e outras instituições.

¹ Entre outros Freud, S. [1915] 1984, Reich, W. [1933] 1994 e 1983, Malinowski, B. 1959 e Mead, M., [1949] 1978.

² As necessidades primárias do bebê, inerentes à filogênese dos primatas, são satisfeitas através do contato afetivo e corporal com a mãe ou substituta, da amamentação sem rigidez em horários de forma a preservar o ritmo das necessidades internas do organismo do recém-nascido, a fim de que ele possa funcionar sem conflitos. Reich W. 1983, pp.3-63 e Carleton, J.A. 1991, pp.68-81.

Historicamente, e segundo Engels (1972:44-49), a organização da família passou por diferentes arranjos desde o casamento grupal até chegar ao casamento individual (the pairing family) ou seja, a união de um homem e uma mulher. Baseamo-nos na concepção desse autor, pois dessa união surge a família nuclear monogâmica, com o pai e a mãe como seu núcleo e os principais responsáveis pelos filhos legal, econômica e emocionalmente.

No entanto, Engels (*id. ibid.*) ressalta que, na evolução da família, existiu uma forma transitória entre o casamento grupal e a família monogâmica, chamada por Morgan de concubinato (hetaerism), onde a mulher, igual ao homem, usufruiu de grande liberdade sexual até chegar ao casamento. Esta, segundo ele, é uma forma sobrevivente do casamento grupal, que atravessa o sistema monogâmico da sociedade patriarcal e nos é transmitido, entre muitos outros caminhos, pela prostituição, miséria e delinquência. Sua conseqüência no mundo contemporâneo nos revela -, admitindo-se que a liberdade sexual da mulher é exercida sem a preocupação de usar o direito de prevenção da gravidez indesejada -, semelhanças com o casamento grupal. Este quadro social, especialmente nas camadas mais carentes da população, coloca-nos em face a um sério problema onde muitas crianças sabem de sua mãe, mas muitas vezes não sabem de seu pai. Isso pode ser observado nas crianças acolhidas em orfanatos e outras instituições.

Hoje vivemos numa sociedade complexa, especialmente na área urbana, cujos conflitos econômicos e sociais refletem-se diretamente na organização das famílias. O modelo de família monogâmica ou família individual na acepção de Engels, configurada como a base molecular da sociedade, continua sobrevivendo, no entanto convive com outras formas de organização familiar. Entre estas identificamos, a grosso modo, a família desfeita por divórcio ou simples separação, na qual os pais continuam responsáveis por seus filhos; a

família desintegrada, na qual um dos pais ou os dois desaparecem. Parece-nos ser esta uma das razões, senão o principal responsável por grande número de crianças abandonadas. Os cuidados e educação dessas crianças passam a ser de ordem pública, isto é, a sociedade e o Estado tornam-se responsáveis por sua manutenção e educação.

Dai a necessidade de instituições como orfanatos e casas de acolhidas. Os orfanatos e outras instituições similares, que acolhem crianças abandonadas, parecem inofensivos, no entanto, como nos lembra Goffman (1974:22) "são estufas para mudar pessoas: cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu". Isto quer dizer que a criança passa boa parte de sua vida em situações padronizadas e todas as suas atividades são feitas em conjunto e no mesmo ambiente, como comer, brincar e dormir. Ficam submetidas a regras e normas já estabelecidas, que nem sempre são coerentes com as necessidades de cada etapa de seu desenvolvimento. Na maioria das vezes, essas crianças vivem sob o controle dos agentes da instituição, propagadores e defensores de uma ideologia muitas vezes moralista e, freqüentemente, perdem o contato com as figuras parentais. Nesses ambientes a noção e o sentido de individualidade e singularidade são efetuados de forma precária, o que pode trazer sérias conseqüências ao eu em formação. O eu dessas crianças, sem outra alternativa, é forjado na rigidez das experiências coletivas. Um outro ponto importante a ser considerado, senão o mais importante, é que em tais instituições, a criança cresce privada do contato afetivo com a mãe e o pai, o que pode afetar profundamente seu self (noção de si mesma) e sua identidade.

A interação da criança com a mãe neste estudo, não só é compreendida no sentido puro da afetividade e da segurança material e emocional, mas também no sentido energético. Falamos de energia como um conceito que não pode compreender divisões, pois

consideramos que o ser vivo funciona em uma unidade biológica, cuja expressão se manifesta no campo psíquico e no somático.

Pretendemos discutir a organização da identidade na perspectiva da teoria energética de Wilhelm Reich e seus seguidores, cuja visão da relação psicossomática, concebe uma interdependência na coordenação da percepção e da consciência. A base dessa interdependência situa-se na teoria da energia orgônica. Consideramos apropriado para o presente trabalho, fazer um resumo histórico no primeiro capítulo, de como Wilhelm Reich, através de suas pesquisas no campo psíquico e somático, chegou a conceituar sua teoria energética e estabeleceu as premissas de seu pensamento funcional e o entendimento do contato do indivíduo com o self. Este contato é fundamental para a organização da identidade e pode ser compreendido como proveniente da base energética dos processos psíquicos, intimamente relacionados com os processos físicos correspondentes.

Para compreender a base biopsíquica da identidade, fizemos uma breve avaliação das recentes pesquisas feitas no campo da neurofisiologia. Estas revelaram-nos que as funções psíquicas da memória e da emoção estão localizadas no cérebro. Comprovando, portanto, a afirmação de Reich de que a integração biofísica é primeiramente efetuada pelo cérebro. Reich (1994), ao estudar a esquizofrenia, afirmou que a contração severa deste órgão produz a desintegração de todos os aspectos do biosistema, ou seja, afeta tanto a esfera psíquica quanto a somática. Konia* (1989:238), ampliando a pesquisa de seu mestre, revela que: "...os neurofisiologistas concluem, baseados em lesões no hipocampo, que a 'memória' ou a

* A teoria de W. Reich sobre as funções da percepção e consciência vem sendo pesquisada e ampliada pelo psiquiatra e organomista, Dr. Charles Konia, vice-presidente do American College of Orgonomy e editor do The Journal of Orgonomy. Seus recentes artigos foram fontes de grandes esclarecimentos para o presente trabalho.

'emoção' estão localizadas nesta área do cérebro. Na minha opinião, a formulação mais correta seria que estas funções ocorrem no hipocampo elucidando o aspecto somático de um acontecimento unitário biofísico" (aspas do autor)³.

Apesar de Reich (1994) ter considerado, no nível somático, a importância do cérebro como órgão organizador das funções psíquicas e somáticas, compreendeu a emoção como uma expressão do sistema plasmático. Vejamos como ele estabeleceu essa relação:

"O organismo vivo expressa-se em movimentos; falamos, portanto, do 'movimento expressivo'. O movimento expressivo é uma característica inerente ao protoplasma. Este distingue o organismo vivo de todos os sistemas não-vivos. (...) alguma coisa do sistema vivo 'impõe para fora' e assim 'move'. Isto traduz o movimento de expansão ou contração do protoplasma. Literalmente 'emoção' significa 'movendo-se para fora'; o que sem dúvida, é um 'movimento expressivo'. O processo fisiológico da emoção plasmática, ou movimento expressivo, está intimamente ligado à compreensão imediata e significativa, do que chamamos de 'expressão emocional'. Assim, o movimento do protoplasma é a expressão de uma emoção, e a emoção ou expressão de um organismo está incorporada no movimento." (grifos e aspas do autor)⁴.

A visão unitária do funcionamento dos processos psíquicos e somáticos, permitiu-nos elaborar a organização ontogenética da identidade como resultante das funções da percepção

³ Tradução livre do original "...on the basis of destructive lesions in the hippocampus, the neurophysiologist concludes that 'memory' or 'emotion' is localized in this area of the brain. A more correct formulation would view the functions occurring in the hippocampus as the somatic aspect of a unitary biophysical event." Konia, C. *ibid.*, v.23, n.2, p-238.

⁴ Tradução livre do original "*The living organism expresses itself in movements; we therefore speak of 'expressive movements'. Expressive movement is an inherent characteristic of the protoplasm. It distinguishes the living organism from all non-living systems. (...) that something in the living system 'presses itself out' and, therefore, 'moves'. This can only mean the movement i.e., expansion and contraction, of the protoplasm. Literally, 'emotion' means 'moving outward'; at the same time, it is an 'expressive movement'. The physiological process of the plasmatic emotion or expressive movement is inseparably linked to an immediately comprehensible meaning which we call 'emotional expression'. Thus the movement of the protoplasm is expressive of an emotion, and emotion or the expression of an organism is embodied in movement.*" W. Reich, 1979, p.358-359.

e consciência. A visão de Reich sobre a emoção, acima citada, foi fundamental para compreendermos, no nível teórico, como elas funcionam em tal processo e como se exteriorizam, mais tarde, na personalidade e no caráter, e especialmente nos comportamentos das adolescentes observadas.

Ainda no primeiro capítulo inserimos um item de esclarecimento sobre o pensamento funcional, pois achamos importante explicá-lo de forma resumida, para que não haja confusão entre este e a teoria funcionalista. Reich, (1979) através do funcionalismo energético, propôs resolver a discrepância entre a observação de como as coisas funcionam e a como nós percebemos o seu funcionamento. Por ser uma forma de raciocínio que compreende as funções energéticas como naturais, relaciona-as com um princípio comum de funcionamento, o qual, muitas vezes, só se esclarece após iniciada a observação. Ao mesmo tempo, este descreve as funções observadas na forma como funcionam, diferenciando as funções primárias das secundárias. E, ainda, é necessário considerar a íntima relação entre a qualidade da percepção do observador e sua capacidade em distinguir as diferentes funções, até porque a percepção é essencialmente uma experiência qualitativa. Este pensamento destaca o aspecto "subjetivo" do observador, pois o coloca integrado na natureza do que foi observado. Em seu pensamento funcional Reich admitiu a possibilidade do erro, como um sinal de progresso na compreensão do objeto observado, pois a natureza é imprecisa e opera de forma funcional e não mecânica. Ressaltou que o erro pode nos conduzir a novas descobertas.

O caráter, segundo Reich (1994:155), é a soma total de atitudes caracteriais, que o indivíduo desenvolve como defesa contra o medo e a ansiedade. Provoca a rigidez de certos aspectos do eu e a falta de contato psíquico. O caráter é funcionalmente idêntico à couraça

muscular – ou seja, a couraça é a estrutura do caráter em sua forma física. Para Reich (*ibid.*) existem três processos essenciais para o “endurecimento do cu” ou desenvolvimento da couraça: 1) Identificação com a realidade frustrante ou, especialmente, com a pessoa que psiquicamente representa esta realidade; 2) A agressão sentida com relação à pessoa frustradora, e quando não expressa, transforma-se em ansiedade e é introjetada; 3) O desenvolvimento de “atitudes reativas” contra os desejos sexuais, passam a utilizar a energia sexual para conter as expressões desses mesmos desejos.

Assim, podemos sintetizar os fatores que contribuem para a organização do caráter como: as proibições da infância, o medo do castigo e o conflito das expressões emocionais. Estes aspectos são importantes para avaliar o bloqueio do segmento ocular e da imagem corporal, os quais elegemos como os instrumentos que nos possibilitaram avaliar a organização da identidade no grupo pesquisado.

Consideramos as faculdades da percepção, da cognição, da aprendizagem e da memória, como aspectos psíquicos inseparáveis do organismo, pois o funcionamento psíquico é unitário. O mesmo acontece com a função da linguagem falada, que apesar de sediada no cérebro, é, segundo Reich (1994:358), derivada da percepção interna do movimento plasmático (emoções) e das sensações orgânicas, pois traduzem e descrevem as condições emocionais do indivíduo. Como existem expressões emocionais que nem sempre podem ser traduzidas na linguagem verbal, pois a maturidade para a organização da fala ocorre em torno dos dois anos de vida da criança, muitas dessas expressões são refletidas nos comportamentos não-verbais ou expressões corporais.

Se o organismo é livre de bloqueios, o movimento plasmático flui livre e possibilita a emergência das sensações (orgânicas) e a percepção tridimensional do corpo. Isso quer dizer

que as impressões sensoriais e as emoções fluem juntas, e são sentidas como correntes prazerosas. O indivíduo torna-se totalmente consciente do seu corpo, de suas sensações, de seus desejos e necessidades. Sente-se vivo, expressa vivacidade, gosta de si mesmo e de seu corpo e torna-se independente, e mantém intenso contato com seu self ou com seus impulsos primários.

Geralmente a presença de bloqueios indica, algum grau, de falta de contato com o corpo. O bloqueio do segmento ocular é, particularmente, o mais profundo, pois afeta o cérebro, a auto-percepção, a organização da consciência e da imagem corporal. Decorre, das intensas frustrações impostas pelo ambiente externo às necessidades primárias dos primeiros meses de vida da criança. Estas frustrações geram grande pressão interna, cuja expressão está aparente nos comportamentos reativos, tais como: irritação, intensa ansiedade e incapacidade produtiva.

Os órgãos dos sentidos, isto é, o da visão, da audição, o do olfato e o do tato, são fontes de excitação do indivíduo, e funcionam como a base para seu contato corporal e dele com o mundo externo. O bloqueio, em qualquer uma dessas áreas, decorrente da privação sensorial, provoca a falta de contato psíquico. A privação sensorial é compreendida, neste contexto, como a falta de contato corporal do bebê com a mãe, decorrente da prática de colocá-lo em berçários logo após o nascimento; a exposição da criança, ao longo do seu desenvolvimento, a um ambiente muito agressivo; a privação de alimentação quando organicamente sente necessidade ou, ao contrário, ser forçada a comer quando não o deseja; à prática da circuncisão nos bebês do sexo masculino ou infibulação nas meninas, práticas estas ainda encontrada em muitas culturas, e muitos outros. Nestas circunstâncias, a criança

só pode reagir de uma forma: desenvolvendo na sua estrutura emocional o "não" interno, que em grande escala torna-se o "não" da humanidade (Reich,1983:4).

Reich (1994:373) considera o bloqueio ocular, com todas as suas implicações no organismo, como o principal responsável pelo processo de despersonalização e de excesso de idealizações e fantasias. Este bloqueio resulta na contração profunda dos músculos em torno dos olhos, associado com outras áreas do corpo, resultando na falta de contato psíquico e emocional. Em tal fenômeno, as forças repressoras agem de forma a impedir o movimento energético do organismo, gerando dissociação do impulso e, como consequência, enfraquece a percepção do sentimento de contato vegetativo e das sensações vitais. Nestes casos a percepção do indivíduo é de anestesiamiento emocional e físico.

O contato emocional do indivíduo com ele mesmo (auto-percepção) e com seu ambiente (expressão), depende do movimento livre da energia e da excitação. É deste movimento que emergem as sensações, as quais para chegar à consciência, devem ser apropriadamente percebidas. A partir desta compreensão Reich concluiu que a presença do bloqueio sempre gera algum grau de falta de contato.

Reich (*ibid.*:323), ao avaliar o processo da adolescência considerou, o que os psicólogos denominam de "características da puberdade", como uma particularidade artificialmente produzida, especialmente pela obstrução da sexualidade natural da criança e do adolescente. No período da adolescência, os ideais imaginados e a capacidade real do jovem adolescente, sofrem uma separação interna criando uma contradição concreta na estrutura de seu organismo. Esta contradição reflete-se no sentimento de inferioridade. Sentimento este, gerado pela percepção interna de uma paralisia da motilidade vegetativa, provocando a inibição do potencial que o jovem trás em si. Pode também resultar da lacuna

existente entre a performance na esfera sexual e social, e de suas capacidades latentes. Segundo o autor, este problema tão comum nos adolescentes de nossa sociedade, é uma das conseqüências da falta de uma regulação da sexualidade.

As contradições emocionais dos adolescentes são diretamente expressas nos comportamentos, até porque as couraças, como sistemas de defesas, ainda não se encontram completamente estruturadas. Konia (1989:67) sugere, que nesta fase o organismo luta para se liberar dos efeitos restritivos da couraça [que está se estruturando] e, ao mesmo tempo, vive muito medo de que isso aconteça. Para ele o estágio final da formação do caráter coincide com a idade adulta, quando as manifestações externas dos comportamentos tornam-se congeladas nas atitudes de caráter. Como nossa pesquisa centrou-se na observação de um grupo de adolescentes criadas em orfanatos, a avaliação da questão da identidade baseou-se na relação funcional entre o comportamento, a linguagem verbal e a expressão corporal. E, especialmente, na relação entre o contato emocional e o bloqueio ocular. Os trabalhos realizados com as fotografias, com o espelho e com o desenho da figura humana (Anexos 3 e 4), foram de especial importância para encontrarmos as respostas referentes à nossa questão. Esses trabalhos, permitiram-nos avaliar, nas adolescentes investigadas, a existência da integração entre a percepção, a consciência do corpo e a imagem corporal.

1. A ORGANIZAÇÃO ENERGÉTICA DO ORGANISMO

Estamos treinados a pensar o psique separado do soma e, ainda hoje, o pensamento científico raciocina dentro dessa divisão. Os biólogos acreditam que o funcionamento do ser humano processa-se somente no campo somático, e a psicologia clássica acredita que o homem expressa-se somente no campo mental. Para resolver tal dicotomia Reich (1979:11) utilizou o funcionalismo energético⁵, cujo princípio estabelece que as funções somática e psíquica são manifestações de uma mesma unidade – a energia biológica. Estas funções são variações de um processo natural, básico e mais profundo chamado por Reich de “princípio comum de funcionamento” (CFP). Este raciocínio científico foca-se nos detalhes e na totalidade dos processos naturais, e os avalia como uma rede de conexões.

Vejamos como Reich (1974) definiu energia:

“Tenho a convicção de que a descoberta da energia biológica, a energia que está na base de nosso sentimento de estar vivo e de nossas sensações vegetativas, ações, sentimentos religiosos, e fantasias cósmicas, nos proporcionará uma fundação científica sólida para o processo cultural”.⁶

O pensamento funcional como um novo paradigma, permite-nos pensar a identidade como um processo biopsíquico, em cuja base existe uma energia bio-psicológica que se manifesta no somático, no mental e no emocional. É esta energia que nos possibilita

⁵ Mais tarde chamado de “funcionalismo orgonômico”. Ver W. Reich, 1979:9.

⁶ Tradução livre do original: “It is my conviction that the discovery of the biological energy, that energy which is at the basis of our feeling for life, our vegetative sensations, actions, religious feelings, and cosmic phantasies, will provide a solid scientific foundation for the cultural process.” W. Reich, 1974, p. 15.

estabelecer a unidade das funções do psique-soma, compreendendo o processo energético do organismo⁷ como um todo.

Segundo Reich (*id. ibid.*), esta energia rege todas as funções dos seres vivos e, especialmente no ser humano, a função da percepção. A organização da percepção no organismo, funcionalmente pensada por Reich, é um fator fundamental para elaborarmos a teoria da identidade. Para o enriquecimento e a compreensão do papel da percepção na organização da identidade, apresentaremos um resumo histórico de como Reich chegou ao descobrimento da energia orgônica.

A contribuição de Reich no campo da sensação e da percepção, segundo Konia (1984:81-87), está presente em três períodos teóricos: **período inicial**, a partir de 1919, quando apresentou as primeiras hipóteses funcionais relacionadas à sua trajetória como psicanalista; **período intermediário**, 1939, quando descobriu a energia biológica orgônica como a base física do sistema vivo e ofereceu uma das mais importantes contribuições para a elucidação do enigma da percepção; e **período final**, em torno de 1947, quando Reich apresentou a primeira equação orgonométrica do método funcional, e sua última contribuição à questão da percepção (negritos do autor). Nesse período, completou sua teoria funcional relacionada à percepção, baseando-se no princípio de “como o homem está enraizado na natureza” (nossas aspas) e sugeriu que a origem das funções perceptivas está sediada nos processos naturais do organismo.

Desde o início de seu trabalho clínico como psiquiatra e sexólogo, Reich procurou uma explicação e compreensão do instinto. As explicações mecanicistas e teológicas da

⁷ A teoria orgonômica compreende o indivíduo como um organismo psicossomático, funcionalmente unitário e expressivo na sua subjetividade.

época, não o satisfaziam, pois tinha a preocupação de comprovar cientificamente suas teorias. Buscou elucidar esta questão através de várias teorias emergentes na época, especialmente nos campos da biologia, da sociologia, da filosofia e de muitas outras relatadas em sua extensa obra teórica. A teoria de Semon (*apud.* Reich, 1978:19) sobre as “sensações mnemônicas”, impressionou-o profundamente. Semon explicou os atos involuntários de todas as criaturas vivas como “engramas” (aspas no original), ou seja, experiências históricas imprimidas. Isto quer dizer que o protoplasma, com sua eterna auto-perpetuação, está continuamente absorvendo “impressões ecoforizadas” (aspas no original) e respondendo apropriadamente aos estímulos.

Reich, já psicanalista, relacionou a teoria biológica de Semon ao conceito de lembranças inconscientes de Freud - os traços de memória. Mais tarde, utilizou a idéia dos engramas de Semon para explicar o desejo de repetir a experiência prazerosa anteriormente vivida. Outra influência importante foi a de Bergson (*apud.* Reich, 1978:20): cujo esclarecimento sobre a percepção, a duração do tempo na experiência psíquica e a unidade do eu, confirmaram, para Reich, a percepção não-mecanicista da natureza do organismo. Assim ele coloca: “Minha atual teoria da identidade e unidade do funcionamento psicofísico originou-se do pensamento bergsoniano, e tornou-se a nova teoria da relação funcional entre corpo e mente”⁸. Apesar de concordar com o princípio da existência de uma força criativa que governa a vida, ainda não sentia preenchido o hiato da teoria de Bergson sobre a energia do “élan vital” (aspas do autor). O período inicial, como acima falamos, ocorreu quando

⁸ Tradução livre do original “My present theory of the identity and unity of psychophysical functioning originated in Bergsonian thinking, and has become a new theory of the functional relationship between body and mind.” Reich, W. 1978, p. 20.

Reich elaborou as primeiras hipóteses funcionais, ainda relacionadas com a psicanálise. Seu contato com a teoria da economia sexual de Freud foi um dos principais desencadeadores das futuras pesquisas realizadas na área da energia sexual, quando chegou à descoberta da energia orgônica.

Como falamos anteriormente, sua busca de uma teoria que explicasse a origem do instinto só obteve uma resposta coerente na explicação de Freud:

“...não podemos capturar concretamente o que é o instinto. O que experimentamos são os meros derivados do instinto: o sexual, as idéias e os afetos. O instinto armazena-se no profundo núcleo biológico do organismo; manifesta-se como uma urgência afetiva de gratificação. Sentimos a necessidade de relaxamento [decorrente da gratificação] mas não o instinto em si”⁹.

Reich considerou essa explicação como a fundação do pensamento científico natural e compreendeu na lógica de Freud, seu mestre na época, que o instinto em si não pode ser consciente, pois ele nos rege e nos governa - somos seu objeto. Mais adiante concluiu que a “libido” (aspas do autor) nada mais é que a energia do instinto sexual. Acreditou, nesta época, que algum dia seria possível medir essa energia o que de fato aconteceu, como veremos ao longo deste estudo.

Acreditava-se, na sexologia e psicologia psiquiátrica do início do século, que havia tantos instintos, ou quase tantos, quanto as ações humanas. No entanto, Reich por não

⁹ Tradução livre do original: “...we cannot concretely grasp what instinct is. What we experience are merely derivatives of instinct: sexual, ideas and affects. Instinct itself lies deep in the biological core of the organism; it becomes manifest as an affective urge for gratification. We sense the urge for relaxation but not the instinct itself.” Freud, S. *apud* Reich, W. 1978, p.25-26.

concordar com o complicado raciocínio moralista e determinista da época, procurou na biologia e especialmente nos estudos, então pioneiros, de Mendel e Darwin, a resposta de que nem tudo podia ser explicado pela hereditariedade, mas sim pelo desenvolvimento. Sua hipótese, que as leis básicas e naturais governam a vida, foi confirmada pelos autores acima mencionados. O que indicava que tudo é passível de desenvolvimento. Essa idéia de desenvolvimento permeia toda a teoria de Reich e torna-se um dos elementos mais importante no pensamento funcional.

Apesar da primeira fase na teoria de Reich, ou sua trajetória na psicanálise, ter sido muito importante e ter contribuído para a evolução de sua teoria sobre a energia orgônica, vamos ressaltar somente as questões indispensáveis para o presente trabalho.

Como discípulo e seguidor de Freud, Reich também admitira a existência de uma energia psíquica. Nesta época, Freud apontou a existência de um fenômeno singular na questão do prazer-desprazer, isto é, – a tensão, apesar de ser de natureza desprazerosa, a sexual tem um caráter prazeroso. Reich foi capturado por essa idéia e iniciou a investigação do fenômeno do prazer-desprazer, no sentido de compreender a atividade do instinto sexual.

O raciocínio de Reich é resumidamente o seguinte: a fantasia de uma expectativa de gratificação sexual, não só cria tensão, como também libera uma pequena quantidade da excitação sexual. Essa pequena gratificação, no entanto, possibilita tolerar a tensão desprazerosa, em decorrência de um prazer maior no clímax, quando ocorrerá a descarga completa dessa tensão. Foi a partir da investigação do prazer-desprazer, que ele conseguiu definir a relação entre o conceito quantitativo do impulso e o conceito qualitativo do prazer. Ou refletem uma excitação sexual no nível somático, também prazerosa. De forma semelhante, as idéias ansiosas são sempre acompanhadas por um estado de excitação ansiogênica.

Referindo-se à relação psicossomática, Reich (1982) propôs que cada fenômeno psíquico tem sua base em uma excitação somática. Pode-se entender que um distúrbio na função do impulso - que ele ainda relaciona à ação motora - geralmente indica a existência de uma perturbação na sensação do prazer. Chamou de *falta de contato psíquico* (grifo nosso) à incapacidade subjetiva de perceber o prazer. A falta de contato com o organismo, em geral, é substituída por excessiva idealização. Verificou em seu trabalho clínico, que as idealizações neuróticas diminuam e perdiam sua intensidade, quando a energia se concentrava no aparelho genital.

Ainda, avaliando o processo de percepção das funções de prazer-desprazer, Reich (1978) indicou o papel ativo do eu. Segundo o autor "...cada percepção é determinada por uma 'atitude' ativa em face a um estímulo particular"¹⁰. Esta visão do papel do eu, divergia da psicanálise da época que o considerava passivo. Indagou, porque em alguns casos certos estímulos produziam a sensação de prazer e, em outros, por decorrência de uma atitude interna diferente, não chegavam a ser percebidos. No primeiro caso, identificou a existência de uma potência orgástica, ou seja, a capacidade de sentir o prazer. No segundo caso, identificou como impotência orgástica, ou falta de percepção do prazer, ou falta de contato psíquico. Estas considerações foram feitas por Reich ainda dentro de uma perspectiva da energia psíquica. Mais tarde, com a descoberta da energia biológica orgônica, a potência orgástica foi avaliada como uma função somática. Ou seja, a potência orgástica é a capacidade de o indivíduo viver uma entrega sexual completa, de tal forma que seu corpo expressa convulsões clônicas, inteiramente espontâneas, ocorrendo a perda momentânea da consciência. Neste caso, a percepção do prazer

¹⁰ Tradução livre do original "...every perception was determined by an active 'actitude' toward the particular stimulus". Reich, W. 1978, p.45.

é completa. A impotência orgástica é a incapacidade de o indivíduo viver a entrega sexual como acima mencionado, ocorrendo assim uma percepção parcial do prazer.

O raciocínio funcional de Reich foi capturado na teoria materialista de Lange, que já no século XIX trazia a idéia dialética das funções: "...a conjectura em que nos dois mundos – o mundo material e o mundo das sensações – situa-se uma *terceira coisa desconhecida como sua causa comum*, pode levar-nos a uma maior profundidade do que a simples identificação de ambas"¹¹ (grifos no original). Baseado nessa idéia, Reich considerou a energia biológica, como o princípio comum de funcionamento entre o impulso e o prazer.

Ainda em sua fase psicanalítica, Reich iniciou sua investigação sobre o caráter. A proposta inicial foi buscar solução para os casos clínicos insolúveis. A regra psicanalítica de eliminar a resistência para tornar consciente a parte inconsciente do conflito, nem sempre podia ser aplicada com sucesso em certos tipos de pacientes que eram muito resistentes à análise. Reich observou que a principal resistência centrava-se na maneira como o paciente se comportava, ou falava, ou como expressava seu caráter. Esta técnica consiste em fazer interpretações sistemáticas das funções defensivas, tais como, as expressões de determinados comportamentos típicos do indivíduo. Na verdade, sua busca de uma solução técnica desdobrou-se em uma teoria – ainda no campo da psicologia – denominada por ele de análise do caráter.

Como o primeiro psicanalista a formular uma teoria coerente sobre o caráter, Reich (1994) demonstrou que os diversos traços de caráter dependiam uns dos outros e, quando

¹¹ Tradução livre do original "...the conjecture that in the two corresponding worlds – the material world and the world of sensation – there lies *an unknown third thing as their common cause*, would carry us deeper than the simple identification of the two." Lange, F. A. *The History of Materialism*, Second Book, Routledge and Kegan, 1957, *apud* Konia, C. 1984, v.18, n.1, p. 82, nota de pé de página.

tomados em conjunto, formavam uma defesa unitária de forma a bloquear certos tipos de emoção, percebidas como perigosas. Chamou esse sistema de defesa de couraça caracterial (*character armor*). Este conceito contém a compreensão dinâmica e econômica da função básica do caráter. Sua etiologia situa-se em um conflito básico vivido em algum estágio do desenvolvimento, o qual deixa traços no caráter sob a forma de atitudes defensivas rígidas - certas expressões e comportamentos do indivíduo. Assim o descreve: "o caráter consiste numa *mudança crônica do eu* que pode ser descrito como um endurecimento"¹² (grifos do autor). No sentido sexo-econômico, o propósito do enrijecimento é proteger o eu contra os perigos internos e externos. Sua consequência é a restrição da mobilidade psíquica da personalidade como um todo.

Reich (*id. ibid.*) ao observar, mais tarde, as reações e mudanças nas posturas corporais de seus pacientes, especialmente quando expressavam emoções reprimidas, reinterpretou a teoria da couraça caracterial. Compreendeu que a couraça consiste na "história congelada" da vida emocional do indivíduo. Para cada couraça caracterial, no nível psíquico, existe um bloqueio muscular, no nível somático. Assim, a investigação "caracterio-analítica" possibilitou-lhe compreender que certos estados biofisiológicos específicos ou atitudes, refletem ou representam formas psíquicas particulares de comportamento. Relacionou cada atitude, idéia ou fantasia com determinados estados biofísicos, os quais consistem sua representação somática. Ou melhor dizendo, existe uma identidade funcional entre as atitudes psíquicas, na rigidez do caráter, e as atitudes somáticas encontradas nos espasmos, câibras e tensões musculares. Tomando como base a identidade funcional entre o psíquico e o somático, verificou que os

¹² Tradução livre do original "The character consists in a chronic change of the ego which one might describe as a hardening. Reich, W. 1994, p.155.

sistemas defensivos do caráter na sua base física, possibilitava uma ação terapêutica diretamente aplicada ao corpo. A ação sobre o corpo, possibilitava o relaxamento das tensões musculares e liberavam as energias instintuais aí retidas. Possibilitando a liberação do impulso reprimido.

Por volta de 1934 e após as conclusões mencionadas, Reich compreendeu ser possível quantificar a função física do que se constitui como o impulso do organismo. Raknes (1970:59) comenta que Freud definiu a libido apenas como a energia do instinto ou impulso sexual, avançando a hipótese de que poderia derivar de algum processo químico ou hormonal. Entretanto, quando Reich realizou as investigações em bioeletricidade, comprovou que a libido continha propriedades de correntes bioelétricas que podiam ser medidas na superfície da pele, e isso indicava a base física do impulso. Estas considerações permitiram-lhe dar mais um passo em direção à descoberta do princípio comum de funcionamento (CFP) que unifica o impulso e o prazer, o qual, até então, era ainda desconhecido. Assim Reich coloca: "A coisa 'desconhecida' que estava procurando nada mais é do que a bioeletricidade"¹³.

Os experimentos pioneiros realizados por Kraus¹⁴, cientista berlinense, comprovando que as propriedades elétricas das soluções colóides do corpo são governadas por processos elétricos, ofereceram subsídios para Reich capturar, da física, a idéia de equalização de energia, e existência de diferenças no seu potencial¹⁵. Mais tarde, usou esse raciocínio no conceito de potencial orgonótico. Verificou que nosso corpo é constituído de bilhões de potenciais de superfície entre as membranas e os fluidos, os quais também possuem vários potenciais de

¹³ Tradução livre do original "The unknown 'something' I was looking for could be nothing other than bioelectricity". Reich, W. 1978:6.

¹⁴ Kraus, F. Klinische Syzyologie: allgemeine und spezielle Pathologie der Person, Thieme, Leipzig, 1926. Apud Boadella, D., 1973.

¹⁵ Para maiores detalhes sobre os experimentos de bioeletricidade e as conclusões de Reich em eletrofísica sugerimos ver Reich, W. 1978:224-268 e 1982.

energia. Como consequência, a energia no corpo está em constante movimento, passando dos lugares de potencial mais alto para o mais baixo.

A idéia do potencial de energia encontra-se inscrito no movimento da energia do impulso, que se expressa de duas formas: do centro para a periferia relacionado à expressão do prazer, ou da periferia para o centro relacionado à angústia. As duas direções constituem as diferenças qualitativas da expressão do impulso. Um ponto a ser ressaltado é que a couraça muscular pode atuar diretamente, através dos bloqueios, impedindo o movimento energético do organismo. A teoria de Reich, compreende a energia como a própria expressão do aparato vital. Qualquer impedimento em seu fluxo afeta o processo vital do organismo em sua totalidade.

Os bloqueios, no nível somático, paralisam a energia na contratura muscular, o que constitui a base das neuroses, no nível psíquico. A percepção subjetiva dessa paralisação é de angústia, seja consciente ou inconsciente. Reich (1982) compreendeu que o prazer e a angústia representam processos biologicamente antagônicos. Para comprovar essa hipótese fez experimentos com um oscilômetro, no sentido de registrar as variações do potencial da pele em certas áreas do corpo. Estas áreas, quando estimuladas, podiam produzir sensações agradáveis ou desagradáveis. Os experimentos demonstraram que o potencial aumentava com as sensações agradáveis, e diminuía com a angústia e outras sensações desagradáveis. Comprovaram haver uma antítese entre as funções de prazer-angústia, pois a base destas funções sedia-se no sistema biofísico.

Observou em seus pacientes, ao dissolver a couraça muscular, que a respiração liberava e tornava-se plena, e, uma onda de movimentos involuntários e espontâneos, como um reflexo, manifestava-se por todo o corpo. Também observou outras reações e sensações

corporais tais como: tremor involuntário, sensações de frio e calor, coceiras, e muitos outros. Denominou-os de “correntes vegetativas”. Estas sensações são produzidas quando a energia move-se na musculatura rígida. Aos movimentos involuntários e clônicos apresentados em seus pacientes, chamou de *reflexo do orgasmo* e mais tarde de *fórmula da tensão e da carga biológica* (grifos nossos). O orgasmo é um processo energético quadrifásico, descrito por Reich (1978) como: uma tensão mecânica acompanhada por uma carga bioelétrica, seguida por uma descarga e relaxamento. A fórmula desse processo é : tensão → carga → descarga → relaxamento. Funcionalmente, as setas indicam a direção do movimento da energia.

Foi ao longo das pesquisas da função do orgasmo, que Reich conseguiu organizar o método do pensamento funcional, cuja lógica de pensamento aplica-se ao desenvolvimento das funções naturais. Essa lógica é um moto contínuo, pois uma descoberta induz a uma nova e assim sucessivamente. A busca de comprovação científica para a teoria do orgasmo, conduziu-o a observar no microscópio o movimento pulsatório dos protozoários. Verificou haver semelhanças entre os movimentos plasmáticos ondulatórios das amebas com o orgasmo no corpo humano. Concluiu que a função do orgasmo é uma função comum a toda matéria viva, e sua fórmula consiste na fórmula geral do funcionamento da vida.

Ao verificar que a fórmula do orgasmo é a fórmula da vida, Reich (*apud* Raknes, 1988:29) compreendeu que, através dela, poderia desvendar o problema da biogênese. Temática que o interessou desde os início de seus estudos, pois havia lido e ouvido de alguns biólogos e filósofos, que a biogênese era algum tipo de transição da matéria inanimada à matéria viva. Reich (*id., ibid.*) então empreendeu dois tipos de experimentos com o objetivo de modificar a matéria não-viva e produzir, em processo espontâneo, a matéria que apresentasse o ritmo da fórmula do orgasmo, acima mencionado.

Resumidamente, o primeiro experimento foi realizado com material orgânico como solo enxuto ou erva seca, que depois de esterilizados em alta temperatura, foram submergidos em água esterilizada. Ao observá-los no microscópio verificou que da erva, ou do solo, desprendiam-se pequenas bolhas de cor azulada brilhante que se contraíam e se expandiam, isto é, pulsavam do mesmo modo que os protozoários. Após algum tempo, estas bolhas se atraíam umas às outras, tomando a forma de cachos. Os cachos envolviam-se em uma membrana e passavam a ter movimentos semelhantes aos dos protozoários. O segundo experimento foi feito com matéria inorgânica como pó de carvão, areia fina ou metal em pó, cujo procedimento era aquecê-los sobre uma chama de gás, e ainda incandescentes, eram colocados em uma solução estéril nutritiva. Depois de algum tempo, surgiam de algumas partículas, as mesmas bolhas, que moviam de forma semelhante as da matéria orgânica. Reich chamou essas bolhas, que pareciam vesículas de energia, de bions. Tais experimentos foram um grande passo na explicação e demonstração do fenômeno da biogênese.

Em 1939, ainda investigando os bions, Reich descobriu, por acaso, que algumas partículas ou vesículas, emitiam uma espécie de energia que parecia não obedecer a nenhuma das leis relativas às energias já conhecidas. Explicou: "... 'bion' e 'vesícula de energia' designam uma mesma formação funcional e são microscopicamente visíveis."¹⁶ (aspas do autor). Essas vesículas representam formas transitórias entre a matéria viva e a não-viva, como também "...a unidade funcional elementar de toda a matéria viva"¹⁷ (grifo do autor). Suas propriedades são compostas de um quantum de energia orgônica, e de fluido contido em

¹⁶ Traduzido do original "... 'Bion' and 'energy vesicle' designate one and the same microscopically visible, functioning formation". Reich, W. 1974, p.15.

¹⁷ Tradução livre do original "...the elemental functioning unit of all living matter". Reich, W. 1974., *ibid.*

uma membrana¹⁸. E apresentam as funções orgonóticas básicas de expansão, contração, vibração e radiação.

Na clínica, estas funções se manifestam e são passíveis de serem observadas no processo energético que se desencadeia no organismo, através da respiração e movimentos emocionais. Reich chamou essa energia observada na sua motilidade de orgone, nome derivado de organismo e orgasmo. Compreendeu, a partir destas descobertas, que todos os organismo vivos contêm nos fluídos de seu corpo, uma quantidade de energia orgônica estruturada em uma membrana, o que constitui o "sistema orgonótico" (aspas nossas).

1.2 - O Pensamento Funcional como Método de Investigação

Para pensar uma teoria, faz-se necessário identificar o terreno onde ela tem sua base. Rychlak (1977), professor e psicólogo humanista em Chicago, sugere a existência de quatro terrenos, onde a ciência teoriza e busca sua validação empírica, tais como: *Physicos*, *Bios*, *Socius* e *Logos*. Ele acredita, baseando-se nesses quatro terrenos, que atualmente pode-se explicar a consciência empregando o princípio de complementariedade. No entanto, para ele, a consciência é um processo puramente mental e situa-se no terreno do *Logos*.

Concordamos com o autor citado que a consciência é um processo mental, porém ressaltamos que todos os processos psíquicos têm sua origem na associação das sensações dos

¹⁸ Para observar os movimentos e propriedades sutis dos bions, Reich utilizou microscópios de alta potência.

órgãos do corpo (biológico) com as percepções internas e externas (psíquico). Esse é o terreno biopsíquico, que funcionalmente estabelece a ligação dos quatro terrenos acima citados, pois sofre influência do social (Socius) e se expressa no mental (Logos). Para explicá-la no campo biopsíquico, como uma unidade, é necessário utilizar o pensamento funcional¹⁹, cujo método de raciocínio segue a lógica das funções da natureza humana. Para isso deve-se admitir que esta natureza, traz em si, uma ordenação própria, que nem sempre pode ser acompanhada pelo pensamento lógico.

Reich ao descobrir a energia orgônica, observando a ordenação natural das funções, tentou compreender e responder problemas como: a base biológica das doenças emocionais, a biogênese e através dela a biopatia do câncer, o éter, e o anseio cósmico do animal humano e outros. Portanto, nossa investigação da origem biopsíquica da identidade apoia-se sobre as bases biológicas das doenças mentais, pois admite existir uma relação psicossomática nas mesmas, sem, entretanto, deixar de considerar as influências dos outros terrenos mencionados. Até porque o pensamento funcional não demarca, de forma rígida, os campos teóricos como o biológico e o psicológico, mas os avalia dialéticamente nas suas polaridades.

Como método de investigação científica, o pensamento funcional é um novo paradigma, criado por Wilhelm Reich, através do qual pode-se compreender as expressões funcionais do organismo vivo.

A aplicação desse método contém algumas premissas iniciais como: a) observação direta dos processos naturais; b) investigação da vida emocional no ser humano que, na sua

¹⁹ A técnica do pensamento funcional foi criada por Wilhelm Reich no período de 1930 e 1947 e só publicada em 1950. O propósito dessa técnica, que explica os processos da natureza de forma metódica e interligada, foi resolver, no pensamento científico, a divisão mística-mecanicista. Reich chamou o novo campo de ação de *Funcionalismo Orgonômico*. Reich, W. 1979, pp. 3-12.

essência, é compreendida nas suas várias funções e expressões energéticas; c) descrição das funções antitéticas como semelhantes e ao mesmo tempo diferentes; d) avaliação da energia, como um processo mais fundamental que a matéria. Considerando-se que a imediata percepção de qualquer função psíquica é qualitativa e, na prática, as qualidades tornam-se prioritárias às quantidades. Razão pela qual o processo de investigação funcional inicia-se pela descrição qualitativa das funções a serem estudadas. Também demonstra ser possível descrever com maior precisão as funções biológicas em termos de suas intensidades e qualidades, descrições estas que coincidem com a maneira como as perceberemos (Meyerowitz, 1985).

A abordagem qualitativa não exclui a questão quantitativa, mas nos permite demonstrar as relações e conexões existente entre as várias funções e o ponto de fusão entre a qualidade e a quantidade. Isto quer dizer que, cada função está intimamente relacionada uma com a outra, na medida que formam pares funcionais. A relação das duas funções (pares) faz-se por associação com uma terceira, mais ampla e profunda, que Reich chamou de *princípio comum de funcionamento* – CFP²⁰. Por ser uma função mais profunda, o CFP unifica as duas funções constituídas e sua qualidade determina a qualidade de cada uma das funções do par associado.

Isso pode ser ilustrado na biologia, através da observação da operação básica funcional na divisão celular (mitose): a ameba túrgida A (o CFP) após passar por uma convulsão plasmática divide-se em duas células filhas A1 e A2 (um par de funções). A ameba A desenvolve-se em amebas A1 e A2; sendo que a característica da primeira

²⁰ Passaremos a usar a sigla CFP sempre que mencionarmos o *princípio comum de funcionamento*.

determina a das outras duas. As amebas filhas, apesar de qualitativamente diferentes, individuais e independentes, relacionam-se, uma com a outra, por sua origem comum – o CFP. Reich (*apud* Meyerowitz, 1985) chamou esse raciocínio básico de *operação do desenvolvimento* (grifo nosso). Concluiu que, todos os sistemas na natureza são processos que se movem em direção ao desenvolvimento.

Considerou as funções dos sistemas naturais e dos sistemas criados pelo homem como um todo (whole), sendo que a função como um todo é determinada pelo princípio comum de funcionamento (CFP) que impregna todas as suas partes. Isso significa que cada função é um todo tendo como sua base o CFP. No entanto se a base é alterada, a função como um todo também será alterada. Meyerowitz (*id. ibid.*) afirma que a “quantidade das partes que constituem um sistema não tem relevância para determinar a função como um todo”²¹.

Ilustra essa questão com o exemplo da câmara fotográfica, ou seja, se uma câmara é construída com 160 peças e outra com 240, esse procedimento não modifica sua função como um todo que é ser uma câmara. Entretanto, explica que a variação das partes, a velocidade ou o consumo de energia, por exemplo, não podem afetar o CFP já que o todo ainda existe de forma específica. Em resumo, a função como um todo continua a existir desde que o CFP em direção às variações constituídas e entre as mesmas. As funções constituídas são consideradas variações porque nem sempre são perfeitamente idênticas. Um exemplo desse processo é a fusão das células germinais masculina e feminina que dão origem ao óvulo fertilizado. A operação de fusão cria uma nova unidade funcional. Também é importante pensar a relação das funções considerando algumas propriedades a elas intrínsecas, isto é,

²¹ Tradução livre do original “The quantity of the parts that constitute a system has no relevance in determining the whole function.” Meyerowitz, J. 1985, p. 103.

quando homogêneas ou heterogêneas. Quando as funções, desenvolvidas do princípio comum de funcionamento, são do mesmo tipo passam a ser consideradas homogêneas. A ameba mãe e as amebas filhas são exemplos de funções homogêneas e de variações simples. As funções heterogêneas apresentam tipos diferentes, como por exemplo, energia e matéria ou tempo e distância. Estas, mesmo sendo pares e originadas de um desenvolvimento comum, não interagem da mesma forma que as homogêneas, ao contrário, podem sofrer o processo de transformação.

Reich (1982:94-29), em suas investigações sobre a antítese da vida vegetativa, originalmente pensou que o prazer era proveniente da bioeletricidade. No entanto, após a descoberta da energia orgônica e a elaboração do pensamento funcional, ele compreendeu que a antítese da vida vegetativa tinha como base a pulsação dessa energia. Segundo Konia (1998:63) o pensamento funcional de Reich propiciou a solução para os campos clínico e biológico, pois a expansão e a contração formam pares funcionais e são variações de um princípio comum de funcionamento (CFP): a pulsação da energia orgônica. Entretanto, a pulsação é uma função mais profunda que suas variações. Konia (*id. ibid.*) questiona: Qual a função mais profunda que irá constituir o CFP da pulsação? Ou melhor, o que pulsa? A resposta correta para as duas perguntas é: *a excitação pulsa* (grifo no original). O autor ainda nos lembra que excitação e pulsação são provenientes de campos diferentes, isto é, o campo da excitação é mais profundo que o da pulsação. Bem sabemos que a excitação pulsa de duas formas alternadas, isto é, do centro para a periferia e desta para o centro. É deste movimento pulsatório da excitação, que resultam os pares funcionais: expansão e contração.

Entretanto, qual é o par funcional da excitação? Reich ao investigar os distúrbios específicos do processo esquizofrênico, pode compreender as implicações das funções

energéticas no mesmo. Daí resultou a descoberta mais importante do pensamento funcional de Reich, isto é, a compreensão que estas funções energéticas resumem-se em um único termo: "o contato". Concluiu que no organismo saudável a percepção e excitação ocorrem de forma simultânea; enquanto que nos estados biopáticos podem manifestar diferentes formas de perturbação do contato, dependendo do tipo de biopatia. Mais adiante trataremos dessa questão no bloqueio ocular. Este admirável *insight* possibilitou-lhe esclarecer que a excitação e a percepção constituem pares funcionais heterogêneos pois são qualitativamente diferentes.

O raciocínio de Konia (*id. ibid.*) permitiu- nos esclarecer algumas questões básicas, tais como: a) as funções da percepção e excitação são entidades físicas distintas; b) são funções primárias da energia orgônica; c) a percepção e a excitação ocorrem tanto no campo psicológico quanto no biológico; d) manifestam-se no início do processo vital (ver organização ontogenética da identidade); e e) o movimento da corrente da energia orgônica, isto é, a *corrente orgonótica*. Esta última foi identificada por Reich como o princípio comum de funcionamento- o CFP das funções da percepção e excitação.

Reich ao observar o processo de transformação das funções concluiu: "podemos assumir que o processo de criação espelha alguma lei natural básica".²² A lei básica da criação é o processo de fusão que determina a não ocorrência da dissociação. Também identificou, nos pares das funções, algumas formas de relação entre si, que podem apresentar oposição simples, ou seja, funções antitéticas que se atraem e coexistem. Por exemplo, no campo das diferenças de sexo, o macho e a fêmea aparecem como variações da mesma

²² Tradução livre do original "We must assume that the process of creation mirrors some basic natural law". Reich, W. *apud* Meyerowitz, J. 1985, p. 106.

mesma espécie, no entanto vivem um processo de atração e de coexistência. A outra forma de relação característica das funções antitéticas, é a oposição antagônica: uma função pode excluir a outra. No registro emocional, por exemplo, quando o organismo expressa ansiedade, exclui a sexualidade e, quando expressa raiva observa-se a ausência do medo. No registro da fisiologia do organismo, essa operação pode ser encontrada nas funções dos sistemas nervosos parassimpático e simpático que, muitas vezes, apresentam ações orgânicas antagônicas.

O processo do desenvolvimento é sempre contínuo e integrado pela característica funcional de seu CFP. Como já colocamos acima, a cada estágio do seu desenvolvimento, tal característica impregna todos os componentes como um todo. A *identidade funcional* (grifo nosso) de cada componente com seu CFP, determina a integração e a unidade de todas suas expressões no domínio da natureza. Possibilita também formular, de maneira correta, a descrição da natureza. Como ela é muito fluída, é necessário descrever suas transformações funcionais com precisão e definir o tipo de integração (identidade funcional) com o todo.

Ao usar o pensamento funcional como método de uma pesquisa temos sempre em mente, que apesar dos componentes de uma função sofrerem mudanças, continuam *integrados funcionalmente ao todo*. O conceito funcional "integrado no todo" não descreve um estado rígido, mas sim um processo. E, para compreender o todo como um processo, é necessário conhecer o estado atual das funções, bem como a maneira como se interagem, especialmente em suas transformações. Para identificar qual a *informação funcional a ser encontrada*, é necessário que se faça a formulação preliminar das funções a serem estudadas na investigação. E, principalmente, focar nossa atenção em certos aspectos do conceito que podem trazer erros ocultos.

O pensamento funcional propicia-nos instrumentos para resolver a questão da divisão corpo-mente. Dando-nos subsídios para pensar a organização da identidade em sua base biopsíquica, especialmente porque avalia as funções da excitação e da percepção, que embora entidades físicas distintas, operantes tanto no campo psicológico, quanto no biológico (Konia 1998:66). Isto quer dizer que ambas são funções primárias da energia orgone. A função da percepção, uma propriedade qualitativa, define a capacidade da energia orgone para perceber a si mesma; e a função da excitação, uma propriedade quantitativa, define a capacidade da energia orgone em seus movimentos espontâneos.

O procedimento da pesquisa, pode ser avaliado e compreendido em duas direções: investigar as características do registro funcional selecionado e seu desenvolvimento como um todo; ou, investigar estas características com a intenção de descobrir suas origens profundas, isto é, seu CFP. No primeiro caso, a investigação procede na mesma direção que o desenvolvimento das funções investigadas; no segundo, como vimos acima, a pesquisa pode iniciar com uma variação funcional e tentar encontrar seus pares funcionais com suas interações e características e, mais tarde, focar no descobrimento de seu CFP.

Para ilustrar esses dois tipos de investigação, citaremos alguns exemplos de Meyerowitz (*id. ibid.*). Segundo o autor, a investigação de Reich sobre o desenvolvimento das neuroses e da estrutura de caráter pode esclarecer as duas direções: se tomamos o sintoma neurótico como um CFP, a investigação procederá em direção ao sintoma e suas conseqüências, porém, se os sintomas são considerados variações, a investigação prosseguirá em direção à história estruturada do indivíduo. Os sintomas devem ser definidos em pares, como por exemplo, ansiedade genital forma um par com hipersexualismo. O CFP desses pares de sintomas, é a estase sexual e repressão sexual que, por outro lado, formam outro par

de variações ao investigar o CFP mais profundo, isto é, a ansiedade orgástica. Esses exemplos ilustram a imensa possibilidade de trabalhar o processo da investigação como um continuum sem perder a visão da unidade.

Após discutir, de forma bastante resumida, o pensamento funcional como um método de investigação, desejamos finalizar ressaltando um dos princípios básicos dessa nova maneira de se pensar a pesquisa, isto é, a posição do observador e do observado (o objeto da pesquisa). Como dissemos acima, Reich (1979) contestou, na perspectiva clássica, o distanciamento emocional do observador. Para ele, o observador e o observado ocupam um lugar na natureza, ou melhor, são duas naturezas que, embora diferentes, se subjetivam e objetivam uma na outra. Nessa perspectiva, ocorre uma sobreposição do natural com o científico, tanto no objeto observado, como no investigador. Melhor dizendo, se há uma natureza no observado, o investigador a torna científica, na medida que a divide, explica e questiona; transforma-a, enfim, em discurso científico. Portanto, a natureza passa a ser a função integradora entre o observador e o observado.

Tal integração depende do que Reich (1979:3-21) chamou de “contato orgonótico” (aspas nossas). Isto significa que a qualidade da investigação depende do contato do investigador com suas sensações orgânicas, as quais podem determinar a qualidade do próprio processo objetivo. Melhor dizendo, no trabalho científico o investigador expressa sua identificação com a técnica e teoria escolhidas. Entretanto, estas não podem estar separadas de sua natureza e seu caráter. Assim, um investigador com caráter rígido, pensa de forma mecânica e sua concepção da natureza (sua e do observado) é rígida. Segundo Reich (*id.*, *ibid.*) a natureza, para tal investigador, é concebida como uma máquina de produção, ao passo

que o investigador com caráter místico, pensa e explica sua investigação de forma mística, ou seja, a natureza é um fenômeno transcendental.

Atualmente, alguns pesquisadores refutam a idéia de distanciamento do investigador. Damásio (1994), por exemplo, acredita que o pensamento lógico e a habilidade analítica são atributos necessários para o cientista, mas estão longe de serem suficientes para o trabalho criativo. Segundo ele, a criatividade na ciência resulta da "fusão entre intuição e razão".

1.3 - Organização Ontogenética da Identidade

A identidade é um grande enigma, senão um dos maiores do foro da psicologia que, incansavelmente, tenta compreender e traduzir os segredos da vida emocional do ser humano. Partimos do princípio que ela se organiza na unidade funcional da relação psicossomática. Para tanto, é necessário que se elimine a dualidade corpo-mente e admita-se a existência de uma identidade funcional entre o campo somático e o psíquico. Segundo Reich (1994:286-354) o conceito de "identidade funcional" (aspas nossas) significa que as atitudes musculares e as atitudes caracteriais têm a mesma função no mecanismo psíquico. Isso quer dizer que estas funções podem se substituir e se influenciar, mas não podem se separar. E que a base dos processos psíquicos está sediada nos processos somáticos.

Seguindo a evolução da teoria de Reich, o período intermediário, foi marcado por dois fatos teóricos: a) a formulação de que existe uma oposição (antítese) entre as funções

psíquicas e somáticas sediadas no campo estritamente físico. Tal formulação foi um importante passo para a elucidação do enigma da percepção. b) Em 1939, o descobrimento da energia orgônica, como a base física do sistema vivo, proporcionou a compreensão do papel da energia no processo antitético dessas funções e como a percepção está imbricada em tal processo.

Reich (1976:444) observou que não existe coordenação nos movimentos do recém-nascido como uma função total, portanto, não há "intenção" ou "significado" nos seus movimentos. Somente quando se inicia a coordenação, é que se pode dizer existir uma consciência ou auto-consciência e, conseqüentemente, o sentimento de unidade do indivíduo. Constatou que a auto-percepção no recém-nascido funciona plenamente, mas não de forma coordenada e unitária. Seria como se as mãos e os olhos movessem por si mesmos, pois, ainda não desenvolveram a capacidade de se centrar em objetos. Da mesma forma, as pernas movem-se por si mesmas, como que desconectadas dos movimentos dos outros membros. A sua idéia é que existe algum tipo de *contato funcional* (grifo nosso) que vai, progressivamente, se estabelecendo entre os vários órgãos, de tal forma, que os vários contatos vão se coordenando em direção a uma total e unitária percepção do corpo.

A unidade perceptiva do corpo constitui a base da identidade. Definimos esta como o sentimento de unidade, autenticidade e singularidade que nos acompanha ao longo da vida. É o sentimento do nosso eu mais íntimo, através do qual nos reconhecemos. Ou a auto-percepção intransmutável que temos de nós mesmos da infância à velhice. Esta auto-percepção significa, no sentido dado por Descartes (*apud* Jolivet, 1963:580), o sentimento vivo de unidade ontológica. Esta unidade depende da coordenação entre a percepção e a

consciência, que por outro lado, também dependem do contato funcional que progressivamente se estabelece no organismo.

Como ocorre essa coordenação no processo ontogenético? O organismo origina-se do óvulo fertilizado, no qual a energia orgônica apresenta seu funcionamento elementar de expansão e contração. Nesse estágio, não existe ainda a antítese na relação psicossomática, mas simplesmente a pulsação plasmática. É dessa célula unitária que irão desenvolver as funções psíquicas e somáticas, – baseada no ritmo quadrifásico (four beat) da fórmula do orgasmo²³. De forma semelhante, a manifestação das funções psíquicas e somáticas, irão determinar a futura atividade unitária do organismo.

Entretanto, neste estágio do desenvolvimento, ainda não ocorreu a diferenciação entre essas duas funções. Konia (1985) coloca essa diferenciação da seguinte forma “...representa, no desenvolvimento embriológico, o estágio da blástula. O processo de diferenciação psicossomática ocorre somente a partir do estágio da gástrula”²⁴, ou seja, na organogênese, o primeiro semestre representa o desenvolvimento dos órgãos do corpo e os primeiros sinais do registro psíquico e somático. Para o autor citado, nesta fase, as funções emocionais primárias resumem-se na percepção do prazer e da ansiedade.

A partir do nascimento, o sistema psíquico e o somático já formam os dois troncos de uma organização unitária. Apresentam, nesta fase, as funções orgânicas e as funções emocionais de prazer-ansiedade. Apesar de diferenciados, mantêm em comum o processo

²³ Ver no presente trabalho p. 22.

²⁴ Tradução livre do original “...represents the blastula stage of embryonic development. From the gastrula stage onward, we see the process of psychosomatic differentiation taking place”. A gastrula é o estágio de alongamento do embrião. Konia, C. 1985, v. 19, n. 2, p.276.

bio-energético do organismo. A partir desse ponto, e durante alguns anos, as funções psíquicas e somáticas desenvolvem-se de forma independente e paralela. Reich nos explica, de forma muito clara, o desenvolvimento dessas funções:

“Pode-se observar, durante os primeiros meses de vida pós-natal, como as funções dos órgãos (movimento dos olhos, braços, pernas; segurar, sentar, etc.) tornam-se coordenadas umas com as outras numa totalidade; igualmente o prazer, a ansiedade e as reações de raiva, tornam-se também mais significativas, mais coordenadas e unificadas. Então segue-se, passo a passo, o contato entre os movimentos dos órgãos e a percepção dos órgãos, a reação dos órgãos à percepção e a reação da percepção aos movimentos dos órgãos”²⁵.

Quando estas funções tornam-se mais desenvolvidas, inicia-se, portanto, a organização da consciência e das funções psíquicas e somáticas. Estas funções antes independentes, passam então a se influenciar através da coordenação sinérgica. Quanto a essa coordenação, a teoria de Reich explica que a ação da coordenação sinérgica no psicossoma do indivíduo é um processo do corpo como um todo, cuja evolução processa-se dos movimentos sem intenção para os movimentos intencionais. Ressalta que:

“...com a coordenação da sensação individual que se transforma em percepção do corpo como um todo; e com a coordenação dos impulsos do

²⁵ Tradução livre do original “During the first few months of post-natal life one can observe how the organ functions (movements of the eyes, arms, legs; grasping, sitting up, etc.) become coordinated with each other into a totality, while, on the other hand, the pleasure, anxiety, and rage reactions also become more detailed, more coordinated, and more unified. Then follow, step by step, the contact between organ movements and organ perception, the reaction of the organs to perception and the reaction of the perception to organ movements. “Orgonotic pulsation”, Reich, W. 1944, *apud* Konia, C. 1985, v.19, n.2, p.277.

corpo com a percepção corporal, ocorre um processo que se desenvolve gradualmente e que chamamos de *consciência (grifo nosso)*²⁶.

O sistema energético do organismo é o provedor da excitação e da sensação que se transformam em percepção. É através da coordenação sinérgica que se desenvolve a consciência - responsável pelo sentimento de identidade. Por isso nossa afirmação que a identidade é uma propriedade da consciência. Quando não há consciência do corpo com suas características, como a forma, a estatura, a cor do cabelo e da pele, o sexo e muitos outros, existe alguma falha na auto-percepção e, conseqüentemente, no contato com o self. Esta falha afeta diretamente o processo de desenvolvimento da identidade. Este raciocínio nos faz compreender porque Reich coloca a função da consciência superior, não em termos de valor, mas no sentido que ela surge mais tarde e requer uma organização mais sofisticada do organismo.

Os vários órgãos continuam seu processo de desenvolvimento somático e, concomitantemente, inicia-se a diferenciação das funções prazer-ansiedade, das quais originam-se as três emoções básicas: prazer, ansiedade e raiva. A função perceptiva emerge paralela à organização funcional dos receptores de longo alcance como os olhos e os ouvidos. Em seguida o sistema sensório-motor do sistema nervoso central torna-se integrado na direção céfálico-caudal. Podemos esclarecer com Reich, a idéia de como a integração sensório-motora é progressiva e como dela depende a percepção unitária do organismo:

²⁶Tradução livre do original: "...with the coordination of the individual sensation into the perception of the total body; and with the coordination of the total body impulse with body perception, that gradually develops which we call consciousness". Reich W. 1994, p.445.

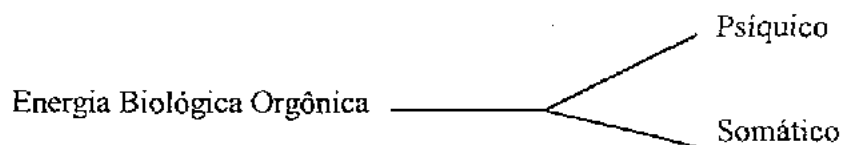
"Considerando-se a dependência da *auto-percepção com relação ao movimento plasmático*, podemos dizer que a *auto-percepção* no recém-nascido deve ser tênue e dividida em muitas experiências separadas do self, conforme o movimentos plasmático dos diferentes órgãos. Gradualmente *movimentos e percepção* tornam-se coordenados, de tal forma que o organismo move-se como um todo, até atingir a percepção total do self (AUTO-PERCEPÇÃO). Somente a partir daí, podemos falar de uma consciência plenamente desenvolvida" (grifos do autor)²⁷.

Mas, para Reich (1994), o grau de clareza e unidade da consciência, não depende tanto da intensidade da auto-percepção, mas, da completa integração dos inúmeros elementos da auto-percepção organizados em uma única experiência do self. Entretanto, a descoordenação do sistema perceptivo, como no caso do processo esquizofrênico, gera reações de desorientação e confusão.

A interdependência entre as funções mentais da percepção e consciência, na concepção de Reich (*ibid.*), está diretamente relacionada com a qualidade e grau de certos estados bio-energéticos do organismo. Isso significa que os processos psíquicos, a percepção, e os processos somáticos, a excitação biológica, são funcionalmente idênticos com uma função mais profunda que é a energia biológica orgônica. Para ilustrar esse raciocínio funcional Konia nos sugere a equação²⁸:

²⁷ Tradução livre do original "On the basis of the dependence of *self-perception on plasmatic motion*, *self perception* at birth would be dim and split up into many separated experiences of the self, according to the separateness of the plasmatic organ movements. Gradually *moviments* and *perception* become coordinated until the organism moves as a whole into one total perception of the self (= SELF-PERCEPTION). Not until then can we speak of a fully developed consciousness. Reich, W. 1994, pp.444-445.

²⁸ Retirado de Konia "Perceptual Function" em *The Journal of Orgonomy*, 1984, v.18, n.1, p. 83.



O diagrama acima demonstra que a energia manifesta-se nos pares funcionais: o psíquico e o somático. A energia biológica é idêntica à energia orgônica cósmica, que flui livre e em movimentos espiralados no vasto espaço da galáxia, porém foi capturada na membrana em minúsculas porções. Reich (*apud*. Davis, 1988:22) descreve o “comportamento” da energia “como não tendo significado, pois ela simplesmente funciona...”, mesmo que o resultado deste processo tenha sempre um significado para nós. Davis (*id. ibid.*) esclarece, que a energia orgônica, ainda na matéria-livre é lenta em seu movimento, o que lhe permite tomar a forma da matéria física, ou criar os sistemas orgônicos encapsulados. Os organismos vivos, limitados por uma membrana, são resultantes desse processo. O organismo humano constitui-se a forma mais desenvolvida deste encapsulamento. A energia, uma vez encapsulada, mantém-se circulando no organismo com as mesmas propriedades básicas de seu funcionamento original (livre no espaço).

O papel da membrana no sistema vivo, segundo Konia (1998:70) é um pré-requisito para a percepção, pois em todo o organismo a membrana biológica contém inúmeros receptores periféricos. Os inúmeros sistemas receptores permitem que a função da percepção, associada com a excitação, efetue o contato orgonótico tanto com o ambiente interno, isto é, dentro do próprio organismo, quanto com o ambiente externo – através dos receptores periféricos e, especialmente, dos órgãos dos sentidos.

O terceiro período ou o período final da contribuição teórica de Reich para a elucidação da organização da percepção inicia-se em 1947, quando ele estabeleceu o princípio: o homem está enraizado na natureza. Como também definiu ser a percepção uma função decorrente dos processos naturais. Esta definição não foi feita por acaso, mas a partir de seus experimentos com bions²⁹, quando conseguiu isolar flocos plasmáticos congelados. Nestes experimentos, observou, nos bions, a presença da energia orgônica capturada na membrana e organizada em sistema fechado. Então questionou se essas pequenas porções na corrente protoplasmática, já possuíam desenvolvida, a faculdade de perceber a si mesma, pois apresentavam reações a estímulos internos e externos; e atributos da matéria viva tais como: estrutura, pulsação, reprodução e crescimento.

Vejamos o raciocínio de Reich sobre a origem da função da percepção na energia elementar:

“Muitos anos devem ter passado, inimagináveis ao pensamento humano, antes mesmo da energia orgônica possuir um fluxo encapsulado em membranas, semelhante ao sangue em animais superiores; ela [a energia] começou a desenvolver a faculdade de perceber seu próprio fluxo, através das funções da excitação, expansão no ‘prazer’, e contração na ‘ansiedade’. Provavelmente foi dessa maneira que surgiu a primeira auto-percepção seguida, após um longo intervalo evolutivo, pelo encerramento do fluxo da energia física objetiva em membranas”.³⁰

²⁹ Experimento XX, cujo relato encontra-se em Reich, W. [1949] 1979:173-298.

³⁰ Tradução livre do original “A large number of years, unimaginable to human thinking, must have passed before this orgone energy, flowing within membranes in closed paths like the blood in higher animals, began to develop the faculty of perceiving its own flow, excitatin, expansion in ‘pleasure’, contraction in ‘anxiety’. Thus, the first beginnings of self-perception most likely ensued, following after a long evolutionary interval the objective streaming of a physical energy within membranes.” Reich, W. *apud.*, Konia, C. 1984, v.18, n.1, P.86.

Apesar de conceber a existência da energia orgônica como um continuum, Reich identificou que, na atmosfera, existem três correntes orgonóticas integradas e emergindo umas das outras: o fluxo cósmico, o fluxo encerrado dentro de membranas e, a primeira percepção do próprio fluxo, a qual chamou de *sensação orgonótica* (grifo nosso). Esclareceu que, funcionalmente, a manifestação da sensação como um movimento plasmático, é semelhante tanto nos seres vivos mais simples, quanto nos mais complexos como o sistema humano. A sensação orgonótica está claramente expressa no impulso da sobreposição sexual de todos os sistemas vivos.

Não pretendemos aprofundar a teoria orgônica de Reich, por ser um campo muito complexo e para não desviarmos do objetivo de nosso trabalho. É importante citá-la, no sentido de passarmos uma idéia de como ocorreu o procedimento da investigação da percepção em sua origem energética. Em síntese, o enigma da percepção para Reich, situa-se entre o subjetivo, expresso na função psíquica, e o objetivo, expresso no somático – ou melhor, na antítese da relação psicossomática. A antítese, nesse sentido, significa uma oposição dialética, necessária para o desenvolvimento, sem qualquer conotação patológica. Muito pelo contrário, são variações de pares opostos que se atraem e coexistem.

Quando compreendeu que o processo da esquizofrenia resulta da divisão entre a função da percepção e a excitação biológica, Reich (1994:399-503) trouxe uma contribuição fundamental para o estudo da percepção. Compreendeu a cisão esquizofrênica como uma divisão psicossomática e a expressão da antítese entre a excitação biológica e a percepção. Avaliou que a associação dessas duas funções são responsáveis pelo fenômeno do *contato* (nosso grifo) dentro do próprio organismo e, dele, com o ambiente externo. Sugeriu que a função da percepção subjetiva é tão real quanto a excitação objetiva que a acompanha.

A questão da falta de contato, decorrente da cisão do impulso, é muito importante para compreender as neuroses e a doença esquizofrênica. Ou seja, entre as demandas reprimidas e as forças defensivas repressoras, organiza-se uma camada da estrutura psíquica, qual Reich (*ibid.*, p.313) definiu como o fenômeno da *falta de contato* (grifo nosso). Reich compreendeu o conceito de contato, como uma função contínua dentro do organismo, que emerge da corrente excitatória da energia biológica orgônica. Descreveu o fenômeno da falta de contato, como uma manifestação psíquica rígida e estática, sem dinamismo e a comparou, figurativamente, com uma “parede” no sistema psíquico. Na realidade, ela resulta da contradição entre duas correntes do impulso, os quais pressionam em direções opostas. Os sentimentos, relacionados com a percepção desta contradição interna, são de “isolamento interno” e de “não sentir nada”. A percepção dualista dos esquizofrênicos é a manifestação direta desta condição. Outras manifestações deste paradoxo são clivagem e ambivalência. O sentimento de apatia pode ser resultante do “equilíbrio” criado por estas forças opostas.

O grau de gravidade do processo de cisão esquizofrênica, depende da extensão das couraças presentes em todo o organismo. Quando o organismo tem um grande número de couraças, a cisão é vivida com intensa ansiedade manifesta, e se expressa principalmente na confusão ideativa. Na ausência de couraças, a cisão vem acompanhada de distúrbios nos aspectos perceptivos, tais como dissociação e alucinação.

Embasado nessa nova visão do processo esquizofrênico, Reich constatou que o esquizofrênico mantém, em seu sistema, uma percepção aguçada e mesmo a excitação mantém-se preservada. Entretanto, a função da percepção atua separada da excitação

biológica, devido ao encouraçamento do segmento ocular*. Pois, a presença deste no organismo, perturba o contato entre as duas funções. A ausência de sensação é uma das conseqüência desse processo. Pois a sensação é produzida pela percepção da corrente de excitação no organismo. Para Reich (1979) "o que subjetivamente percebemos e o que chamamos de 'sensação dos órgãos' são movimentos objetivos do protoplasma. A sensação dos órgãos e a corrente plasmática são consideradas funcionalmente idênticas." Realizou, após a observação do processo de expansão e contração da ameba, que as funções básicas de expansão, no prazer, e de contração, na ansiedade, são funcionalmente idênticas no homem e nos organismos unicelulares como a ameba.

Reich ao tomar contato com o trabalho de Müller, realizado em 1931, sobre a ação antitética do sistema nervoso autônomo nos diferentes órgãos, pode compreender como ocorria a base fisiológica do processo antitético existente nas funções expansão-contração, e prazer-ansiedade. A partir desses estudos, compreendeu que existe uma identidade funcional entre a ação do sistema nervoso simpático (SNS) e o parassimpático (SNP). Ou seja, no primeiro, as reações simpáticas ou respostas de ansiedade são idênticas aos efeitos da adrenalina; no segundo, as reações parassimpáticas ou respostas prazerosas são idênticas aos efeitos da colina.

Na teoria sexo-econômica da antítese entre sexualidade e ansiedade, identificou a existir duas direções no fluxo da libido: 1) do centro para a periferia do corpo, provocando sensações genitais; 2) ou da periferia para o centro, provocando sensações de opressão

* Reich definiu que a couraça muscular esta organizada no corpo em sete segmentos, os quais representam contrações da musculatura do corpo, que se estabelecem na forma de anéis circulando a coluna vertebral. Eles são: o segmento ocular, o segmento oral, o segmento cervical, o segmento torácico, o segmento diafragmático, o segmento abdominal e o segmento pélvico. Reich, W. 1994, pp.369-390.

interna. Da mesma forma reconheceu, que a direção do movimento da excitação é análoga ao da energia, isto é, do centro para a periferia quando o impulso busca contato com o mundo e da periferia para o centro, quando este volta-se para o eu.

A importância do sistema nervoso, já ressaltada por Freud (*apud* Danchin, 1975) e Reich (1982), tem sido confirmada pela biologia contemporânea. Danchin (*ibid.*:185), biólogo francês, resalta que este sistema permite ao indivíduo uma complexa interação, ou homeostase, com o ambiente externo. Por ser um sistema puramente regulado, segundo o autor, sua função consiste em integrar os dados adquiridos, que são feitos por uma série de sistemas receptores especializados (os órgãos sensoriais e diversos sistemas de medidas do metabolismo) e transformá-los em ações apropriadas (órgãos motores, comandos hormonais do metabolismo). Danchin explica-nos, que os experimentos sobre privações sensoriais da visão e audição, especialmente, no período de maturação individual, comprovam a possibilidade de uma degeneração na integração dos diferentes influxos nervosos, no nível das células do córtex visual e auditivo. Para ele, o ambiente externo esculpe pouco a pouco a massa cerebral, e quando há uma resposta estável ocorre uma adaptação adequada.

Para a escola de orgonomia³¹ a integração do soma e do psíquico também é efetuada primariamente pelo cérebro. Quando há um encouraçamento muito severo nesse órgão, ocorre a desintegração dos aspectos psíquicos e somáticos do biosistema, inclusive da função da percepção. Konia (1984) compara a cisão esquizofrênica com a dissociação histérica, da seguinte forma:

³¹ A escola da orgonomia tem como seu fundador Reich, e entre seus muitos seguidores Baker, Konia e outros autores citados nesse estudo.

“...a cisão esquizofrênica é de longe mais grave, pois envolve inclusive os centros vegetativos profundos do parênquima cerebral. Em contraste, o processo de dissociação histérica efetua-se em um nível mais avançado de organização e envolve uma perturbação da consciência”.³²

Nesse estudo, Konia (*id. ibid.*) sugere que o cérebro funciona como o órgão integrador da associação e dos vários impulsos sensoriais que afetam esse processo, inclusive o da dissociação, bem como todos os processos psíquicos dos quais emergem os pensamentos. Ele acredita que a escolha do termo “associação livre” (aspas do autor), feita por Freud³³, como a modalidade terapêutica da psicanálise, traz uma convicção, do mesmo, que o cérebro não é somente uma fonte de idéias, mas funciona para associar e integrar percepções, sensações e emoções, que emergem do organismo.

A importância do cérebro como órgão integrador já havia sido ressaltada por Reich: “A falta de percepção está, sem dúvida, ligada a um bloqueio bem definido na região da base do cérebro, especialmente no nervo ótico, expresso no típico olhar esquizofrênico”³⁴. Acreditamos, que em certos processos neuróticos e principalmente nos casos fronteiros, ocorra algum nível de bloqueio na base do cérebro, o que compromete e torna deficiente, em algum grau, a função da percepção.

Quando Konia compara o processo de cisão na esquizofrenia com a dissociação na histeria, ele quer dizer que no primeiro, nos casos muito graves, há uma desintegração dos

³² Tradução livre do original “... the schizophrenic split is of a far more profound degree, involving vegetative centers deep in the brain parenchyma. In contrast, the process of hysterical dissociation takes place at more advanced level of organization involving a disturbance in consciousness.” Konia, C.1984., v.18, n.1, p.84.

³³ Ver Freud, S. “Various Meanings of ‘The Unconscious’ – The Topographical Point of View”, *On Metapsychology The Theory of Psychoanalysis*, Londres, Penguin Books, 1987, p.174-178.

³⁴ Tradução livre do original “ This lack of perception is undoubtedly linked to a definite blocking in the region of the base of the brain, especially in the optical nerve, as expressed in the typical schizophrenic look.” Reich, W. 1994, p.440.

processos psíquicos por uma falha de contato entre a excitação e a auto-percepção. Na histeria, a função mais afetada é a consciência, mas acreditamos que também pode ocorrer um enfraquecimento da função da auto-percepção.

A observação clínica dos casos severos de esquizofrenia, feitas por Reich (1994), possibilitou-lhe obter elementos para compreender a forma como se processa a desintegração progressiva do biosistema. Em sua concepção, o portador dessa doença funciona literalmente através da percepção de suas inúmeras partes, embora não tenha consciência disso. Pode-se observar nos esquizofrênicos, que os olhos expressam medo ou apresentam-se sem vida, enquanto que a boca pode mostrar uma expressão fixa de raiva; os braços e as pernas podem mover-se de forma descoordenada. Isso faz com que o esquizofrênico perceba partes de seu corpo como se não lhe pertencesse, como tivessem vida própria ou composto de partes separadas.

Como acima falamos, o grau da falta de integração entre a percepção e a excitação biológica, pode provocar no indivíduo uma psicose avançada ou um processo de despersonalização. Em tais casos, a excitação orgonótica e a sensação dos órgãos são percebidas como externas, o que indica haver uma falha na percepção unitária do self. O conceito de self, segundo Konia (1990:78), pode ser definido bio-energeticamente como um componente do biosistema, no qual as sensações orgânicas são intensamente experienciadas. O organismo orienta-se desse locus. Melhor dizendo, a experiência do self depende, de certa forma, dos aspectos qualitativos (percepção) e quantitativos (excitação) das sensações orgânicas. Ou ainda, a qualidade da experiência do self é determinada pela integração dos aspectos quantitativos e qualitativos das sensações orgânicas.

Já Rychlak (1997:8), no seu estudo sobre a consciência, define self, como um predicado da identidade pessoal construída durante o processo de maturação. Concordamos com ele parcialmente, pois sua perspectiva coloca a noção do self como construída de fora para dentro, ou seja, das experiências pessoais como também das opiniões e impressões recebidas dos outros. Resume esse conceito na tomada de consciência de si mesmo. No entanto, nossa definição do conceito de self tem uma base mais profunda, pois o relacionamos diretamente com o processo de organização da função da percepção e da auto-percepção, nos quais atuam as experiências vividas e as impressões externas. Sugerimos que a organização da percepção do self, como uma unidade, está intimamente relacionada com o sistema ótico e o segmento ocular. Temática que vamos discutir mais adiante.

Reich (1979:3-51) e Konia (1981:250-262) nos ensinam que a base somática das faculdades psíquicas está na associação entre excitação e a percepção. A percepção é, quantitativamente, mais intensa quanto maior for sua integração nos sistemas superiores. E a consciência surge, quando o organismo atinge um nível de maior organização. A experiência do self, como unidade, depende da integração funcional das várias percepções divididas e localizadas nos órgãos, que ao se unificarem no processo de síntese, tornam a percepção do self única e total. O estabelecimento dos bloqueios, nos diferentes estágios dessa organização, pode interferir qualitativamente na organização da percepção como um todo. Sobretudo, quando ele impede o livre fluxo da energia e interfere no aumento quantitativo da excitação orgonótica, provocando a redução da auto-percepção e afetando diretamente a consciência.

A topografia do sistema biopsíquico é composta do somático e do psíquico, ou do corpo e da mente. Considerando-se as diversas e autônomas funções que compõem esta

relação psicossomática, Konia (1998) sugere uma definição funcional para o psíquico (mente): "...é idêntico às funções unitárias da energia do organismo no domínio da percepção"³⁵. Estas funções não se restringem somente ao processo psíquico, mas estão a serviço do organismo como um todo. Mesmo porque a interação do indivíduo com seu ambiente, depende da intensa organização destas funções psíquicas e do contato com as zonas erógenas, localizadas nas extremidades do corpo³⁶. Este é o campo psicológico, no qual ocorrem os distúrbios psíquicos. De forma semelhante Konia (*id. ibid.*) define o soma (corpo) "um lugar circunscrito ou as funções que compõem o organismo"³⁷, estas são: o sistema orgânico, os órgãos, as células e organelas celulares, e as interações funcionais e fisiológicas que constituem o biosistema como um todo. As biopatias somáticas, província da medicina, decorrem do encouraçamento de qualquer segmento do organismo humano.

Em geral, essas funções apresentam-se em pares funcionais. Em certos registros, os pares de funções podem ser idênticas; em outros podem ser divergentes ou paralelas, isto é, independentes umas das outras; ou podem ser convergentes quando se atraem e se influenciam no princípio da antítese. Ou a convergência de opostos que coexistem. Reich definiu que as funções da percepção e da consciência, apesar de não serem idênticas, funcionam, na organização psicossomática do organismo, de forma interdependente e complementar.

Acima falamos que a consciência, em sua organização ontogenética, organiza-se no

³⁵ Tradução livre do original "is identical to the unitary energy functions of the organism in the perceptual realm". Konia C. 1998, v.32, n.1, p.74.

³⁶ Já anteriormente mencionadas, as zonas erógenas são os olhos, os ouvidos, a boca, a genitália e os órgãos dos sentidos sediados na superfície da pele, etc.

³⁷ Tradução livre do original "the soma ('body') corresponds to local or componentes functions of the organism." Konia, C. 1998, v.32, n.1 p.74.

ser humano mais ou menos quando o bebê completa um ano de idade, e decorre da integração dos movimentos e percepções do sistema sensorio motor na direção cefálico-caudal. É a partir desta integração, progressiva, que emerge o sentimento de unidade. Konia (1981:261), tomando como base a teoria de Reich, elabora a hipótese de que a base fisiológica da consciência está na formação reticular do tronco do cérebro, o qual é o principal responsável pela reação do despertar.

Então, como se define a inconsciência na perspectiva funcional? A hipótese funcional de Konia (*ibid.*:258.), na perspectiva da interdependência entre a consciência e a auto-percepção, sugere que a expressão unitária do movimento orgonótico do plasma, pode ser considerada como a base física da consciência. Já Freud³⁸ (1987 [1923]) definiu a consciência como a *superfície* (grifo do autor) do aparato mental, isto é, ela funciona como o primeiro sistema a ser atingido pelo mundo externo tanto espacialmente, quanto anatômicamente. Esta superfície perceptiva, segundo ele, é composta de todas as percepções recebidas de fora (percepções sensoriais) e do interno (sensações e sentimentos). Topograficamente falando, o inconsciente de Freud no sentido tópico, é constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente e consciente pela ação do recalque (Laplanche e Pontalis, 1997).

No entanto, Konia (*id.*, *ibid.*) compreende o inconsciente, tanto no sentido fisiológico quanto psiquiátrico, como uma desintegração orgonótica das percepções sensoriais que entram divididas no cérebro. Esta divisão é provocada pela couraça, que vai gerar a falta de contato psíquico. Nesse sentido, o fenômeno da inconsciência é conseqüente da falta de

³⁸ Freud na *Metapsicologia* e em seus estudos sobre a consciência e o inconsciente, especialmente no *O Id e o Ego*, esclarece o papel da percepção na estrutura psíquica.

contato. Este fenômeno pode ser compreendido dentro de duas perspectivas: a) proveniente de causas orgânicas; quando ocorre a interrupção total de entrada (input) sensorial no sistema reticular; b) proveniente de causas psíquicas, usualmente parciais, quando a entrada (input) reticular sofre redução seletiva (Konia, 1981:258). A redução seletiva é decorrente da ausência da organização dos elementos perceptivos, causados, quando não há lesão física, pela couraça nos segmentos. Nesse caso, a percepção das emoções e das sensações orgânicas, originadas dos segmentos encouraçados, tornam-se separadas da experiência unitária do self, perturbando a consciência das mesmas.

Quando Reich identificou a base biofísica das neuroses e constatou ser possível interferir objetivamente nos conflitos psíquicos através do desbloqueamento das couraças, fez uma revolução no campo clínico. A couraça interfere na percepção, provoca sua fragmentação e divide a percepção unitária do self. O caráter neurótico é a expressão dessa divisão. Com a dissolução das couraças, pode-se restabelecer o funcionamento da percepção e da consciência. Resumidamente, podemos afirmar que cada tipo de couraça determina o aspecto qualitativo da percepção. Quando se admite a íntima associação entre a percepção e a excitação, não se pode pensar as funções psíquicas separadas do organismo como um todo. Pode-se dizer, que a intensidade da excitação e sua percepção subjetiva são funcionalmente responsáveis pela memória, racionalidade, cognição, associação e muitas outras funções psíquicas associadas à consciência.

Reich (1994-286-354) compreendeu como a couraça, gradualmente, afeta a função da consciência e suas manifestações como o pensamento racional, associação de idéias, atividades motoras especializadas, expressões artísticas, expressões emocionais, sonhos e muitos outros atributos da identidade do indivíduo. Mesmo outras propriedades da

consciência, como a noção de tempo e espaço, dependem da integração dos componentes da percepção diretamente ligados ao funcionamento do sistema da visão.

Dissemos anteriormente que identidade é uma propriedade da consciência, tal afirmação nos leva a considerá-la uma "bússola" - no sentido figurado -, que orienta o eu do indivíduo em relação ao seu próprio self e ao mundo externo. Se a integração do eu depende da unidade de todos os processos corporais e psíquicos, a consciência dessa integração expressa a identidade autopsíquica ou orientação da interioridade, e a alopsíquica ou orientação da exterioridade.

Finalmente, a compreensão ontogenética do sistema biopsíquico, cuja coordenação de todos as funções psíquicas e somáticas organizam a identidade, nos faz lembrar a unidade de uma peça musical que também resulta da integração e fusão de várias notas. Através da associação das notas, criamos as estruturas harmônicas, que formam, a base para a melodia que nos impressiona e comove, base esta, que também é música. Imaginamos que a identidade é como a melodia que impressiona e é impressionada por vários processos - a excitação bio-energética do organismo, a percepção e o contato com a excitação que se integram em uma única função, a consciência. Estas funções formam a base da identidade e a geram. Para impressionar é necessário que haja uma exteriorização. Essa idéia leva-nos à questão de como é a exteriorização da identidade? Pretendemos responder essa questão em seguida.

1.4 - Aspectos da Exterioridade da Identidade: Caráter e Personalidade

O ser humano não é um sistema isolado que funciona somente em si e para si mesmo. Ao contrário, depende, de forma bastante significativa, de sua interação com o mundo externo para que possa se desenvolver e se aprimorar como pessoa. É no mundo que ele expressa seu "eu" ou sua "identidade" pessoal de forma contínua. Compreendemos que a exterioridade da identidade, ou sua função alopsíquica, expressa-se no caráter e na personalidade. Os dois aspectos também nos revelam as condições de como a identidade pessoal está organizada.

Para tanto devemos observar o funcionamento energético do organismo baseados nas premissas, até agora discutidas, da teoria de Reich, tais como: 1) A interdependência entre o psíquico e o somático, levando em consideração a natureza protoplasmática do indivíduo (explicaremos adiante), que de certa forma, é semelhante ao que a psicologia clássica chama de dados psico-fisiológicos proveniente da dialética entre hereditariedade e maturação; 2) A situação do ambiente no qual o indivíduo desenvolve suas formas de comportamentos ou caráter, ambiente esse, que age na qualidade de fator social e cultural.

Partimos, portanto, do pressuposto que existe uma unidade biopsíquica, ou seja, as funções mentais resultam das funções da excitação e percepção provenientes do funcionamento do *core*³⁹ bio-energético. A impressão que o organismo recebe e a expressão que ele emite são percebidos e conscientizados através do movimento ou circulação da energia orgônica do centro para a periferia do organismo ou vice-versa.

³⁹ Core é o sistema nervoso vegetativo do qual emergem os estímulos involuntários que mantêm o funcionamento do organismo (Baker, 1980:xxvii). A tradução de core, mais perto do sentido dado por Reich, seria "núcleo biológico" ou "vital", entretanto, por ser um termo teórico estabelecido pelo autor, decidimos usar a palavra inglesa grifada.

Reich (1978:224-268), considerando a existência de uma unidade entre o psique-soma, sugeriu que a estrutura biopsíquica, quanto ao aspecto da reação humana, origina-se de três níveis: 1) O *core* registro da natureza do indivíduo – compreendida como a unidade das funções psíquica e somática. 2) A camada secundária, o registro do caráter, na qual fixa-se a couraça caracterial, e consiste nas atitudes que o indivíduo organiza ao longo de seu desenvolvimento para se defender da ansiedade e do medo. Esta é funcionalmente idêntica à couraça muscular. 3) A camada superficial ou aparência, o registro da personalidade, ou a maneira como nos apresentamos e nos relacionamos com o mundo.

Apesar de estarmos definindo, separadamente, as funções de cada camada emocional, é importante termos em mente, que o organismo funciona como uma unidade e que existe uma atividade contínua e integrada entre as três camadas. Segundo Reich (1980:xi), elas são depositárias do desenvolvimento social e funcionam de forma autônoma, isto é, na presença da couraça perdem o contato com o *core* biológico mais profundo.

A personalidade, compreendida por Reich (*ibid.*) como a camada social do homem comum, traz expressões como reserva, polidez, compaixão, conscienciosidade e cooperação, as quais nem sempre traduzem o contato com o próprio self, pois funcionam como máscaras sociais. São meras engrenagens de convívio social que se sobrepõem aos sentimentos da camada secundária. Reich identificou esta camada com o “inconsciente” (aspas do autor) de Freud. Na camada secundária, como no inconsciente, residem os sentimentos de crueldade, sadismo, inveja, lascívia, ciúmes e muitos outros. A tais sentimentos Reich chamou, na linguagem sexo-econômica, de “impulsos secundários” (aspas do autor). No entanto, quando a expressão do organismo brota diretamente do *core* expressa graça natural, serenidade, confiança e honestidade.

A idéia de que os sentimentos da camada secundária são sobrepostos pelos da camada superficial, explica muitos ditos populares como “homem de duas caras” ou “a máscara de bondade esconde muita violência”, e outros. São juízos que emitimos a partir das impressões que os indivíduos nos causam. Traduzem nossa percepção de dois comportamentos opostos (verbal e não-verbal) expressos pela mesma pessoa, ou melhor, a apreensão de dois aspectos emocionais da personalidade. Estes juízos caracterizam a percepção das expressões antagônicas inseridas nas máscaras sociais.

Na questão da diferença entre caráter e personalidade Reich (1978:285:354), em sua descrição original, usa os termos algumas vezes de forma específica e outras vezes como se substituíssem. No entanto, foi Baker⁴⁰ quem expandiu essa diferenciação. Vejamos como ele a descreve:

“A Segunda, ou a grande camada mediana presentes na personalidade ou aparência social, é normalmente muito complexa, pois muitas subcamadas acumulam-se umas sobre as outras, até que seja alcançada a adaptação social. A qual está representada como a aparência social ou personalidade. A personalidade é, então, o resultado final de todas as restrições sociais e educativas impostas sobre a natureza humana originalmente saudável - o *core*... Ao se relacionar com o ambiente externo, muitas vezes, a aparência social contém em si um ou mais traços básicos de caráter”.⁴¹

⁴⁰ Elsworth F. Baker foi discípulo de W. Reich e, por ele, designado para dar continuidade ao ensino e pesquisas das ciências orgonômicas nos Estados Unidos. Fundou The American College of Orgonomy, no início dos anos 60 hoje funcionando em Princeton, USA. Estabeleceu em 1967 e editou a primeira publicação do *The Journal of Orgonomy*.

⁴¹ Tradução livre do original “The second or great middle layer usually very complex; many sublayers pile one on another until a social adjustment has been reached which is presented as the social façade or personality. The personality is, then, the end result of all the social and educational restrictions placed upon the original healthy core. The social facade contain one (sometimes more) basic character trait as its means of meeting the environment”. Baker, E. F. 1980:62.

Esta afirmação de Baker, nos mostra que o caráter contém aspectos mais fundamentais do funcionamento humano e é mais profundo que a personalidade. Tanto quanto o caráter, a personalidade, no sentido ético, também mantém sob seu controle os impulsos e emoções que se originam da camada secundária. Segundo Crist (1993:48-60) as máscaras ou aparências da personalidade não ocorrem de forma isolada, pois têm suas raízes no caráter ou camada secundária.

Considerando-se a linguagem vernacular como uma das expressões energéticas do organismo humano, podemos compreendê-la como traduções das diferenças existentes entre o caráter e a personalidade. Vejamos suas origens, segundo o dicionário de Aurélio, caráter tem sua raiz na palavra grega *kharakter*, o qual descreve: uma qualidade inerente a uma pessoa, o modo de ser, de sentir e de agir, gênio, humor, temperamento e outros; e ainda podemos acrescentar os traços e características naturais ou artificiais de uma pessoa. Enquanto que, a personalidade, origina-se da palavra latina *personalis* e significa: qualidade do que é pessoal, pessoalidade, individualidade ou uma maneira habitual de ser. Já o dicionário Webster define personalidade, como os padrões organizados de comportamento característicos de um indivíduo; existência autoconsciente de um ser humano, identidade pessoal.

Reich (1994:362) definiu, com muita propriedade, a atitude de caráter como as atitudes ou comportamentos do indivíduo adulto. Ou seja, traduzem a *expressão total* de um organismo, literalmente o mesmo que a *impressão total* que ele nos causa (grifos do autor). Certos valores éticos e qualitativos contidos em expressões como “bom caráter” ou “mau caráter”, somente traduzem a impressão que um organismo causa no outro.

Tanto o caráter como a personalidade expressam aspectos fundamentais da unidade funcional do organismo. Quando falamos em aspectos fundamentais estamos nos referindo ao funcionamento energético das três camadas, a *core*, a camada mediana e a aparência, em constante interação. A interação dinâmica das três camadas processa-se, no nível interno, através da corrente orgonótica do impulso emocional que brota do *core* e produz a excitação no organismo; a percepção psíquica (subjetiva) dessa excitação organiza-se na consciência e pode variar conforme a qualidade de contato que se estabelece com o self. Melhor dizendo, se a *courça* caracterial, camada mediana, não está totalmente estruturada, como na criança e no adolescente, os distúrbios psíquicos se manifestam através de comportamentos e não de atitudes de caráter. Quando as atitudes de caráter tornam-se padrões de comportamentos fixados ou congelados, o indivíduo torna-se incapacitado de perceber conscientemente os comportamentos emitidos.

Após a observação de nosso objeto de estudo – o grupo de adolescentes criadas em orfanatos cujos comportamentos estaremos discutindo no segundo capítulo – ocorreu-nos uma questão: Como se explica certos fatores inerentes nos comportamentos, os quais independem da permissividade do ambiente no qual o indivíduo cresce, mas que ressaltam na organização de seu caráter? Não sabemos se conseguiremos responder inteiramente esta questão, porém, encontramos algum esclarecimento para ela em um recente artigo, no qual Konia (1989:74-75) desenvolve a idéia de Reich sobre os determinantes na formação do caráter. Segundo Konia (*id. ibid.*) os determinantes do ambiente explicam boa parte dos elementos que concorrem para a formação do caráter mas, entre vários outros, os fatores protoplasmáticos estão claramente presentes em todos os indivíduos.

O que Konia chama de fatores protoplasmáticos parece-nos, de certa forma, semelhante ao que é inato no indivíduo. Mas o inato, neste contexto, é compreendido como plástico, dinâmico e sofrível de transformação. Compreendemos que os fatores protoplasmáticos são determinados, não só pela carga genética que cada um traz em si, mas, também, pelas modificações sofridas por esse organismo na vivência intra-uterina. Ou seja, a relação do feto com o ambiente interno do organismo materno, possivelmente, pode determinar o fortalecimento de algumas funções, ou o enfraquecimento de outras. Não podemos ir além dessas conjeturas, pois o mistério e a complexidade da vivência biopsíquica intra-uterina já consiste em extenso tema de pesquisa, o que não pretendemos fazer nesse estudo. Vejamos como Konia explica sua concepção dos fatores protoplasmáticos:

“...essas características interagem-se com o ambiente e determinam a formação definitiva do caráter do indivíduo. (...) os indivíduos mais desenvolvidos, com respeito a *certas funções protoplasmáticas*, são aqueles que, possivelmente, irão desenvolver um traço de caráter ligado a ele. Pessoas que desenvolvem esquizofrenia, por exemplo, são aquelas nas quais a função perceptiva é, *inerentemente*, a mais desenvolvida. Enquanto que as que formam o caráter fálico narcisista, possuem fortes impulsos agressivos externamente dirigidos. Assumimos que estas tendências protoplasmáticas já estejam totalmente desenvolvidas e intactas, por volta do último trimestre da vida intra-uterina. Visto que esses impulsos são os mais exacerbados, eles serão os primeiros a serem utilizados pelo recém-nascido na sua interação com o ambiente. Se o ambiente é hostil, estes impulsos serão *usados de forma defensiva*, especialmente, porque são as funções mais fortes” (grifos

do autor).⁴²

Estas diferenças qualitativas e inatas podem ser compreendidas, sem cair em um reducionismo simplista, como um exagero dos traços normais que se transformam em traços patológicos; talvez resultem da força orgonótica do impulso, que ao ser impedida pela couraça, busca se expressar e preservar o equilíbrio do organismo, inventando novas formas de comportamentos. Podemos ilustrar, no caráter compulsivo e fállico, a idéia do traço normal que se transforma em patológico (Konia, *id. ibid*). Inicialmente, no decorrer do desenvolvimento infantil, o comportamento compulsivo torna-se altamente organizado conforme suas necessidades biológicas. Entretanto, as exageradas pressões que ele sofre na prática do controle esfinteriano, desenvolve os sintomas compulsivos obsessivos. O fállico, a princípio, interage com a mãe de forma vivaz e agressiva, porém, as constantes frustrações desses impulsos podem transformá-los em aspereza e agressividade fria.

Assim vemos como a reação de sobrevivência ao ambiente externo transforma, a base positiva do protoplasma do organismo, em funções defensivas que tornam-se exageradas e se organizam nas formas de caráter. Obtivemos alguns dados, na observação realizada com as adolescentes, que nos levam a acreditar, que a criança só sobrevive de certa forma saudável, junto a um ambiente hostil, quando ela é capaz de utilizar, como forma defensiva, a função

⁴² Tradução livre do original "These characteristics interact with the environment and determine the final formation of an individual's character. ...individuals who are most developed in regard to a *certain protoplasmic function* are those most likely to develop a character trait related to it. Individuals who develop schizophrenia, for example, are those in whom the perceptual function is *inherently* most highly developed. Those who become phallic narcissistic characters possess strong, outwardly directed, aggressive impulses. We assume these protoplasmic tendencies are already fully developed and intact by the last trimester of intrauterine life. Since these impulses are the most developed, they will be the first utilized by the newborn precisely because they are the strongest function. If the environment is hostile, these impulses will be *used in a defensive manner* precisely because they are the strongest functions" Konia, C. 1989, v.23, n.1, pp.74-75.

protoplasmática mais desenvolvida. Konia acredita que os efeitos dos determinantes sociais na formação do caráter só se tornam altamente significativos, quando agem sobre o protoplasma de forma ameaçadora. Por um lado, a função do protoplasma a priori é de afirmação da vida, e por outro, traz em si a necessidade de respostas positivas e adequadas do ambiente. A idéia, acima sugerida por Konia, permiti-nos uma nova compreensão da organização do caráter e das linguagens utilizadas nos processos defensivos. Assim podemos resumir: a criança, para lidar com seu ambiente e por uma necessidade de adaptação, utiliza como forma de sobrevivência as funções biopsíquicas mais potentes.

Sob condições favoráveis, o caráter genital (Reich, *ibid.*: 169) funciona de forma saudável, no sentido de haver coerência entre as expressões dos comportamentos e os impulsos originados do *core* -, nesse caso ocorre uma íntima integração entre o sentir e o expressar. Nesse caráter, o organismo não perde a capacidade de descarregar a energia da excitação. Na forma patológica ou caráter neurótico, o sistema se organiza para conter ou desviar a energia do impulso. Como ocorre esse processo?

Bem sabemos que a criança, até os três anos, não tem defesas psíquicas suficientemente organizadas para lidar com as frustrações que seu ambiente lhe impõe. As ameaças externas são vividas biofísicamente pela criança, afetando seu eu em desenvolvimento e, quando muito intensas, tornam-se uma ameaça à sua própria vida. Ela utiliza o próprio corpo como mecanismo de defesa, inibindo a respiração, para diminuir a excitação emocional e contraindo a musculatura, para inibir a motilidade do organismo. Esse processo provoca um estado temporário de encouraçamento, sentido, no nível psicológico e emocional, como frustração.

Quando o ambiente é favorável, a inibição do organismo é removida, não ocorrendo seqüelas. Potencialmente, o caráter genital possui a capacidade de descarregar a energia, anteriormente inibida, em atividades motoras. Entretanto, quando a expressão do impulso emocional sofre repetidas inibições, decorrentes de impedimentos externos, a energia então passa a ser contida permanentemente e o encorajamento torna-se crônico. Neste, o antagonismo, entre a força interna do impulso e a força inibitória provocada pelo mundo externo, é substituído pela internalização da ação das forças antagônicas (Reich, 1994). A internalização das forças opostas é responsável pela contração muscular crônica. Assim podemos dizer que a cronicidade da couraça é a causa inicial do caráter, o qual, mais tarde, torna-se sua própria expressão. A finalidade da couraça, na sua essência, é bloquear a genitalidade. No nível do comportamento, produz falta de concentração e incapacidade de descarregar completamente a energia no campo da afetividade e do trabalho produtivo.

O limite entre caráter e personalidade é, de tal forma sutil, que muitas vezes, é impossível estabelecer a diferenciação entre os dois. Vejamos como alguns estudiosos do assunto definem a personalidade. Para Schilder (1977:19) sempre existe uma personalidade que experimenta a percepção, portanto, ela consiste em um sistema de ações e tendências à ação. Essas ações são formas de comportamento que o indivíduo utiliza para "se conduzir" no processo de adaptação. Acrescentamos, à definição de Schilder, que o processo dinâmico da personalidade é a organização das tendências protoplasmáticas já desenvolvidas, que se integram com as identificações eleitas no processo de socialização e sintetizam-se nos comportamentos ou ações. Erikson (1968:108) ressalta que o ser humano em seu corpo, é

alguém⁴³, o que significa uma personalidade indivisível. Para ele, a reunião da anatomia, história, e personalidade são nosso destino. Segundo Allport (*apud* Filloux, 1966:55) “A personalidade é a organização dinâmica dos sistemas psicofísicos no indivíduo, que determinam as suas adaptações singulares ao próprio meio”. Já Filloux (*ibid.*, p.13) define: “...a personalidade é a configuração única assumida no decurso da história de um indivíduo, pelo conjunto de sistemas responsáveis por seu comportamento”. Se juntarmos estas definições teremos: a personalidade é a organização dinâmica das funções biopsíquicas que, no decurso da história do indivíduo, configura-se em um conjunto de sistemas de ações e comportamentos para definir sua forma de ser, ou expressar as maneiras como se apresenta ao mundo. Assim podemos dizer que o caráter fálico narcisista expressa uma personalidade agressiva, ou que o caráter compulsivo expressa uma personalidade obsessiva. As ações mais vitais de seus comportamentos nos indicam sua personalidade.

Algumas reflexões de Filloux, acima citado, nos possibilitaram definir certas características da personalidade. 1) A personalidade é única; e indica a existência de uma organização da auto-percepção e da identidade pessoal, próprias de um indivíduo, embora este possua traços comuns com outros. 2) A personalidade não é somente uma soma de funções, mas, também, uma *organização*, uma *integração* (grifo nosso); mesmo que essa integração nem sempre chegue a ser realizada, é uma tendência integrativa ou um centro integrador. 3) A personalidade é temporal, visto pertencer a um indivíduo que vive historicamente. 4) A personalidade apresenta-se como um condutor que é a própria variável pessoal, e se afirma como um estilo singular de comportamento próprio de cada indivíduo.

⁴³ Erikson faz o trocadilho em inglês com *body* (corpo) e *somebody* (alguém).

As funções da percepção e consciência organizam o eu interno, enquanto que a energia biológica orgônica (o CFP) é a força dinâmica que age continuamente nessas funções organizadoras, para manter a unidade do eu. A unidade do eu é seu corpo (pessoalidade), o qual tem, como função específica, conduzir-se, com o fim de continuar a ser – ou, a tendência de um todo a permanecer um *todo* (grifo nosso). Esse todo é nossa personalidade, que expressa a unidade do eu, da mesma forma que o “corpo” é a base da unidade biopsíquica.

Podemos dizer que a tendência protoplasmática é um “a priori” do eu, ou seu primeiro elemento que se interage com o mundo. Nessa hipótese a personalidade é compreendida como um processo em formação, e não como uma forma finalizada e fixa, pois traduz os comportamentos por meio dos quais o ser prossegue existindo. Isso porque o organismo frustrado busca uma reorganização interna, sendo o caráter uma forma de adaptar-se às exigências do meio e superar os obstáculos emocionais e físicos. O termo “obstáculo” é entendido como proibição que gera frustração.

Murray, (*apud* Filloux, 1966:107) nas suas primeiras proposições para uma teoria da personalidade, discute a questão da unidade do eu da seguinte forma: “...dividido o organismo perece; unificado, ele sobrevive; por isso a existência do organismo depende da organização que se estabelece no âmago do processo de evolução das tendências e é, portanto, a tendência que mostra a unidade do organismo”. Nossa concepção de tendência, na perspectiva dos processos energéticos, é de uma força que leva o organismo a uma ação, mas não traduz a unidade do mesmo. Anteriormente, falamos que o organismo, na teoria de Reich, se expressa através de sua potência orgonótica, ou seja, possui a capacidade de manter uma alta carga energética, em termos quantitativos, e qualitativamente mantém sua unidade. Esta carga energética, por sua vez, acompanha o potencial orgonótico que descreve o movimento

energético do sistema do mais baixo para o mais alto potencial. Se a potência orgonótica de um sistema é baixa, significa que as couraças segmentadas, impedem o fluxo energético e enfraquece o organismo. Nestas condições, ele apresenta uma divisão nas funções biopsíquicas e coloca em risco a unidade do eu.

A personalidade como um sistema de ações e comportamentos, no nível da consciência, reage às tensões existentes entre o organismo e o meio ambiente. Portanto, não podemos isola-la das condições somáticas deste organismo. Reich (1994:340) acredita que para existir a remissão da tensão psíquica não se pode separá-la de sua representação somática, pois os estados de tensão e relaxamento são condições biofísicas. Na verdade, esta questão coloca-se no âmbito de aceitarmos que existe "... uma identidade real: a unidade das funções psíquicas e somáticas."⁴⁴

A história do indivíduo imprime uma originalidade própria. No entanto, a identidade pessoal, composta de determinantes constitucionais – o inato e as tendências protoplasmáticas -, interagem dialéticamente com o meio ambiente, compondo suas características. Uma característica de particular importância é a diferença dos sexos. Mesmo que o papel atribuído à base da distinção dos sexos, seja diferente conforme as culturas, essa distinção biológica é, em si mesma, fundamental. As atividades corporais, próprias da fisiologia de cada sexo criam, uma diferenciação nas motivações e em todo o comportamento. Indagamos se um homem é capaz de compreender o significado de dizer "eu" no feminino, ou vice-versa. Com isso, não queremos dizer que a potência de um indivíduo do sexo feminino seja diferente da potência do indivíduo do sexo masculino. Na verdade, essa potência independe do gênero, e

⁴⁴ Tradução livre do original "... a real identity: the unity of psychic and somatic function." Reich, W. 1994, p.340.

sim do potencial orgonótico do organismo. Mais adiante vamos avaliar essa questão com maiores detalhes, pois nossa pesquisa foi realizada no contexto do feminino.

Consideramos a identidade individual como uma propriedade e uma função da energia originada do *core* e modelada pelo desenvolvimento psicosssexual. No entanto, não podemos descartar que, funcionalmente, o social pode ser criador de diferenças individuais, ou de semelhanças pelo processo de imitação. As formas de comportamento de um indivíduo, ou seja seu andar, seu modo de falar, seus trejeitos faciais, a expressão de seus olhos e de seu corpo como um todo, trazem marcas de uma cultura, mas também falam da sua história de vida, impressas em seu caráter e em sua personalidade. Um olhar treinado, nesse sentido, pode avaliar e capturar estas sutilezas.

1.5 - O Segmento Ocular e a Imagem Corporal

Até o presente momento, fizemos um estudo no plano "longitudinal" para construirmos, teoricamente, a visão biopsíquica da identidade. Para isso, tornou-se indispensável tratarmos a unidade do psique-soma na sua organização ontogenética. Entretanto, para a análise da experiência empírica, que consiste nas reações atuais e expressões que nos impressionam, vamos utilizar uma análise no plano "transversal", objetivando encontrar uma reciprocidade entre os dois campos. Sem dúvida, a eleição de um ponto comum entre os dois campos faz-se necessária de forma a mantermos a lógica

funcional das funções mais abstratas para as mais concretas, ou do campo teórico para a experiência empírica. Encontramos no *segmento ocular* (grifo nosso) o ponto de convergência entre a teoria, já construída, e a observação empírica que vamos analisar no segundo capítulo.

Esta eleição não é arbitrária, pois justificamos esta escolha por duas razões: primeiro, como já dissemos, a necessidade de encontrar um ponto comum entre a teoria e o empírico; segundo, porque a aplicação da teoria, na qual embasamos nossa investigação, foi modelada para o trabalho terapêutico individual e profundo e, no presente trabalho, sua aplicação se centrou em um grupo⁴⁵ de adolescentes, sem conotação terapêutica, mas exploratória. Contudo, não abandonamos a perspectiva clínica na análise da pesquisa de campo.

O sentido exploratório significa que não fizemos uma intervenção terapêutica profunda nos processos emergentes das relações no grupo. Mas, sim mais no sentido pedagógico. O grupo foi utilizado como um espaço de observação, no entanto, quando necessário, apresentamos interferências com conotação mais educativa do que terapêutica. A finalidade das interferências foi despertar nas adolescentes o conhecimento de seus próprios comportamentos e os relacionados com as outras participantes do grupo, no sentido de aprenderem sobre seus sentimentos, de se verem e de se ouvirem. Acreditamos, ainda, que a vivência do grupo produziu uma ressonância transformadora na população investigada, especialmente, porque a adolescência é um estágio em que o organismo mantém certa plasticidade e é passível de transformações. Aliás, acreditamos que qualquer processo terapêutico ou educativo é transformador.

⁴⁵ Grupo nesse contexto é usado como população, sem conotação de agrupamento. O sentido de agrupamento será tratado na análise do trabalho empírico.

Quando fizemos contato com as adolescentes da "Casa rosada"⁴⁶, já tínhamos algumas experiências nesse particular, pois realizáramos trabalhos em um dos projetos da Cruzada do Menor⁴⁷, com uma população infanto-juvenil que vivia nas ruas da cidade. Observamos, principalmente, nas jovens do sexo feminino, grande incidência de gravidez, sem que tivessem qualquer noção de responsabilidade para ser mãe. Perguntamo-nos, então, como contribuir para fazer estas jovens mais conscientes do papel da mulher na prevenção de gravidez. Organizamos, com elas, um grupo de encontros que chamamos de "Grupo de educação sexual e identidade feminina"⁴⁸, cujo trabalho educativo focou principalmente na questão da sexualidade e prevenção de gravidez.

Entretanto, as adolescentes criadas em orfanatos, embora visivelmente diferentes das outras, também apresentaram total ignorância do funcionamento de seu corpo e da sexualidade. Esta foi a temática, especialmente para elas, de motivação inicial e de continuidade dos encontros do grupo. No entanto, após verificarmos suas histórias de vida, ficamos intrigados sobre a organização da identidade destas jovens, mesmo porque maioria foi viver no orfanato ainda bebê, e o contato com a mãe e com a família nuclear foi muito pouco para algumas e quase nenhum para a maioria.

Antes de qualquer posicionamento com relação ao tratamento dado à investigação, decidimos fazer entrevistas individuais para conhecer melhor as adolescentes e vice-versa. Foram conversas livres, face a face, sem qualquer formalidade. Verificamos, contudo, que esta técnica não era eficiente para fornecer dados fidedignos à nossa investigação, pois

⁴⁶ "Casa Rosada" é o nome da casa onde as adolescentes vivem.

⁴⁷ A Cruzada do Menor é uma Ong (Organização não-governamental).

⁴⁸ Comunicado nas "Primeiras Jornadas sobre 'Saúde e Ecologia Infantil'" em 1994, Valença, Espanha. A jornada foi organizada pela Escola Espanhola de Terapia Reichiana. Publicado em *Energia, carácter y sociedad*, 1995, v. 12 e 13 (1 e 2) p.186-192.

falavam pouco ou repetiam o que já conhecíamos dos prontuários. Não sabíamos se suas atitudes provinham de uma recusa por sermos desconhecidos para elas, ou porque não queriam entrar em contato com lembranças muito penosas. Comprovamos isto com uma das entrevistadas. Ao pedir-lhe para falar da família, disse de forma estouvada e altiva: *Não quero falar disso... porque vi minha mãe morrer queimada; vi minha irmã de um ano ser morta com uma bala e meu irmão está envolvido com o tráfico...*

Esta declaração agressiva e desesperada denunciou o desejo de dividir a carga dolorosa que carregava, mas, ao mesmo tempo, grande medo de falar e de se abrir. Todas as adolescentes traziam histórias de mães alcoólatras, viciadas em drogas ou internadas em instituição psiquiátrica. Muitas delas só viram a mãe quando muito novas, e outras não a conheceram. Poucas conviveram com o pai. Aliás, a história de vida dessas jovens está marcada por pais que desapareceram.

Observamos, nesse primeiro contato, comportamentos de muita desconfiança. Estes dados nos possibilitaram avaliar se as entrevistas seriam suficientes para alcançar nosso objetivo. Concluímos que seria necessário criarmos outros mecanismos mais eficientes para motivá-las a "abrir a guarda". Em decorrência da dificuldade inicial, consideramos que um trabalho em grupo seria mais rico, tanto para as adolescentes, quanto para o processo de nossa investigação. O espaço do grupo seria importante para partilharem seus problemas e se conhecerem melhor.

Durante as entrevistas, chamou-nos a atenção a dificuldade que mostravam em nos olhar nos olhos. Nas raras vezes que o faziam, expressavam desconfiança e desafio. Seus olhos eram deprimidos e revelavam muito medo. Esses dados evidenciavam um severo bloqueio no segmento ocular. Observamos, também, que emitiam algumas expressões não

verbais, como movimentos da face e dos olhos, quase como se fossem caretas, apesar de não terem consciência desse comportamento. Estas observações iniciais, conduziram-nos a eleger o segmento ocular como o ponto focal para ser trabalhado nos encontro do grupo. Bem como a necessidade de focar a imagem corporal e a auto-estima.

Na entrevista exploramos alguns temas referentes a seus desejos e projetos para o futuro com relação à profissão que gostariam de escolher. E investigamos a disposição de cada uma para participar desta investigação. Sentiram-se curiosas sobre o projeto que lhes apresentamos e concordaram, com certa desconfiança, em formar o grupo. Quanto aos seus projetos futuros, o mais interessante é que a maioria disse querer ser "modelo", trabalhar na televisão como Xuxa e Angélica (seus ídolos), ser dançarina, e tornarem-se ricas e famosas. Compreendemos que seus projetos indicavam formas de idealização compensatória para a auto-estima desvalorizada.

Nossa proposta consistiu em fazermos encontros para discutir questões sobre a mulher e a adolescência e, eventualmente, fazermos algumas vivências, organizadas a partir dos temas que emergissem do próprio grupo, tanto focando o contato ocular, quanto objetivando trabalhar a imagem corporal e a auto-estima. Na verdade, acreditamos que a imagem corporal e a auto-estima estão intimamente relacionadas e são elementos importantes para uma possível avaliação da nossa questão - a identidade. Sabemos que, para o adolescente, a imagem corporal é muito importante porque está ligada às suas grandes transformações físicas e o despertar da sexualidade. Muitas vezes a valorização, ou desvalorização da aparência, estão ligadas a uma exacerbação do narcisismo próprio desta fase de vida.

A partir dos subseqüentes encontros com as adolescentes, fomos avaliando a aplicação de nossa proposta teórica na experiência empírica, o que sempre nos trazia novos

questionamentos: Como vamos estabelecer teoricamente a relação do segmento ocular com a imagem do corpo e a identidade? Como a imagem corporal contribui para o processo da identidade? Será ela um elemento imbricado na organização da identidade? Estas questões necessitavam de um posicionamento teórico claro, para que pudéssemos construir a base para a análise da experiência empírica.

O segmento ocular contém o aparelho da visão, que entre todos os sentidos, é o integrador das funções da percepção e da consciência, as quais são fundamentais no processo da identidade. Por outro lado, ele nos interessa como um elemento empírico que pode veicular uma avaliação qualitativa da integração da auto-percepção e da consciência corporal. Isso quer dizer que a consciência da própria imagem corporal indica a consciência de si mesmo, o ser uma pessoa, a individualidade e a identidade.

O conceito de imagem corporal é, para nós, um processo formativo, fluido, em constante transformação - na medida que diferentes imagens podem ser recriadas nas diferentes fases de vida. A auto-imagem, no nível objetivo, vem do corpo e é o próprio corpo (Schilder 1977); no subjetivo resulta da auto-percepção e o contato com o próprio self. É o sentimento de nos conhecermos sempre idênticos da infância à velhice, o mesmo "eu" ao qual atribuímos todos os estados de consciência, o sentimento de unidade, de identidade e de singularidade que permanece no tempo cronológico.

O dito popular "os olhos são o espelho da alma" traduz a importância do olhar na comunicação de nossos sentimentos e emoções. Eles são os mensageiros que refletem as emoções mais profundas do ser humano e são responsáveis pela maneira e pela intensidade com que o indivíduo contata seu ambiente, pois o olhar resulta das sensações internas do corpo, e da verdadeira visão binocular. Quando o indivíduo não apresenta bloqueios na área

CE

non

non

CE

ocular, desenvolve a capacidade de reconhecer seus sentimentos (autoconsciência) e o senso de responsabilidade para consigo e para com o outro. } CE

Reich (1994:430-469) sempre enfatizou a importância do segmento ocular nas disfunções emocionais, especialmente na esquizofrenia. Contudo, foi Baker (1967, xii), quem ampliou o conhecimento do segmento ocular, ao acrescentar novas e importantes observações. Ressaltou a necessidade de se dar especial atenção a este segmento no trabalho terapêutico, por serem, os olhos, a maior zona erógena do corpo, isto é, um meio de excitação erótica e de prazer. Apesar de o erotismo ocular, em nossa civilização, ser muitas vezes cultivado de forma exacerbada e distorcida. O funcionamento da visão é também responsável pela conservação do senso de objetividade ou de sua perda. Konia (1998:75) compreende ser ele o responsável pelos dois aspectos de contato psíquico: o contato com o self ou vida interna, e com o mundo ou ambiente externo. ||

A organização emocional processa-se através de estágios (Freud, 1979 [1905]), os quais se organizam a partir de quatro zonas erógenas: os olhos, a boca, o ânus e o genital. A superfície da pele, apesar de ser uma zona erógena, não está especificamente envolvida em qualquer um desses estágios. As zonas erógenas (Baker, *ibid.*:16-25) estão localizadas em pares nas extremidades do organismo e são responsáveis pelo intenso contato deste com o ambiente externo. Nelas encontram-se localizados os glânglios parassimpáticos. Por exemplo o par boca (na infância) ou genital (na vida adulta), fazem contato direto com outro organismo através do processo da fusão ou superposição.

Os estágios do desenvolvimento são o ocular, o oral, o anal, o fático e o genital. Os três primeiros são considerados estágios pré-genitais, sendo o fático um estágio que antecede a genitalidade ou a primazia genital. O bloqueio, em qualquer desses níveis, retém a energia

no mesmo, e impede que ela atinja o genital e possa ser descarregada – ou a genitalidade. A concentração da energia nas zonas erógenas pré-genitais produz sintomas nestas zonas, os quais irão organizar os diferentes tipos de caráter. Como os estágios se sobrepõem uns aos outros, é comum encontrar características de cada estágio em um mesmo indivíduo.

Da mesma forma é impossível encontrar um caráter puro. A concentração da energia em determinado segmento do corpo determina a prevalência de um determinado caráter, mas este vem sempre acompanhado de características dos estágios que não atingiram um desenvolvimento completo. O estabelecimento do bloqueio (courage), segundo Reich (1994), é um processo gradual e pode ser total ou parcial. No entanto, a intensidade do bloqueio depende de *quando* (ligado à história do indivíduo) e *onde* ocorre, isto é, em qual segmento do corpo (Ver anexos 1, 2) localiza-se o ponto de maior concentração de energia bloqueada (grifo nosso). Esses fatores irão determinar os diferentes tipos de caráter, de patologias e de sintomas.

CE
*

O primeiro segmento a sofrer bloqueio é o ocular. O estabelecimento desse bloqueio no início, ou durante o desenvolvimento da criança, pode determinar uma esquizofrenia ou patologias neuróticas. Reich (*id. ibid.*) sugeriu que, no processo da esquizofrenia, esse bloqueio ocorre nos primeiros dez dias de vida, antes mesmo do desenvolvimento da criança. Nas outras neuroses pode ocorrer mais tarde ou até mesmo na puberdade. Na verdade, o bloqueio ocular pode ocorrer em qualquer estágio do desenvolvimento psicosexual.

No nível somático, o bloqueio provoca a imobilização em quase todos os músculos do globo ocular, das pálpebras e das glândulas lacrimais, afeta os músculos da testa, do nariz e dos ouvidos e, quando muito profundo, atinge os músculos da base do crânio, o occipital. As expressões faciais observadas são: rigidez total ou parcial da testa e pálpebras; falta de

expressividade no semblante que traz a aparência de máscara; olhar vago e fixo no espaço; imobilidade nas laterais do nariz e muitos outros. Essas expressões, frequentemente, indicam a presença de um bloqueio ocular. A rigidez na musculatura em torno dos olhos provoca alguns sintomas como a incapacidade de chorar e de abrir as pálpebras para a imitação do medo, da raiva e outras emoções.

sober
bloq:
ocular
↓

Em geral, o bloqueio ocular pode indicar distúrbios funcionais na visão como miopia, astigmatismo, hipermetropia, presbiopia, diferentes tipos de enxaquecas e outros⁴⁹. Os sintomas psicológicos consequentes do bloqueio ocular, aparecem nas formas extremas de confusão mental, perturbações na orientação espacial, enfraquecimento na capacidade de associação e incapacidade de se expressar com objetividade.

O bloqueio ocular no estado esquizofrênico é o mais grave e indica uma reação à ruptura do funcionamento da unidade biofísica. Os sintomas característicos da esquizofrenia são catalepsia, retardo e automatismo. Nos estados mais graves, pode ocorrer total perda de interesse pelo mundo externo o que implica uma psicose dissociativa. A projeção, um sintoma da dissociação, é um mecanismo que reflete uma descoordenação na organização das funções perceptivas. Pode-se dizer que a habilidade de perceber sofre severo declínio e passa a funcionar isolada, isto é, perde o contato com o funcionamento corporal. Nestas circunstâncias, o indivíduo sintoniza-se mais com o ambiente externo e reage com mecanismos de projeção.

Tanto Reich ([1945]1994) quanto Baker (1967.) avaliam que a contração muito profunda do segmento ocular pode atingir o cérebro, especialmente na esquizofrenia. No

⁴⁹ Ver Reich, W. [1945] 1994: 369, 398-503; Baker, E. F. 1980:cap.2, 4 e 12; Navarro, F. 1984, cap. 1.

entanto, sugerem haver em todas as neuroses algum grau de contração no cérebro, dependendo do grau e intensidade deste bloqueio. O cérebro é o órgão integrador das funções psíquicas e das emoções. Como no esquizofrênico a contração nesse órgão é bastante severa, resulta na falha do contato entre a excitação bio-energética do organismo e a percepção subjetiva da mesma. Suas conseqüências são a falta de contato com as emoções e a desorganização da auto-percepção, o que leva o esquizofrênico a desconhecer suas próprias emoções, não as percebendo como dele, e não tendo consciência das mesmas.

Reich (*id. ibid.*) estabeleceu que a consciência é uma função da auto-percepção e vice-versa. A interdependência entre estas duas funções implica que uma perturbação da auto-percepção provoca a alteração da consciência e de todas suas funções, como orientação, associação, atenção, memória e linguagem. Se consideramos a identidade como uma propriedade da consciência, somos forçados a concluir, que a perturbação funcional da consciência afeta diretamente o processo de organização da identidade.

Memória

O processo psíquico é concebido na abordagem funcional, como composto de inúmeras funções individuais que se manifestam em uma função total. Segundo Konia (1989:237-247) quanto maior a comunicação entre todas essas funções, que compõem o organismo na sua totalidade, maior a experiência do self. E para compreender as bases funcionais e energéticas dos processos psíquicos, é necessário determinar quais os processos físicos que lhe correspondem. Consideramos a memória como uma manifestação da relação psicossomática. Vários experimentos comprovaram que a memória emerge mais clara quando ligada a uma experiência muito intensa, ou associada com alguma coisa familiar. Acreditamos que a identidade, através do tempo, é assegurada pela memória.

Konia, estabelece duas razões que justificam as bases psicossomáticas da memória: primeiro, é necessário que o organismo esteja emocionalmente excitado – este é o processo orgonótico; e segundo, a sua localização no sistema límbico. Conclui que: “A compreensão funcional da relação psicossomática é indispensável para nosso entendimento do psíquico, e inversamente, uma compreensão do psíquico é essencial para nossa entendimento da relação psicossomática”.⁵⁰

Ao situarmos a base da imagem corporal no segmento ocular, a tese da relação psicossomática nos possibilitou uma compreensão mais clara na reciprocidade entre a teoria e a experiência empírica da nossa investigação. O bloqueio em si é considerado um distúrbio psicossomático. Pois, a contração na musculatura impede o fluxo livre da energia e o aumento da excitação. Reich definiu o efeito do bloqueio no organismo como uma biopatia. O que é uma biopatia? É um conceito utilizado por Reich (1980:xxix e 1974:151-170) para definir os distúrbios decorrentes de uma perturbação da pulsação biológica do organismo e os processos disfuncionais que ocorrem no aparelho autônomo vital. Mesmo que tais disfunções aconteçam no somático, geralmente apresentam uma correspondência no psíquico. Assim, para analisar os comportamentos e as expressões das adolescentes, vamos basear-nos na correspondência entre o psíquico e o somático ou na relação psicossomática,

Ao estabelecer nossa investigação como exploratória, temos que definir nosso campo de ação. Isso significa que utilizaremos a técnica de análise do caráter⁵¹, para avaliar os

⁵⁰ Tradução livre do original “A functional comprehension of the psychosomatic relationship is pivotal to our understanding of the psyche, and, conversely, a functional understanding of the psyche is essential to our understanding of the psychosomatic relationship.” Konia, C. 1989, v. 23, n.2, p. 239.

⁵¹ A análise do caráter foi criada por Reich em 1945, em sua fase psicanalítica e originou-se de seus estudos da psicologia profunda. Utilizou esta técnica no tratamento para analisar as atitudes de caráter e os comportamentos de seus pacientes, entretanto, para atingir as experiências mais profundas do ser humano, utilizou o trabalho biofísico ou corporal.

comportamentos e expressões emocionais. Na orgonomia a técnica de análise do caráter é considerada mais superficial e trabalha, especificamente, com o nível antitético da relação psicossomática. Enquanto que a abordagem biofísica (soma, "corpo"), no contexto terapêutico, visa o nível mais profundo do organismo. Portanto, nosso campo de ação consistiu na observação da linguagem verbal, corporal e dos comportamentos que as acompanham, isto é, como o indivíduo se vê, fala e se expressa. A princípio, pressupomos que a observação destes elementos expressivos irão nos revelar como foi organizada a identidade das adolescentes. Pois, a visão dos comportamentos, dentro de uma perspectiva energética, permitiu-nos avaliar a qualidade da interação interpessoal do grupo, especialmente, com relação às expressões emocionais.

Desejamos esclarecer as fontes e o movimento do fluxo de energia que circula pelo corpo, para que possamos ter uma noção mais concreta do mesmo. Boadella (1984:58), baseado na morfologia dinâmica de Hartmann, sugere a existência de três tipos de fluxos que saem do corpo e se dirigem para a cabeça: o fluxo do impulso, o fluxo do ar, e o fluxo dos alimentos. Da mesma forma, reconhece três componentes no fluxo do estímulo, dos quais fluem informações para o cérebro: 1) interocepção – impulsos dos órgãos internos e processos do corpo; 2) propriocepção – impulsos dos músculos, os quais registram o caráter do tonos e a posição do corpo; 3) exterocepção – impulsos dos órgãos dos sentidos de contato (paladar, tato) e de distância (olfato, visão, audição).

Todos estes componentes já estão ativos na vida fetal e traduzidos pelas sensações interoceptivas, proprioceptivas e exteroceptivas. Após o nascimento passam por uma transição drástica, e ajustam-se às novas condições do corpo. Assim, o sistema interoceptivo, não mais ligado ao fluxo umbilical, passa a receber informação do próprio sistema

respiratório e do sistema digestivo; o sistema proprioceptivo ajusta-se à nova influência da gravidade na musculatura do corpo; e o sistema exteroceptivo expande-se além de sua dependência inicial nas sensações da película fetal, para recorrer às ricas informações dos receptores de longa distância, especialmente a visão e a audição. Todas estas informações, vindas do corpo, fluem ao longo dos nervos sensoriais ascendentes.

Tal descrição dos fluxos dos impulsos nos dá a idéia de como o cérebro é um reservatório de energia, que consome cinquenta por cento de todo o oxigênio que entra no corpo. No entanto, apesar de consumir grande quantidade de energia, especialmente no ato de pensar, esta deve circular, do contrário fica bloqueada na cabeça – o que, simplisticamente, falando caracteriza a couraça cerebral. Nesse tipo de encouraçamento, grande parte das fontes de excitação e dos fluxos dos impulsos é impedida ou negada – provocando a perda de contato com o corpo.

O bloqueio da energia no cérebro, que é associada ao bloqueio ocular, pode ser identificado no grau de imobilização dos olhos. Esta imobilização previne o indivíduo de perceber com clareza suas experiências internas e o que acontece no ambiente externo. Afeta diretamente os pensamentos e acarreta uma descoordenação entre o ato de pensar e a atividade motora, produzindo um excesso de pensamentos acompanhado de uma imobilidade corporal, bem como a incapacidade de traduzir as experiências sentidas na comunicação verbal.

Como os pensamentos têm sua origem nas sensações orgânicas, seus aspectos qualitativos dependem da direção do movimento da energia, que atravessa e circula pelo corpo. O pensamento emerge, quando o impulso das sensações orgânicas e das emoções, movem-se do centro para a periferia e para o cérebro. Queremos dizer que as percepções das

sensações orgânicas são integradas no segmento ocular, particularmente no sistema visual e são importantes para o pensamento racional. Porém, da mesma forma que existe a antítese das funções de prazer-ansiedade na esfera emocional, também existem duas funções antitéticas governando os aspectos qualitativos do pensamento, ou seja, a associação e a dissociação.

O processo de associação, segundo Konia (1990:78), pode ser explicado como dois pensamentos que emergem da percepção de duas sensações orgânicas separadas, mas que se associam. Na associação, o ato de pensar, é acompanhado da sensação subjetiva de unidade, harmonia e familiaridade. Enfatizamos que, nesse caso, as duas idéias diferentes têm uma origem comum - a sensação orgânica. Baseados nessas informações, podemos dizer que o simbolismo e a metáfora expressos na arte e na literatura, trazem em sua base a função de associação entre as idéias e as imagens.

A dissociação ocorre quando duas idéias emergem na consciência, também originadas de duas percepções ou sensações orgânicas separadas que não se associam. Esse processo vem acompanhado do sentimento de indiferença ou falta de familiaridade, isto é, a expectativa interna não se associa com a percepção das sensações orgânicas, em contato com uma situação externa. Estas funções ocorrem normalmente na atividade do pensamento e independem do estágio de desenvolvimento da consciência ou do grau de integração das sensações orgânicas. Porém, a persistência da função de dissociação gera um estado de confusão mental e ansiedade.

Da mesma forma que o cérebro é o órgão integrador das sensações orgânicas, também o é das funções mentais e de todos os processos cognitivos. O que nos indica que o bloqueio da energia no segmento ocular e no cérebro, provocam perturbações no pensamento racional,

na memória, na linguagem e na aprendizagem. Konia sintetiza tudo o que foi falado em uma simples frase “a *maneira* como um indivíduo pensa esta intimamente relacionada à *forma* como ele vê e *vice-versa*” (grifos do autor).⁵²

Outros elementos a serem avaliados, dentre todas as faculdades da consciência são: a orientação espacial que engloba os sistemas de longa distância, especialmente os sistemas visual e auditivo e a topografia do modelo postural do corpo. Reconhecemos que todas essas funções da consciência estão diretamente ligadas à organização energética da auto-percepção. A orientação espacial implica na percepção do espaço tridimensional e baseia-se na função dos canais semicirculares (o aparelho vestibular) situados no ouvido interno, estreitamente vinculado aos músculos motores dos olhos. Cada mudança do aparelho vestibular reflete mudanças na posição dos olhos, na orientação do corpo no espaço; provoca movimentos de pulsação dos olhos denominados mistagmo (íridocinesia), como também mudanças rítmicas das excitações visuais (Luria, 1979).

Luria (*ibid.*:82) estabelece que o aparelho vestibular e o aparelho motor dos olhos, em estreita relação, são os componentes essenciais do sistema que opera a orientação no espaço. Um outro fator, que assegura a percepção do espaço e especialmente a de profundidade, é o dispositivo de percepção visual binocular, produzida pela convergência dos olhos. Para o autor citado “os impulsos derivados da tensão relativa dos músculos dos olhos, garantem a convergência e o deslocamento da imagem em ambas as retinas...” (Luria, *ibid.*:93). A profundidade dos objetos somente é percebida, de forma completa, se os observamos com

⁵² Tradução livre do original “... the *manner* in which an individual thinks is closely related to the *way* he sees and *vice-versa*. Konia C. 1990, v.24, n. 1, p.76.

ambos os olhos. A imagem do objeto deve cair sobre os pontos correspondentes da retina e para que isso ocorra é necessária a convergência dos olhos.

No bloqueio ocular, devido à tensão dos músculos dos olhos, ocorre uma disfunção do processo de convergência, o qual impede a visão simultânea com os dois olhos. No entanto, a convergência pode ser restabelecida, dependendo da gravidade do bloqueio, após o relaxamento destes músculos. A percepção espacial depende, portanto, da organização complexa de um órgão central para centralizar suas funções. Luria descreve (*id. ibid.*), que esse órgão é constituído pelas zonas terciárias do córtex cerebral ou zonas de cobertura, que unificam o funcionamento dos analisadores visual, tátil-sinestésico e vestibular. Nossa avaliação é que o bloqueio do segmento ocular, quando profundo, desorganiza o processo de convergência e pode desestabilizar a organização da percepção espacial.

A concepção do aparelho visual feita por Luria é mecanicista, porém nos possibilita compreender as implicações da percepção espacial na construção da imagem corporal – denominada, por ele e pela psicanálise, de esquema corporal. Vejamos como Luria coloca essa relação:

“Os distúrbios do esquema do corpo são formas especiais de distúrbio da percepção espacial. Eles surgem com a irritação patológica das áreas proprioceptivas do córtex sub-parietal e se manifestam numa mudança *sui generis* das sensações do próprio corpo: doentes com semelhante afecção podem ter a sensação de que um lado do seu corpo tornou-se estranhamente maior, e a cabeça “inchou”, tornando-se maior que o corpo”. (1979:85)

O autor desconsidera o processo energético do corpo e da sensação de “cabeça inchada”, que ao nosso ver, nada mais é que a energia bloqueada neste segmento.

Nossa perspectiva é que a imagem corporal, como um processo, resulta de uma atividade sintética de todas as funções perceptivas do organismo, ou da fusão das excitações isoladas em grupos simultâneos, como a visual, a tátil, a auditiva, a espacial, a excitação dos sentidos externos, que chegam ao cérebro em séries sucessivas. A maneira pela qual essa síntese é organizada no cérebro, nos é desconhecida. No entanto, ela depende de um fenômeno que ocorre no sistema visual que é a *constância perceptiva* (grifo nosso). Isto nos leva a indagar como uma percepção já existente conserva sua identidade qualitativa. Para Konia, (1984:92) a constância perceptiva é um dos problemas que deixa os neurofisiologistas perplexos, especialmente porque a questão energética do organismo não é considerada. Entretanto sua explicação sobre a constância perceptiva resolve em parte o problema. Assim ele sugere:

“A constância perceptiva no sistema visual é efetuada *energeticamente* no córtex cerebral, através de ondas estruturadas e padronizadas na forma de colunas celulares repetitivas, altamente organizadas. É provável que outras modalidades sensoriais conservem sua constância perceptiva de forma semelhante, através do congelamento de ondas padronizadas” (grifo do autor)⁵³.

Acreditamos que a percepção unitária do self depende da constância perceptiva, e arriscamos dizer que, provavelmente, o mesmo deve ocorrer com outras funções psíquicas como memória, concentração, atenção e o ato de focalizar; mesmo que essas atividades

⁵³ Tradução livre do original “In the visual system perceptual constancy is effected *energetically* in the cerebral cortex by structuralized wave patterns in the form of highly organized repetitive cellular columns. It is probable that other sensory modalities retain their perceptual constancy in a similar manner by freezing wave patterns. Konia, C.1984, v.18, n.1, p.92.

exijam do indivíduo uma ação voluntária no sentido de direcionar a energia para o cérebro – a ação consciente.

Konia (*id. Ibid.*) acredita que, após a emergência da consciência, a percepção psíquica do movimento da energia torna-se dissociada em suas partes componentes de espaço e tempo. O mesmo acontece com a percepção interna: primeiramente, o ambiente interno é percebido como uma unidade, porém, com a presença do bloqueio, torna-se dissociada em suas partes componentes de observador e observado. Na dissociação, a parte do eu que observa identifica-se muitas vezes, de forma exagerada, com a moralidade do ambiente externo e atua sobre o self como um superego⁵⁴ exigente e muitas vezes sádico. No entanto, acreditamos que a intuição, nossas impressões e sensações que não passam, imediatamente, pela consciência talvez resultem, em algum nível, da associação e integração do observador e observado. Avançando um pouco mais esta idéia, acreditamos que a qualidade da auto-imagem, ou imagem corporal internalizada, pode resultar da associação ou dissociação entre a parte do eu que observa e o self que é observado.

Schilder(1977:15) define a imagem do corpo como uma representação mental da forma como nosso corpo nos aparece. Chama de esquema corporal à imagem tridimensional que todos têm de si mesmo - a *imagem corporal* (grifo nosso). O estudo de Schilder sobre a imagem corporal é, sem dúvidas, brilhante e nota-se que ele tenta resolver a divisão soma-psíquico. No entanto, identificamos duas razões importantes que o impede de resolver essa divisão: primeiro, a energia para ele é uma energia psíquica; segundo, falta-lhe uma concepção funcional entre o soma e o psíquico.

⁵⁴ Ver Cobra de O. G. "Superego: um estudo de intensidades" em *Reich Contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais*, Sette Letras, Rio de Janeiro, 1998, pp.75-86.

Não é possível negar a implicação da relação psicossomática na imagem corporal, pois além de depender do movimento cinestésico dos órgãos na sua totalidade, o processo da percepção sintetiza-se no aparelho visual. Os órgãos receptores de distância estão na cabeça, o que levou Schilder (*ibid.*: 88) a colocar entre os olhos o centro do eu. No entanto, o autor identifica o esquema corporal com o eu, e a postura corporal com a imagem corporal. Para nós, a imagem corporal é a unidade funcional dos dois.

Ressaltamos que o estudo de Schilder⁵⁵, apesar das diferenças acima mencionadas, trouxe-nos informações importantes e complementares para construir nosso estudo sobre a imagem corporal. Encontramos pontos convergentes tais como: a imagem corporal resulta do processo da percepção; a relação direta desta imagem com o sistema visual e o papel das zonas erógenas no modelo postural do corpo.

Resumimos, a seguir, alguns pontos relevantes, os quais nos possibilitaram compreender a organização da imagem corporal:

- A percepção do corpo, como uma unidade, está intimamente ligada ao processo de transformação da imagem corporal no tempo e no espaço;
- A imagem corporal depende das impressões óticas e cinestésicas internas e externas do corpo;
- A consciência da imagem corporal depende de seus processos de associação e dissociação;

⁵⁵ Reich em seu livro *The Function of the Orgasm*, edição inglesa de 1978, cita na p. 55 o estudo de Schilder sobre a "imagem corporal" e ressalta a importância desse trabalho porque demonstra a representação psíquica unitária do corpo, nas sensações definidas na forma. Menciona haver alguma proximidade, do trabalho de Schilder, com a função dos órgãos.

- As partes simétricas do corpo estão relacionadas entre si, tanto no nível fisiológico quanto no psicológico:
- As zonas erógenas desempenham papel importante na construção da imagem corporal e da personalidade:
- O narcisismo tem importante papel na imagem corporal;
- As emoções e ações são inseparáveis da imagem corporal.

Schilder, admite que a imagem corporal é um processo energético, quando faz a observação: "a imagem corporal agrega objetos ou se estende até o espaço" (*ibid.*:185). Pode-se dizer que os objetos que usamos, como roupas, perfumes e adornos impregnam a nossa imagem corporal e são impregnados por ela. São marcas externas com as quais identificamos e nos fazemos identificar. Tudo que se origina e emana do corpo como o odor, a voz, os gestos, a maneira de andar, características físicas e muitas outras coisas constituem a imagem corporal e os elementos que fazem parte da personalidade de um indivíduo.

Fazemos um paralelo entre a concepção de Schilder "a imagem se estende até o espaço", com a tese de Reich (1994:471) sobre o "campo de energia" que emana da superfície do organismo. Para Reich, os fenômenos de atração sexual entre duas pessoas e o "sexto sentido" ou intuição, são provenientes da percepção orgonótica que transcende a superfície do organismo. Com o objetivo de ilustrar o campo energético, Reich sugere que as reações paranóides demonstram ser, em algumas instâncias, alucinações sexuais persecutórias produzidas pela percepção da energia orgônica, fora da superfície da pele do organismo.

A imagem corporal tem papel importante no nível pessoal e no social. No pessoal, é uma experiência dos sentidos e desencadeia reações emocionais no indivíduo, isto é, um elemento importante no juízo que ele faz de seu próprio corpo e traduz como ele se percebe

ou sua imagem corporal. Não temos dúvida de que esse juízo é um fator importantes na auto-estima. Na verdade, a imagem corporal transcende a esfera pessoal e infere na social, na medida que existe um contínuo intercâmbio entre a imagem corporal de uma pessoa para com a outra. Somos impressionados e temos, inicialmente, a percepção do outro, pela imagem corporal. Encontramos na tese de Schilder sobre a imagem corporal confirmação e validade para nossa investigação. Ressalta que a imagem corporal estende-se ao campo social, e acredita que ela é indispensável para esse estudo. Assim ele sugere "se queremos adquirir uma visão mais profunda da psicologia social, devemos estudar a imagem postural do corpo"(Schilder, *ibid.*:79).

Nossas reflexões sobre o segmento ocular e a imagem corporal serão ampliadas e utilizadas na análise de nossa investigação. O estudo da imagem corporal é de grande amplitude, mas o curto tempo dedicado a esse estudo, não nos permitiu ir além dessas reflexões. No entanto, sua importância consiste em termos avaliado a relação e a interdependência do segmento ocular com a imagem corporal, o que nos possibilitou compreender sua aplicação na esfera social. Indicou-nos alguns caminhos básicos para a análise dos comportamentos, bem como, abriu-nos uma nova possibilidade para a investigação da identidade.

2. ADOLESCÊNCIA: UM PERÍODO DE TRAVESSIA

"O destino da raça humana dependerá das estruturas de caráter das Crianças do Futuro. Em suas mãos e seus corações serão depositadas as grandes decisões".
Wilhelm. Reich.*

Esta declaração feita por Reich nos anos sessenta, ainda pode ser aplicada à nossa sociedade. Estamos no final do milênio e o problema social de nossas grandes cidades tornam-se, a cada dia, mais graves. Deparamos com crianças, famílias inteiras, sem casas e morando nas ruas da cidade. Esse quadro triste, sem dignidade humana, deixa-nos perplexos e indagamos sobre o futuro que nos espera. Nós, que trabalhamos no campo da psicologia, não podemos ficar ausentes e negar a necessidade de uma participação ativa no campo social. Bem sabemos que a sobrevivência básica, quando afetada, gera desestruturações profundas e em grande escala. Sua amplitude vai do nível individual ao social. No nível individual, afeta toda a personalidade do indivíduo, produzindo estruturas de caráter, polarizadas entre os resignados e os sociopatas. Estas são forjadas na baixa estima e no sentimento de revolta, frutos de um tratamento social indigno. No nível social, especialmente na população de baixa renda, atinge diretamente a organização familiar, resultando em um número grande de crianças abandonadas. Este é o quadro triste que vemos no Brasil e, como dissemos anteriormente, o Estado e a sociedade, através dos orfanatos e outras instituições, passam a "educá-las".

* Tradução livre do original "The fate of the human race will be shaped by the character structures of the Children of the Future. In their hands and hearts the great decisions will lie." Reich, W. 1983, p.5.

Reich¹ sempre demonstrou um grande respeito que pelo ser humano. Ensinou-nos a avaliá-lo em suas expressões mais profundas, enraizadas em seu *core* biológico ou terceira camada. Acreditou que o homem, sob condições afetivas e sociais favoráveis, é essencialmente honesto, produtivo, cooperativo, amoroso e também agressivo. Esta genuinidade humana é mantida sob o controle da camada secundária, na qual se estrutura o caráter com seus sentimento perversos, sádicos e desonestos. Esta camada é encoberta pela aparência, primeira camada ou a máscara desenvolvida no cultivo social.

Esta visão tridimensional da estrutura emocional, é nosso ponto de partida para transpor, para o campo social, a teoria da organização biopsíquica do indivíduo até aqui elaborada. Temos como princípio, que o campo psicológico desenvolve-se do campo social mais profundo, o qual origina-se do, ainda mais profundo, funcionamento biológico. Essa visão, possibilita-nos compreender a organização do eu como um processo funcional, regulado pelas funções psicológicas, biológicas e sociais. Assim, podemos dizer que os comportamentos traduzem as expressões da personalidade e do caráter e resultam da ação do sistema social sobre o organismo do indivíduo. A estrutura social imprime suas marcas nesse organismo que, mais tarde, irá reproduzi-las novamente no social. Reich define essa interação da seguinte forma:

“(...) cada organização social produz as estruturas de caráter necessárias para sua subsistência. ... a classe dominante assegura sua posição valendo-se da educação e da instituição da família, tornando sua ideologia a ideologia dominante para todos os membros da sociedade. ...esta ordem social inicia-se modelando a estrutura psíquica de todos os membros da sociedade, pois ela se *reproduz* nas pessoas. ...processa-se através da utilização e transformação do aparato instintivo, o qual é governado pelas necessidades

¹ Esse sentimento de Reich pelo ser humano perpassa toda sua obra teórica, especialmente no que se refere às crianças e aos adolescentes. Ver Reich, W. 1983.

libidinais: ela efetivamente *ancora-se* nessas necessidades” (grifos do autor).²

Levando-se em conta a estrutura genética e protoplasmática das crianças criadas em orfanatos, ou que vivem nas ruas da cidade, nos perguntamos se elas terão a chance de mudar seu destino, já traçado pelas vicissitudes sociais que marcam sua trajetória de vida; ao mesmo tempo, perguntamo-nos se a estrutura, com a qual cada indivíduo nasce, é suficientemente forte para driblar a atuação dessa ordem social implacável. A realidade comprova-nos que poucos o conseguem. Para compreendermos como a realidade social atua na organização do caráter, nos remetemos a Reich:

“É nesta ancoragem da ordem social sobre a estrutura do caráter, que encontramos a explicação para a tolerância das camadas oprimidas da população em face à soberania de uma classe social alta e possuidora dos instrumentos do poder; tal tolerância, que afirma a repressão autoritária, muitas vezes vai ao extremo de prejudicar seus próprios interesses.”³

Desde os anos 30, Reich interessou-se pela ação do social sobre a estrutura psíquica. Suas investigações sobre os comportamentos das massas, possibilitaram-lhe compreender como ocorre a interação entre o individual e o social. Visando essa interação pode avaliar, na prática, como as políticas sociais atuam sobre as massas e suas conseqüências sexo-econômicas na sociedade como um todo. Do ponto de vista metodológico, esta perspectiva

² Tradução livre do original “every social organization produces those character structures which it needs to exist. ... the ruling class secures its position, with the help of education and the institution of the family, by making its ideologies the ruling ideologies of all members of the society. ... this social order begins to mold the psychic structures of all members of the society; it reproduces itself in the people...this takes place through the utilization and transformation of the instinctual apparatus, which is governed by the libidinal needs, it also effectively *anchors* itself in it.” Reich, W. 1994:xxii.

³ Tradução livre do original “It is this anchoring of the social order in the character structure that we find the explanation of the toleration on the part of the suppressed layers of the population toward the rulership of an upper class that has the means of power at its disposal, a toleration that sometimes goes so far as to affirm authoritarian suppression at the expenses of its own interests”. Reich, W. 1994:xxiv.

permite-nos avaliar uma nova forma de pensar a inserção do social na estrutura do indivíduo e vice-versa. Permite-nos, ainda, eliminar a estratificação freqüentemente encontrada nos estudos da psicologia sobre o individual e o fenômeno grupal.

Reich rompe com a dicotomia e a polarização existentes na visão científica, quando afirma que os fatores sociológicos, psicológicos e biológicos influenciam a estrutura sexo-econômica do indivíduo e os comportamentos tanto no âmbito individual, quanto no social. Tradicionalmente os dois campos são estudados de forma separadas, ou seja, ou é psicologia, ou sociologia. A ciência tende cada vez mais para o estudo interdisciplinar, porém, ao contrário do pensamento funcional, não concebe os processos que envolvem o ser humano, sejam eles somáticos, psíquicos ou sociais, como naturais e decorrentes da interação do organismo com seu meio. Reich critica justamente essa idéia de que é um, ou é outro. Vejamos sua colocação sobre esta questão:

“Não é libido ou sociedade... A libido é a energia que é modelada pela sociedade. Aqui não existe contradição. Sempre me surpreendo quando ouço, ou leio tal coisa. É libido ou sociologia. A criança traz consigo uma certa quantidade de energia. O mundo pega essa energia e a modela. Assim, tem-se sociologia e biologia, ambas, em um mesmo organismo”⁴.

Para completar, podemos dizer, que se tem em um mesmo organismo (indivíduo), a sociologia, a biologia e a psicologia. Psicologia porque “O mundo pega essa energia e a modela”, o que coloca em jogo as condições dinâmicas e econômicas da estrutura humana.

⁴ Tradução livre do original “It’s not an either libido or society. The libido is the energy which is molded by society. There’s no contradiction there. I am always astonished when I listen to such a things, or read them. It’s either libido or sociology. The child brings with it a certain amount of energy. The world gets hold of it and shapes it. So you have sociology and biology, both, in one organism. Reich, W. 1975: 35-36.

A eficácia da teoria de Reich sobre o caráter, aplicada em outros contextos e fora do campo da terapia individual, vem sendo ampliada. Por exemplo, Goldenberg (1993:94-104) atuando no campo de consultoria organizacional, assegura-nos ser ela um instrumento de grande eficácia para ajudar grupos de trabalho e organizações a funcionarem de forma mais produtiva. Aplica-a na análise das emoções e atitudes individuais e coletivas no sentido de trabalhar o grupo da organização. Assim ele descreve:

“Meus esforços na consultoria implicam em um consistente trabalho individual, o qual nos permite compreender os pensamentos e sentimentos do indivíduo, associado a um extensivo trabalho de grupo; na essência, minha abordagem da situação centra-se no grupo e na perspectiva de um trabalho sobre o caráter do grupo e seu funcionamento”.⁵

Como a base de nossa investigação centra-se no campo psicológico e pedagógico, ao contrário de Goldenberg, utilizamos o grupo como a arena, literalmente um lugar funcional, no qual podemos observar os comportamentos, as manifestações emocionais, e os processos na interação relacional das adolescentes. Não pretendemos, como já foi mencionado anteriormente, colocar o grupo e sua dinâmica na pauta de uma análise. Encontramos, no grupo, e através dele, a maneira de fazer esta investigação, pois as entrevistas individuais não foram adequadas para este trabalho. A observação feita em grupo foi eficaz por duas razões: primeiro, porque a adolescência é uma fase de vida na qual a convivência de grupo faz-se naturalmente; e segundo,

⁵ Tradução livre do original “While my consulting efforts entail considerable one-on-one work and the working through of individual thoughts and feelings, together with extensive group work, the essence is that I approach the situation from the standpoint of the group – from the standpoint of the group’s work, character, and functioning”. Goldenberg, D. G. 1993, v.27, n.1, p. 94.

porque estas jovens sempre viveram em espaços coletivos. Por outro lado, ela foi mais produtiva, pois observamos um maior número de adolescentes e, principalmente, deixou a população menos inibida.

Ressaltamos que o grupo, neste trabalho, não é considerado como uma unidade de análise, mas, como um meio pelo qual nos foi possível fazer a observação das adolescentes. Observação esta, que se estendeu ao contexto da dinâmica existente na Casa Rosada, permitindo-nos identificar a atuação de um outro grupo que denominamos de “grupo paralelo”. As adolescentes deste grupo faziam, de certa forma uma oposição ao nosso trabalho. Compreendemos que ele funcionava como o depositário das antíteses emocionais, as ambivalências e transgressões – comportamentos bastante comuns na adolescência -, tanto das adolescentes que se opunham ao nosso trabalho, como também daquelas que faziam parte da investigação. Pretendemos analisar a questão dos dois grupos mais adiante, quando vamos abordar as variáveis encontradas no cotidiano da Casa Rosada e que interferiram no processo do grupo e da investigação.

Quando analisamos o campo psicológico de uma população, não podemos deixar de avaliar suas necessidades básicas de sobrevivência como, alimentação, abrigo, vestuário, trabalho, enfim seu modo de vida e as formas como suas necessidades são preenchidas. Por outro lado, o *modus faciendi* das adolescentes também nos revelou o que Reich (1994:xxiii) chama de “superestrutura social”, isto é, a moralidade, e as leis trazidas das instituições, nas quais viveram e governam seus comportamentos. Para tanto, tomamos como base o fato que a estrutura de caráter é adquirida desde os primeiros anos da infância e permanece intata, ou quase não sofre mudanças.

No entanto, a mudança de situação socio-econômica das adolescentes, isto é, a nova casa situada em um bairro de classe média com suas regras e leis, trouxe-lhes novas demandas

e, possivelmente, contribuiu para criar novas atitudes e modos de reação que se sobrepuseram aos antigos, sem contudo eliminá-los. Para Reich, (1994:xxvi) as duas características, com origem em duas situações históricas diferentes, atuam simultaneamente na estrutura psíquica, podendo assim criar uma contradição interna. Acreditamos que a contradição interna, referente ao ambiente, afeta a auto estima e a auto-imagem, fatos que serão apresentados mais adiante.

Até agora, nosso estudo teórico revelou-nos que a identidade organiza-se da estrutura biopsíquica, assimila as identificações e exterioriza-se através do caráter e da personalidade. Concluimos, também, que o ponto de inserção dessa teoria com a investigação no campo empírico centrou-se no segmento ocular e na imagem corporal, os aspectos centrais de nossa observação. A partir das contribuições de Baker (1980:141-152) com relação a este segmento, o caráter ocular passou a fazer parte da tipologia de caráter, anteriormente definidos por Reich. Assim partimos do pressuposto, pelas razões já descritas, que o grupo de adolescentes observado traz em sua estrutura psicofísica um bloqueio ocular.

Portanto, para podermos comprovar este pressuposto e suas implicações na organização de suas identidades, vamos estabelecer alguns tópicos que nos guiarão na nossa análise da investigação. É importante esclarecer que os mesmos poderão ser modificados quando necessário, especialmente porque a teoria da identidade, por nós construída, originou-se do contexto clínico individual e, sua aplicação, em um grupo de adolescentes criadas em orfanatos, é pioneira. Para tanto foram destacados como temas centrais desta análise:

- Descrição dos temas relevantes no cotidiano da Casa Rosada, percebidos em nossas visitas à mesma;
- Descrição dos comportamentos individuais, no grupo;

- A coerência entre a expressão verbal e a corporal, observadas durante o processo do grupo;
- A sexualidade;
- A afetividade entre as adolescentes e com o investigador;
- As eleições identificatórias;
- O imaginário revelado na comunicação verbal e sonhos relatados;
- A análise da imagem corporal expressa nas fotografias, no trabalho do espelho e nos desenhos da figura feminina e masculina;
- As lideranças que influenciaram o processo do grupo, identificadas dentro do próprio grupo e no contexto da casa.

Nosso procedimento na investigação consistiu em registrar, em um diário, anotações referentes às entrevistas e as observações feitas sobre as atitudes e maneiras de agir das adolescentes. Também utilizamos gravações das conversas ocorridas nos encontros do grupo. Antes de introduzirmos o gravador, discutimos com as adolescentes se concordavam que gravássemos os encontros. A questão da gravação foi resolvida em dois encontros, quando decidiram aceitar nossa proposta. Quando o grupo, finalmente, aceitou a utilização do gravador, uma adolescente, a mais nova (13 anos) reagiu da seguinte forma: *Não quero ouvir minha voz porque vai sair feia. Por isso não vou levar a gravação para o rádio.* Nota-se que “ouvir a própria voz” pode dar-lhe uma noção da realidade de si mesma, colocando em cheque a sua idealização implícita em “não vou levar a gravação para o rádio”. Ao longo da investigação, pudemos avaliar como a mídia, especialmente o rádio e a televisão, exerce papel importante no mundo imaginário das adolescentes.

Explicamos que a gravação era importante para registrarmos o que falavam, pois esse trabalho seria estudado mais tarde. A primeira reação foi de desconfiança, mas depois disseram que concordavam: *porque ia dar menos trabalho para a investigadora*. A partir daí, ao iniciarmos o grupo, perguntavam se tínhamos trazido o gravador e o caderno de notas. Este material foi utilizado em nossa análise e, para ilustrar como as adolescentes pensam, transcrevemos as falas gravadas na íntegra.

2.1 - As Adolescentes da Casa Rosada

Acreditamos, como Reich, que o futuro da nossa sociedade está na criança. Os estudos de Reich referentes à higiene mental do indivíduo e do campo social, guardando as diferenças culturais de nossa sociedade, são nossas fontes de inspiração, especialmente com relação às crianças e adolescentes. Como já dissemos, desde nosso trabalho com as crianças e jovens adolescentes do projeto Meninos do Rio⁶, indagávamos sobre a questão da organização da identidade dos indivíduos desta camada social. A prática clínica, sempre nos possibilitou explorar essa questão, mas esta investigação no campo social⁷, feita com as adolescentes que vivem na Casa Rosada, trouxe-nos um enriquecimento imensurável.

A Casa Rosada, no primeiro ano do projeto, estabeleceu-se no bairro do Maracanã, Zona Norte do Rio de Janeiro, porém em junho de 1998 mudou-se para o bairro da Tijuca. Esta mudança decorreu de conflitos com a vizinhança da casa. Observamos, nos projetos que participamos, que a população de classe média, em geral, demonstra grande rejeição com relação às crianças carentes, o que gera sempre desconforto para todo mundo.

⁶ Ver Cobra, G. 1995, v. 26, n. 2, p. 6-19 e 1995, n. 19, v. 12 e 13 (1 e 2) p. 186-192.

⁷ Esta investigação foi realizada na Casa Rosada, um dos projetos da CEBBES-Rio – Conselho de Entidades de Bem-Estar Social do Rio de Janeiro, de cuja direção tivemos todo o apoio necessário.

Quando tomamos contato com as adolescentes da Casa Rosada, as quais observamos durante um ano e dois meses e um total de 20 encontros, fomos surpreendidas por serem jovens mais educadas e muito diferentes da população de crianças que vivem nas ruas da cidade. São jovens com idade entre 13 e 17 anos e, como já dissemos, cresceram em diferentes orfanatos sendo que, a maioria religiosos.

Iniciamos nossa investigação com visitas semanais de uma hora. Entretanto, os dois primeiros meses, foram utilizados para consultarmos os prontuários e obtermos informações da trajetória de vida de cada adolescente encaminhada para esta instituição. Estas informações preliminares esclareceram-nos suas origens e possibilitou-nos verificar a existência de suas famílias ou o nível de contato com as mesmas. Foi um período também de espera, pois queríamos coordenar nossos horários com os das adolescentes, que estavam se organizando nos horários escolares e os cursos semi-profissionalizantes. Assim, os meses iniciais consistiram em um tempo de sermos observadas por elas e de observá-las.

As informações obtidas dos prontuários revelaram-nos histórias de vida de abandono pela família, especialmente pelas mães. A maioria teve pouco ou nenhum contato com a mãe e quase nenhum com o pai. Algumas nunca chegaram a conhecê-lo. Outras, tiveram pouco contato, ou foi o próprio pai que as deixou no orfanato e depois desapareceu. Algumas viveram a experiência de adoção, mas fugiram das casas das famílias adotivas e, antes de retornarem ao orfanato, ficaram por um período curto nas ruas da cidade. Um outro dado relevante para nossa pesquisa é que, ao longo do seu crescimento, quase todas as adolescentes viveram em vários orfanatos diferentes. Não obtivemos informações claras porque passaram por tantas instituições diferentes, mas esse fato revelou-nos que muitas já se conheciam antes de entrar na Casa Rosada.

Também encontramos nesse grupo irmãs consanguíneas, que sempre viveram juntas nos orfanatos.

Por que fizemos a proposta de grupo de encontros e não mantivemos o trabalho no nível individual? Do ponto de vista prático, o grupo permitiu-nos observar os comportamentos das adolescentes de maneira mais natural e revelou-nos a forma como se relacionavam. Do ponto de vista dinâmico, o grupo facilitou a interação do observador com o grupo observado e, ao mesmo tempo, propiciou a dissolução da relação de poder no confronto, um a um, entre adulto e criança.

Labov (*Apud.* Nicolaci da Costa, 1987:37) em suas pesquisas com crianças e adolescentes de classe baixa tentou solucionar a “assimetria das situações de entrevistas”, propondo que o adulto, ao entrevistar uma criança ou adolescente deve criar um clima emocional propício para o sucesso da entrevista. Concordamos com o autor e procuramos criar com as adolescentes em questão, através do grupo de encontros semanais, um clima agradável para que pudessem se expressar livremente. Assim transpusemos a idéia de Labov, aplicada em entrevistas, para o grupo de encontros.

Antes de iniciar o grupo, resolvemos convidar cada adolescente para uma entrevista individual. Esta consistiu de uma conversa informal, pois tínhamos o intuito de ouvi-las e verificar seus interesses relativos ao nosso trabalho. Essa abordagem inicial foi bastante importante para avaliar as atitudes e sentimentos com relação ao nosso trabalho.

Inicialmente, tínhamos a expectativa de fazer o grupo com todas as adolescentes da casa, mas, fomos informados de que elas haviam tido uma experiência prévia e mal sucedida de trabalho de grupo. Fato que nos fez decidir que a participação deveria ser de livre escolha, ou seja, só participaria quem quisesse. Assim, das 16 adolescentes da casa, somente nove “comprometeram-se” participar do grupo.

Quanto ao local para o encontro do grupo decidimos que, por questões econômicas e de deslocamento das adolescentes, o lugar mais conveniente seria fazermos as reuniões na sala de visitas da Casa Rosada. Apesar de não ser um lugar ideal, optamos por uma decisão de ordem prática que, no final, proporcionou-nos ganhos, entre outros, observá-las no seu próprio ambiente. Então acertamos, em reunião com a coordenadora e com as adolescentes, que o grupo se reuniria uma vez por semana, a princípio no sábado, com duração de uma hora.

O grupo iniciou-se com nove adolescentes, pois as sete restantes, embora não quisessem participar, o faziam de forma indireta, pois ficavam pela casa e circulavam pela sala onde o encontro ocorria. Observamos que a divisão das 16 adolescentes em dois grupos, nada mais era do que a expressão do que já ocorria na Casa Rosada: dois grupos que se interagem, às vezes, com hostilidade e rivalidade, e, às vezes, com cooperação. Este fato levou-nos a avaliar a importância deste grupo, que se colocou à margem da investigação mais direta, para compreendê-lo como um processo de oposição a ser considerado. Interpretamos os comportamentos dos dois grupos como uma provável divisão existente em suas estruturas biopsíquicas, o que ficou evidenciado mais tarde. Entretanto, convergimos nossa atenção para o processo dinâmico do grupo de encontro, e colocamos o outro como um referencial antitético, ou seja, uma oposição funcional que catalisava os comportamentos ambivalentes das adolescentes. Entendemos, essa oposição, como formas reativas ao medo de um novo contato. No entanto, o outro grupo, com sua ação de oponente, só será analisado quando seu comportamento interferir no processo do grupo de encontros.

Reich (1994:273-274) compreende a ambivalência como uma reação simultânea de amor e ódio. Esta reação não é uma lei biológica, isto é, intrínseca ao organismo, mas uma reação do aparato biopsíquico aos estímulos contraditórios do mundo externo ou às

influências do social. Na realidade, a ambivalência é uma atitude crônica do caráter e que nos revela uma oscilação entre os sentimentos de amor e ódio dirigidos a um objeto afetivo. Estes sentimentos antagônicos provocam um conflito na camada mais superficial do aparato psíquico. Reich (*id. ibid.*) explica que, no nível mais profundo, esta oscilação juntamente com a hesitação e a indecisão, e outras características da ambivalência são "...manifestações do choque entre os impulsos libidinais, incessantemente tentando se expressar, e o medo do castigo, os quais são inibidos e impedidos de serem traduzidos em ação."⁸ No caso presente acreditamos, que as adolescentes oponentes, levando-se em conta as circunstâncias de suas vidas, não podiam estabelecer uma relação de afeto com a investigadora, pois antecipavam a ameaça de serem abandonadas. O abandono é o grande castigo.

A princípio, achávamos que o grupo de encontro devia ser fechado⁹. Nossa experiência em psicoterapia de grupo sempre demonstrou-nos, que para existir a noção de vínculo entre as pessoas que se agrupam, é necessário o estabelecimento de regras e limites no ato de se agrupar. Para aplicar a regra do fechamento do grupo, colocamos a questão em discussão com as adolescentes e a maioria concordou com nossa proposta. No entanto, tinham certa dificuldade em estabelecer o vínculo afetivo, entre elas e com a investigadora. O último ficou explícito quando quiseram incluir a educadora¹⁰ de plantão para participar dos encontros. Como a educadora permanecia na casa e nós iam embora depois do encontro, ela representava, para elas a noção de segurança. Este fato evidenciou que tinham dificuldade

⁸ Tradução livre do original "... manifestations of a clash between a libidinal impulse ceaselessly striving for expression and fear of punishment which inhibits it and prevents it from being translated into action". W. Reich, 1994, p.274.

⁹ Grupo fechado, no nosso entender, consiste em um número limitado de pessoas que se vinculam em um compromisso de estar presente, e ativamente participar das reuniões combinadas.

¹⁰ Educadora ou educador são pessoas que trabalham na casa tomando conta das adolescentes.

de excluir. Explicamos que eventualmente podíamos convidar as educadoras para um encontro, mas queríamos que fosse um grupo só de adolescentes.

A proposta do grupo fechado fez sentido no início do trabalho, pois queríamos observar como as adolescentes assumiam o compromisso dos encontros e também premiá-las com encontros ao ar livre para tirarmos suas fotos, um dos trabalhos planejados para a questão da identidade. Até então, não tínhamos claro que a opção do fechamento do grupo, além das razões já mencionadas, foi também provocada por uma decisão intuitiva, isto é, nossa percepção da confusão das adolescentes entre liberdade e restrição. Sem dúvidas que isto refletia no ambiente da casa e no grupo de encontro. Especialmente em comportamentos como: durante a reunião do grupo, as adolescentes que não participavam do mesmo, colocavam música muito alta para nos atrapalhar ou chamavam as que estavam no grupo para ir à praia. Tentavam interferir no processo do grupo de diferentes formas e transgredir as regras e limites. Por exemplo, a adolescente mais velha (com 18 anos) claramente liderava a maioria das adolescentes e especialmente as do "grupo paralelo". Sua relação com a investigadora era sempre permeada do jogo de sedução e rejeição. Comentava que o grupo atrapalhava o fim de semana das adolescentes.

Como a investigação foi feita dentro da casa, tivemos que desenvolver nosso trabalho com o "grupo engajado" e ocupar-nos do outro, que chamamos de "grupo paralelo". Acreditávamos, então, que ao fechar o grupo, as adolescentes do grupo paralelo manteriam-se distantes. Mas para nossa surpresa, circulavam pela sala observando-nos o tempo todo e, quando havia alguma atividade interessante, postavam-se na periferia do grupo, sem contudo, fazerem qualquer movimento para se juntar às adolescentes participantes. Quando convidamos para sentarem-se com o grupo, elas fugiam.

Ao finalizarmos o trabalho de cada encontro, as adolescentes freqüentemente pediam para ouvir a gravação que havíamos feito. Era um momento de muita excitação e alegria, e algumas adolescentes do "grupo paralelo" incluíam-se nas brincadeiras. Nitidamente mostravam algum interesse, mas o negavam, o que indicava um receio de assumir o compromisso do grupo. Interpretamos, no nível da transferência, que de certa forma, representávamos a mãe que elas desejavam e rejeitavam. Apesar de sentirem curiosidade pelo trabalho que lá ocorria, resistiam, demonstrando uma atitude de oposição e desprezo. No entanto, estavam "ligadas" em tudo que acontecia, mas não se rendiam ao desejo e á curiosidade referentes à nova situação. Estes comportamentos contraditórios indicavam uma sobreposição da curiosidade, natural nesta fase de vida, com a resistência e a negação do desejo. Konia (1995:37) nos sugere que os comportamentos contraditórios do adolescente são maneiras parciais de descarregar a energia sexual bloqueada. Compreendemos que a energia sexual está presente, entre suas muitas formas de expressão, no vínculo afetivo.

Os fatos acima mencionados levaram-nos a rever nossa concepção de grupo fechado; mais tarde, deixamos inteiramente livre o processo da entrada e saída do grupo. Este tornou-se mais natural e adequou-se à própria dinâmica circunstancial desse grupo de adolescentes. No entanto, o fechamento nesse primeiro momento pareceu-nos necessário, no sentido de ensinar-lhes como conviver com algum limite. Também permitiu-nos fazer uma avaliação mais profunda das concepções e métodos idealizados para uma classe social, os quais nem sempre podem ser adequados ou aplicados em outra. No entanto, o lado positivo desta experiência veio mais tarde, quando algumas adolescentes que estavam no "grupo paralelo" passaram a fazer parte do "grupo de encontro".

O "grupo paralelo" elucidou-nos alguns fatos importantes: como lidar com as lideranças já encontradas no processo da investigação, e avaliar as influências indiretas e

diretas das mesmas sobre as participantes do grupo. Até mesmo porque, as mais velhas passam a ser um modelo de identificação para as mais novas. De certa forma, a "marginalização" vivida pelas adolescentes do "grupo paralelo", levou-as a reconsiderar suas posições com relação ao trabalho que fazíamos e, mais tarde, algumas delas "assumiram" o desejo de fazer parte dele. Na verdade, isto ocorreu somente depois que a adolescente mais velha e líder, acima mencionada, saiu da casa.

O processo do grupo de encontros foi árduo e exigiu de nossa parte grande dose de paciência e determinação. A cada encontro, tínhamos a sensação de que estávamos começando tudo de novo. Tanto a educadora de plantão quanto as adolescentes pareciam ignorar o encontro combinado, pois a cada visita ou elas estavam fazendo faxina na casa, ou algumas tinham saído. Só nos restava, com grande paciência, esperá-las terminar a faxina, ou qualquer outra coisa que estivessem fazendo, para iniciarmos o grupo. Mesmo assim, tínhamos que chamar uma a uma e, muitas vezes, ir buscá-las nos quartos ou no quintal. Sempre apontávamos suas atitudes com relação ao grupo e, certa vez, uma das participantes disse que: *Gostava de ser chamada*. Compreendemos que isso fazia parte do processo: primeiro resistiam depois cediam. Mas, no final do encontro, sempre "armavam" alguma situação para que ficássemos mais tempo, como por exemplo ouvir a gravação. Depois da reunião do grupo geralmente sentiam-se bem e mais relaxadas e gostavam de nos acompanhar até o carro.

A dinâmica da casa e do projeto como um todo influenciou o processo do grupo, pois este, de certa forma, funcionou dentro das circunstâncias existentes no ambiente. Podemos identificar dois momentos críticos que interferiram nesta dinâmica: o primeiro momento, ocorreu mais ou menos seis meses após seu início, quando a Casa Rosada ainda estava no bairro do Maracanã. Houve uma crise na administração do projeto, que resultou na saída da

coordenadora geral e das educadoras que trabalhavam durante o dia. Este fato foi extremamente difícil para toda as adolescentes, pois estavam muito apegadas a estas pessoas. Sentiram-se traídas, inseguras e se fecharam, inclusive para nosso trabalho. As adolescentes do grupo não quiseram se reunir nesse dia e nem falar sobre o assunto; então uma delas sugeriu que parássemos. Achamos melhor termos um mês de férias, como já havíamos combinado. Em dezembro, antes da crise mencionada, as adolescentes que mais se expressavam no grupo trouxeram sua preocupação em relação a continuidade do mesmo no próximo ano. Asseguramos que íamos continuar, quando disseram que queriam ter férias em fevereiro por causa do carnaval. Achamos conveniente dar uma parada neste momento e acertamos continuar em março.

Depois das férias, já em março, retornamos à casa. Para nossa surpresa uma adolescente perguntou: *Por que você está aqui? O que você veio fazer aqui?* Lembramos que havia sido combinado de reiniciar o grupo depois das férias. Claramente, ela nos incluiu no grupo das pessoas que as deixaram. Percebemos que a temática do abandono era muito forte para elas e, talvez, fosse uma forte razão para bloquearem a memória dos fatos. Aliás, esquecer é a maneira mais leve de lidar com a dor do abandono. Reich (1994:273) explica que o prazer impele à repetição de uma ação e a repetição constitui um aspecto essencial para que ocorra a memória. Parece-nos que, para essa jovem, e outras do grupo, a repetição da frustração afetiva faz com que utilizem o esquecimento como uma forma de evitar o sofrimento.

No retorno das férias, encontramos grandes mudanças na casa. A sala de visita estava cheia de móveis grandes o que nos fez sentir sem espaço para fazer as reuniões do grupo. As adolescentes trataram-nos com indiferença, exceto uma que veio abraçar-nos com alegria. Apesar de tudo, a nova educadora recebeu-nos cordialmente e já estava inteirada do nosso

trabalho na casa. Levamos algumas roupas de presente para elas e, como gostam de receber, mostraram-se mais próximas de novo. Apesar da grande resistência apresentada, por parte delas, o grupo formou-se novamente, porém, com algumas mudanças: duas adolescentes irmãs fugiram da casa e uma outra recusou-se a participar. Foi nesse reinício que algumas adolescentes, que faziam parte do "grupo paralelo", entraram para o grupo de trabalho. Também encontramos mudanças na dinâmica da casa, pois as adolescentes mais velhas passaram a cozinhar, o que impossibilitou sua presença no grupo.

O clima da casa estava mais pesado, os conflitos aumentaram, como também as incertezas. O projeto já dava sinais de empobrecimento o que sempre acontece neste campo social. Os rumores sobre o conflito com os vizinhos da vila aumentavam e disseram-nos que havia um abaixo assinado para a retirada da casa desse local. Todos esses fatos provocavam muita agitação entre as adolescentes e contribuía para torná-las mais agressivas.

Dentro das possibilidades existentes, no momento, demos continuidade à investigação até que ocorreu o segundo momento de grande mudança. Após dois meses, a Casa Rosada mudou-se para o bairro da Tijuca. Instalaram-se na nova casa, que é espaçosa, com três pisos. O terceiro piso consiste de uma sala grande, na qual passamos a fazer as reuniões do grupo. Tínhamos maior privacidade e sentimo-nos com maior liberdade para introduzir algumas dramatizações relacionadas com o cotidiano das adolescentes.

O "grupo engajado" já havia mudado, pois um grupo de jovens saiu e novas foram admitidas. As mais velhas, que estava no grupo anterior, não quiseram mais participar. Sempre ficamos muito impressionados com a rotatividade existente nesses projetos. A população muda sempre e são poucas as pessoas que permanecem por muito tempo. Este é mais um fato que justificou nossa decisão, neste caso específico, de eleger o grupo como um meio para nossa investigação.

Por volta de setembro de 1998, finalizamos nosso trabalho com o grupo. Atualmente, mantemos contato com as adolescentes, mas em caráter de visitas eventuais¹¹.

2.2 - As Adolescentes no Grupo de Encontro

Pretendemos apresentar as adolescentes do grupo, relatando seus comentários na íntegra e fazendo a análise de suas atitudes e comportamentos. O material pareceu-nos confuso, pois trazia temas variados e misturados com noticiários do rádio e televisão, os quais aproveitamos para explorar o que pensavam e fazer uma ponte com os fatos de seu passado. A transcrição dos relatos mais relevantes para a análise da investigação, revelam claramente a seqüência dos temas que utilizamos, com as adolescentes do grupo, para explorar os elementos biopsíquicos inseridos na organização da identidade. Não pretendemos apresentá-los na cronologia de cada encontro, pois o grupo *per se* não será analisado, e como já foi esclarecido, elegemo-lo como o meio unitário encontrado para que efetuássemos nossa observação. Nos primeiros encontros, verificamos que algumas adolescentes resistiam em falar de si, ou trocar temas de seus interesses. Compreensível, porque não nos conheciam. No entanto, desde as entrevistas, já percebemos que não sabiam como falar de si mesmas. Sempre esperavam que trouxéssemos um tema para debater. Explicamo-lhes que a adolescência é uma fase de vida com muitos questionamentos e o grupo era um espaço no qual podiam discutir suas problemáticas, e, que estas deveriam ser trazidas por elas.

¹¹ No final de 1998 ocorreu a dissolução da CEBBES-Rio. O projeto da Casa Rosada continua, mas administrado por outra instituição.

Então E.¹², que é inteligente e muito viva, disse: *Estou com dúvidas sobre sexo e acho que as outras meninas também, e a gente não conversa sobre isto. Fala sobre sexo...*

Sua demanda traduzia o medo de se expor e de mostrar o que pensava. Então estimulamos para que trouxesse suas dúvidas. Neste momento, houve uma excitação geral no grupo: riam, gritavam, falavam todas ao mesmo tempo. L., que estava fazendo faxina e havia dito não poder vir ao grupo, curiosa, imediatamente sentou-se. Este tema tomou vários encontros e suas perguntas vinham entrelaçadas com os fatos noticiados na televisão e no jornal. Exploramos essa força emergente, a questão sexual, como um tema de vinculação entre as adolescentes e com o grupo. Vamos, primeiramente, descrever os comportamentos ocorridos dentro do grupo e, mais adiante, mostrar a evolução da temática da sexualidade em um item separado.

Como dissemos acima, no primeiro momento o *setting* do grupo era a sala de visita da Casa Rosada. As cadeiras eram colocadas em círculo de tal forma que pudéssemos ter uma visão global de todas as adolescentes sentadas. As portas dos quartos, cozinha e banheiro davam para a sala onde ficávamos, portanto, inevitavelmente, tínhamos que lidar com a interferência de gente, circulando de um lugar para o outro. A inquietação das adolescentes aumentava a cada interferência, pois ficavam "ligadas" no que ocorria fora do grupo. Para mantê-las sempre motivadas com relação ao nosso trabalho, no final das reuniões, fazíamos pequenos sorteios de brincos, objetos escolares e revistas.

A resistência foi uma temática constante, especialmente para iniciar o encontro. Sempre tínhamos que arrumar a sala, colocando as cadeiras em círculo e chamar uma a uma, do contrário continuavam ignorando a razão de nossa presença na casa. Nos primeiros meses,

¹² Para resguardar a privacidade das participante do grupo, vamos adotar as iniciais dos nomes das mesmas ou outra letra qualquer.

trabalhamos muito essa questão, não só no nível total do grupo, como também ressaltando os comportamentos de cada uma. A. disse: *É difícil começar*. No entanto, depois de iniciado, sentiam-se bem e interessadas, apesar de sempre demonstrarem ambivalências, nas atitudes corporais e certos comportamentos adversos. D., por exemplo, sentava-se de costas para o grupo; J., muitas vezes, sentava-se de lado com o rosto virado para o círculo; T., no início, trazia alguma coisa para fazer na reunião, como crochê, lia uma revista ou cortava as unhas; algumas cantavam, faziam as unhas, arrumavam os cabelos, saíam e voltavam ou abandonavam o grupo; G., a mais nova, gostava de deitar-se no chão e chupar o dedo; C. frequentemente sentava-se no colo de uma amiga; e R., no início, escondia-se atrás do círculo do grupo. Enquanto que N., nossa grande aliada, vinha a todas as reuniões e quando apresentava alguma resistência era fácil convencê-la. N. mudou muito durante o processo do grupo tornando-se mais expressiva.

Apontávamos que esses comportamentos mostravam a dificuldade de ficar com elas mesmas e com as outras, e pareciam querer "servir a dois senhores ao mesmo tempo". T., que fazia crochê, falou: *Não quero perder tempo*; disse ficar agitada (ansiosa) se não fizesse nada. Algumas delas, depois de alguns encontros, deixaram de apresentar essas atitudes, outras continuaram. Como a adolescência é um momento de testar os limites e a autoridade dos adultos, entendemos esses comportamentos como um desafio à nossa "autoridade".

Frequentemente nos chamavam de tia. Quando lhes dizia que não era a tia delas, J. falou: *...é sim. É nossa tia*; S. disse: *...é nossa madrinha*. A forma enfática com que afirmaram sermos uma tia, pareceu-nos ser uma expressão carinhosa, e uma afirmação de certa intimidade entre nós. Esse tratamento variava conforme o humor em que estavam. Por outro lado, tinham medo dessa intimidade, que se revelou na questão da educadora participar ou não do grupo. Perguntamos porque queriam a educadora no grupo. Algumas queriam,

outras não; o grupo estava dividido. Para melhor entender o processo, vamos transcrever seus argumentos.

As que estavam a favor ou indiferentes:

L. : *Com as educadoras a gente sente mais à vontade.* S. - *Pra mim tanto faz...* E. - *...a gente devia ouvir mais...ouvir algum adulto.*

L. novamente - *Mas ela também pode ajudar você, trabalhando com você. ...mas pra gente desenvolver com dois adultos. Eu acho que é mais experiência pra desenvolver a gente.* (Será que, para ela, não temos experiência? Ou estavam familiarizadas com muitas pessoas para tomar conta delas, porém sem muita proximidade afetiva.)

Outras foram contra:

P. - *Eu acho que não deve não, sabe por que? Tem umas que gostam, por exemplo a educadora Sônia tem coisa que ela não sabe, parece que sabe, mas não sabe, ela gosta de ficar vendo pra ela aprender...* Essa adolescente mostra, ao contrário das outras, um receio de que a educadora tire nosso conhecimento e talvez nossa intimidade. G. - *Ah! Eu fico com vergonha. Se abrir no grupo. Porque ela tá...* L. ajudou-lhe a traduzir os sentimentos – *...ela fica com vergonha das educadoras...*

No discurso de G. compreendemos haver uma afirmação de poderem ter mais intimidade com a investigadora do que com a educadora. Erikson (1968) sugere que a intimidade psicossocial é impossível sem um sentido claro da identidade. Ter ou não intimidade é um assunto contraditório para elas, pois a intimidade emocional não lhes parece muito clara. Apesar de terem intimidade a nível do corpo, ficam semi-nuas nos quartos que compartilham, e na nossa presença, mas a intimidade emocional lhes é difícil.

Um fim de semana não nos foi possível ir ao encontro. Tomamos o cuidado de avisar a coordenadora por telefone e solicitar-lhe que justificasse nossa ausência com as

adolescentes do grupo. Quando nos reunimos novamente, soubemos que só foram avisadas depois que já havia passado o dia do encontro. Então aproveitamos para pesquisar seus sentimentos, e entender como reagiam com relação à nossa ausência. Muitas responderam que “não sentiram nada”. Outras acharam que iríamos a cada quinze dias; ou que alguma coisa havia acontecido. Não se mostraram interessadas em falar sobre o assunto. No entanto, identificamos alguns comportamentos que indicavam a hostilidade não verbalizada, como expressões de má vontade, falta de desejo de se reunir, entradas e saídas do grupo. L., que não quis vir ao grupo, colocou música alta para irritar-nos e atrapalhar nosso trabalho.

Não sentir nada indica a falta de contato psíquico, ou melhor, a falta de percepção do próprio sentimento. Para Reich, (1994:323) a supressão da motilidade vegetativa na infância provoca, no adolescente, *grande dificuldade em desenvolver relação com um objeto de amor, com o mundo, com seu trabalho, enfim, com a realidade em geral.* A motilidade vegetativa produz uma quantidade de excitação bio-energética, sendo a intensidade da sensação funcionalmente idêntica a esta excitação. Portanto, a supressão da motilidade vegetativa provoca uma diminuição da excitação, decorrendo disto a inibição da percepção subjetiva desta sensação. E como falamos anteriormente, o segmento ocular é o emissor e integrador das funções da percepção e da consciência. Portanto, o bloqueio neste segmento impede a percepção psíquica das sensações, e a consciência das mesmas. Segundo Konia, (1984:236) a imobilização dos olhos, consequência do bloqueio, impede o indivíduo de perceber com exatidão o que acontece no seu ambiente externo e suas experiências internas. A presença desse bloqueio indica uma cisão entre a percepção e a consciência. A exposição destas adolescentes a constantes conflitos, e a frustração de suas necessidades internas mais básicas, levou-as a criar bloqueios para impedir o contato com seus sentimentos dolorosos. A falta de

intimidade no conhecimento do próprio corpo reflete a impossibilidade de criar intimidade com o ou outro.

Quando houve o primeiro conflito no projeto, que resultou na saída da coordenadora e das educadoras que trabalhavam durante o dia, observamos que algumas adolescentes passaram por um processo de regressão. Começaram a chupar chupeta e seguravam seus bichinhos de pelúcia o tempo todo. Tais comportamentos denunciavam uma forma de compensação, pois ao utilizar esses objetos podiam controlar¹³ a impotência e a frustração da perda de mais um vínculo afetivo, e dar vazão à ansiedade.

No encontro, no qual algumas estavam chupando chupetas, emergiu o assunto sobre o bebê. Foi uma oportunidade de obter, de forma mais direta, informações acerca de suas experiências na fase da infância. J. iniciou o assunto perguntando: *Quando a gente nasce a primeira coisa que agente faz é chupar o peito?* (omitiu a palavra mãe). G. comentou: *Eu não! A primeira coisa que eu chupei foi a chupeta.* N. (que estava chupando chupeta) falou: *A primeira coisa que eu fiz quando nasci foi chorar.* J. novamente falou: *Minha mãe disse que eu nasci dormindo.* J., às vezes, participava ativamente das discussões, outras vezes, ficava calada e com olhar ausente, ou recortava figuras de uma revista.

I. era nova na casa, por estar de passagem para uma outra instituição, participou somente de três encontros. Perguntou: *Me diz uma coisa. Por que o neném é chantagista?* Perguntamos porque tinha essa idéia do bebê. Respondeu: *É chantagem sim, ele chora na intenção da mãe vir.* Indagamos porque chamava o choro do bebê de chantagem. Ela respondeu: *Ah! Sei lá.*

¹³ Identificamos estes comportamentos com a idéia de Winnicott do objeto transacional, no sentido de uma experiência ilusória. Winnicott, W. D. 1974: 1-30.

Explicamos que o bebê chora porque ele precisa da mãe, ou porque está com fome, ou molhado... S. completou: *Quer colo*. E continuou: *Mas, às vezes, ele está com pirraça, mesmo... quer ficar no colo*. Perguntamos se não é normal ele querer ficar no colo. S. gritou irritada: *É ruim! Eu deixo ele no chão*. Perguntamos se ela faria isso com seu filho. Respondeu com raiva: *Ah! Eu faço. Se não calar a boca, foda-se*. Então perguntamos se fizeram isso com ela. S. continuou: *Fizeram até pior. Me jogaram no lixo. Me afogaram e tudo quando eu era pequena*. Quando falou isso, piscou o olho. Então perguntamos se estava fazendo uma história. Indignada falou: *Não é não. Foi no colégio*. Em geral chamam orfanato de instituição ou colégio.

Aproveitamos para explorar mais sobre a questão de bater no bebê e perguntamos como era o coração de uma pessoa que fazia isto. D. disse: *Coração de pedra... Vou fazer tudo pra ele, mas se ficar de pirraça...* S. gritou: *Oh! Tia, Eu esqueci ele dentro da caixa d'água. Ai ele se afogou*. Perguntamos se já tinha filhos. Ela: *Não, foi quando eu cuidava dos garotos¹⁴. Ele queria ir para a água... porque ele ia lá. Deixei ele lá e esqueci*. Perguntamos se ele afogou. S. respondeu: *Depois ele veio de novo*. Nesse momento, S. quase chorou. Parecia que esse assunto era pesado para ela. No entanto, não nos ficou claro se ela tinha sido afogada quando pequena, ou se identificou com a situação da criança que ela afogou. Imediatamente, voltou a ter sua atitude de durona, e começou a rir. Comentamos esse seu comportamento. S. então falou com raiva: *Quando tem um bebê que chora só pra provocar, dá vontade de dar um socão*.

D. disse: *Tem bebê que chora muito. Eu vou até chorar com ele, mas se provocar vou ter que dar um tapa*. Ela, ao mesmo tempo que se identificava com o bebê, não podia conter sua raiva. Então S. completou: *Se fizer pirraça, eu bato mesmo, ainda pego o pau e ...bato*.

¹⁴ Referia-se ao fato de tomar conta das crianças menores no orfanato onde viveu.

Falou, batendo com a mão no chão. Nesse momento, houve uma catarse, e S. bateu em outra adolescente. Indagada se tinha muita raiva dos bebês de que tomava conta, disse: *Só às vezes. Só quando aprontavam.*

Então perguntamos quem mais tinha lembranças de quando eram pequenas. D. contou: *Dei muito trabalho pra minha mãe, só que ela não me agüentava. Ela falava que quando eu fui para uma instituição carente, não me agüentaram e mandaram ela me tirar. Ai eu dei muito trabalho ela.* Indagamos porque achava que deu muito trabalho para a mãe. Respondeu: *Porque a gente faz, a gente sente.* Pareceu-nos que talvez sentisse culpa, mesmo que esse sentimento era desconhecido para elas.

S. fez uma observação: *Quando uma pessoa é perturbada fica para a vida toda.* Esclarecemos que ninguém nasce perturbado. Então D. corrigiu: *Ah, sim. Atentada.* S. completou: *Revoltada.* Os julgamentos de si mesmas são rigidamente estabelecidos e imprimidos na personalidade dessas jovens. Certamente são provenientes dos julgamentos recebidos na família e na instituição. S. falou que foi quieta quando bebê, sua revolta é porque: *...de tanto apanhar do funcionário da FEEM, tornou-se "atentada".* Continuou: *...e do meu avô que me batia porque eu fazia bagunça.* Lembra-se de ter ficado sozinha no berço. Falamos que nenhum bebê gosta de ficar sozinho no berço. Então D. disse: *Eu não gostava, a vontade que eu tinha era desarrumar tudo.* Nós traduzimos essa ação como raiva. Ficaram caladas, pois para elas o bebê é como um boneco que não tem sentimentos.

N. relatou: *Quando era pequenininha, eu roubava é, ...ai...roubava a comida do cachorro.* S. achou que ela estava inventado. Perguntamos porque fazia isso. Alguém perguntou se achava que era docinho. N.: *Não, é que minha mãe não botava comida pra mim. Ela botava pra ela.* S. comentou: *Quando não tinha comida em casa eu e minha mãe se sustentava com mingau de angu, feijão, farinha, ia tudo...* E. exclamou: *Ai, que pobreza!* J.

falou: *Angu é um prato...* S. completou: *...de rico. Eu não gosto de angu não, parece comida de cachorro.* E.: *Os cachorros do patrão da minha mãe era tudo grandão; e ele mandava ela fazer a comida deles. A comida era caprichada, minha mãe dava pra gente comer, a gente comia na frente deles. O angu era gostosão.*

Todas essas lembranças terríveis foram relatadas sem nenhuma emoção. Isto indica uma dissociação entre a lembrança (cognição) e os sentimentos de raiva e culpa. Somente têm consciência da revolta. Reproduzem, na relação com os bebês, o tratamento que receberam. Seus comportamentos sádicos são a incorporação da crueldade na suas estruturas emocionais. Segundo Reich, (1983:36) a criança doente adiciona, a esta crueldade estruturada, sua própria vida fantasiosa e a transforma em maldade perfeita. Na verdade, são vítimas de profunda frustração das necessidades primárias e, por isso, o coração torna-se de pedra, não podem ser sensíveis para com o outro.

A relação do alimento com a comida do cachorro indica baixa estima e certamente severo bloqueio no segmento oral. O choro do bebê, considerado como uma chantagem à mãe ou substituta, denuncia uma rejeição das expressões naturais do corpo e um conflito de suas necessidades básica, ou seja, desejo de contato e a inibição desse desejo. Para sobreviverem criaram um endurecimento (couraça) de forma a bloquear seus impulsos primários, que, segundo Reich (*ibid.*:161) são transformados em secundários, os impulsos sádicos e destrutivos. Para elas o comportamento ideal, é a imobilidade e a falta de expressão. Na realidade são muito agitadas e inquietas. Possivelmente o ideal traduz, no nível somático, a percepção interna da própria imobilidade vegetativa e, no nível psíquico, as regras educativas internalizadas. No entanto, não têm consciência de que expressam excessiva agitação corporal como uma reação à imobilidade e à intensa ansiedade. A noção de que foram um fardo para a mãe coloca em jogó o próprio valor de poder existir. No entanto,

lutam e, como o “cachorro” que não pode escolher, precisam de um dono que as adote e cuide bem delas.

Já sabíamos que várias adolescentes do grupo passaram pelo processo de adoção. Em geral seus comentários sobre as famílias adotivas, era de maltrato, humilhação e por isso fugiam da casa. Tinham fantasias de serem adotadas por pessoas ricas. Quando perguntamos por quem queriam ser adotadas, responderam:

G.: *A Xuxa já foi pobre, agora ela é rica. Ricona, né! Eu queria ser adotada por ela. Mulher ricona, com maior carrão, com um guarda para vigiar ela...Eu juro, ela foi no Romão Duarte (orfanato), quando ia saindo falou: Se eu não estivesse com a Marlene, já teria adotado todas as crianças.*

N.: *Igual o Mike Tyson, tem uma casa enorme...quando morrer vai levar nada. Eu queria ser adotada pelo Silvester Stalone, Tom Cruise, Xuxa, Vandame, Brad Pitt, Kelvin Kostener, Manuel Banderas.*

R. – *Eu queria ser adotada pela Xuxa e Brad Pitt.*

P. – *Eu queria ser adotada pela Xuxa. Tem um milionário aí, famoso, que eu queria ser adotada por ele. Ia gastar seu dinheiro tudinho. (Muita excitação com gritos e risadas).*

E.: *Pessoas queriam me adotar, só que quando falo que tenho irmã (T.), desistem. Se eu fosse única já teria sido. Perguntamos o que sentia quando queriam adotá-la. Eu não sentia nada, eu vi o sentimento de piedade de mim. Eu não faço questão do sentimento de piedade. Então perguntamos qual o sentimento que ela queria. Respondeu: De afeto... Se a pessoa olha para mim e vejo o sentimento de piedade, já não vou com a cara da pessoa. Exploramos um pouco mais esse tema, trazendo-as para a realidade do grupo, ao perguntar que sentimento percebiam que tínhamos por elas. E. respondeu: Sentimento de solidariedade e afeto. (Mudou logo de assunto).*

R. sofreu abuso sexual do pai quando tinha 10 anos. Foi adotada, com sua irmã (P.) e seu irmão, aos 12 anos e sofreu abuso sexual do pai adotivo. Relatou sua experiência de adoção: *Foi bom no começo, depois começaram a maltratar. Maltratavam com palavras e batiam em mim, no meu irmão e minha irmã. Quando fui à escola fugi. A assistente social foi lá, perguntou se minha irmã (P.) queria ficar ou sair. Ela saiu e meu irmão ficou. Tive a coragem de fugir.*

A. foi estuprada pelo pai quando tinha 7 anos de idade e foi adotada com 12 anos. Contou-nos sua experiência de adoção:

Eu morei na casa dos outros, mas não deu certo. Jogavam na cara. Minha mãe de criação morava em Belfort Roxo. Mas eu fugi. Não sei porque fugi. Fui pra rua. Senti fome, frio, fiquei debaixo do viaduto. Sentia o maior medo dos homens bêbados, que chegavam e se jogavam em cima de mim. Viaduto escuro, chegava à meia-noite, o maior escuro. Eu estava lá com uma mulher e o bebê. Era eu mulher e o bebê. só.

Comentamos que é uma decisão muito séria sair de uma casa e ir para a rua. Ela continuou: *É, não sei porque fiz essa besteira. Eu era como filha dela. Eu era bem tratada. Não sei porque fiz esta besteira, eu teria meu quarto hoje, direitinho.* E. fez uma observação: *Acho que ela é muito intuitiva. Foi pela intuição.* Explicamos, à E., ser esta mais uma decisão impulsiva do que uma intuição.

N. falou de sua experiência: *Sabe porque eu estava na Obra do Berço... Não sei contar direito, não... Não é segredo, é que tem muita coisa... Sabe, fui adotada, conta aí G. ...* N. tem dislalia e sente dificuldade de falar. Dissemos que eia faz com a G. como Xuxa faz com a Marlene. A Marlene fala pela Xuxa. Esse comentário é baseado nos comentários das adolescente sobre a atriz e sua produtora e o contexto do que se passava no grupo. E.

respondeu: *Eu defendo a Xuxa, porque é difícil falar de um passado doloroso em público. Eu não falo do meu passado em público. Falo coisas boas, mas ruim não falo. É difícil falar de sentimento em público.* O discurso de E. nos mostra como utilizam personagens externos para falar de si mesmas.

N. então conseguiu falar: *Eu fui adotada duas vezes. Ela (G.) sabe, eu contei pra ela. Fui adotada com nove anos, primeiro foi bom. Depois, me jogava na cara..., o filho do homem e da mulher...Dizia que eu era pobre, de rua...Ai eu dei na cara dele assim...(fez o gesto de bater).*

Nossa tentativa de fazê-las entrar em contato com seus sentimentos não foi muito bem sucedida, pois E. deixa muito claro como se defende. Encontram, no silêncio narcísico, a forma de não se confrontar com os sentimentos dolorosos. Segundo Reich, (1994:236-37) as experiências dolorosas, impostas pelo mundo externo, fazem com que a libido se volte para o centro do organismo, produzindo a fuga narcísica. O paradoxal é que a tensão desprazerosa criada pela falta de gratificação das necessidades básicas, compele o indivíduo a buscar contato substitutivos no mundo externo, fonte de nova frustração. Esse movimento se repete até que ocorra o bloqueio do impulso ou a repressão.

Em um organismo sem bloqueios a percepção do mundo é clara. Ao contrário, se ocorre algum comprometimento na função da percepção ela torna-se mais ou menos distorcida. A percepção aguçada de E., possibilitou-lhe distinguir uma expressão de piedade de uma afetiva, no entanto, percebe-se nela certa ambivalência perante a possibilidade de ser adotada. Já A. que tem um caráter mais impulsivo, por isso não conseguiu permanecer em uma situação de bem estar, da qual se arrepende. G., que é negra e nunca conheceu seus pais, elege uma imagem utópica para se identificar a Xuxa loira, seu extremo oposto. Gostaria de estar no lugar de Marlene que, segundo elas, é amante de Xuxa. Nesse caso, a adoção talvez

esteja misturada com um desejo homossexual. A maioria delas sente e pensa o mundo como frustrador. A saga de suas vidas foi sempre acompanhada de grandes frustrações, isto faz com que vejam o mundo com desconfiança, e a duvidar de tudo e todos. Ser adotada por pessoas famosas e ricas, o inacañável, permite-lhes manter a ilusão narcísica de serem especiais, e o desejo de serem resgatadas de suas misérias. Mostram uma impotência quase infantil perante a vida; somente algumas têm a percepção de sua força interna.

Em um outro momento do grupo, tivemos a oportunidade de fazer um "jogo" relacionado com o segmento ocular. Chamamos de "jogo" todas as propostas de vivência apresentada ao grupo. Sempre que possível explorávamos com elas algum trabalho relacionado com este segmento. Estas experiências duravam pouco tempo, pois não conseguiam manter o contato com o corpo por um período muito longo. Sugerimos que abrissem bem os olhos e sentissem o que ocorria com a respiração. Não conseguiam abrir os olhos. Depois sugerimos que olhassem nos olhos uma das outras. Como não compreendiam nossa sugestão, pedimos à T. que olhassemos uma para outra. Perguntamos o que acontecia. T.: *Você vem chegando perto de mim.* Mas, nós estávamos paradas. E. então falou que ela tem problema na vista. Sugerimos que fizessem o "jogo" uma com a outra e perguntamos o que sentiam na vista. Disseram: *os olhos doiam.* Suas sensações indicavam claramente que tinham um bloqueio nos olhos. Quando há um bloqueio na área ocular, os músculos em volta dos olhos tornam-se tensos, como também as pálpebras e o esforço para abri-los provoca dor. Reich explica que:

“...na esfera da couraça do segmento ocular, encontramos uma contração e imobilização de todos, ou de quase todos, os músculos do globo ocular, das pálpebras, da testa e da glândula lacrimal...O paciente não é capaz de abrir os olhos

como se imitasse o medo... Isto é causado pela contração dos músculos do globo ocular¹⁵.

A sensação de T. que movíamos em sua direção revela-nos, na relação psicossomática, uma desestabilização na convergência dos olhos, pois percebe nossa imagem, parada, em movimento; ou um desejo afetivo de maior contato corporal. O mesmo acontece com P. que nos relatou: *Olha, eu olhei para as cordas que estão no muro do restaurante, aí elas ficavam uma em cima da outra.* Ela também, ao focar as cordas, teve a percepção de movimento. O bloqueio do segmento ocular afeta o sistema ótico e a percepção, provocando a distorção do objeto focado.

Observamos que elas não conseguiam olhar uma para outra. T., então justificou-se: *Tem gente que tem medo de receber um esporro, tem gente que não tem.* Perguntamos: porque achavam que receberiam um esporro quando olhassem nos olhos de sua companheira de grupo? L. respondeu: *Geny eu tenho medo, eu tenho medo. Na maioria das vezes, pode ter qualquer papo, eu não olho nos olhos da pessoa, olho pra baixo, olho pro lado...* Perguntamos porque. Ela continuou: *Não sei ... É de mim mesma. Sempre fui assim.* Dissemos: agora você está nos olhando; o que você está sentindo? L.: *Sei lá... Sabe?* Outra adolescente, que não conseguimos identificar na gravação falou: *Nada, não sinto nada. Pra mim é a mesma coisa.*

F. estava nos olhando de forma direta, então lhe perguntamos o que estava sentindo. Ela respondeu: *Nada.* Esse nada significava que, nos olhava e, literalmente, não nos via. L. voltou a falar: *Eu não sinto nada. Pra mim é a mesma coisa. Não é nada não. Mas, é de*

¹⁵Tradução livre do original "In the sphere of the ocular armor segment, we find a contraction and immobilization of all or almost all the muscles of the eyeballs, the eyelids, the forehead, the lacrymal gland. The patient is not capable of opening his eyes wide as if to imitate fear. This is caused by the contraction of the eyeball muscles" Reich, W. 1994, pp.369-70.

*min mesma. Sempre fui assim. J. falou: Eu também... L. continuou: Ainda mais que eu estou conversando assim, perto assim, eu não consigo olhar pro olho da pessoa. J. de novo falou: Eu acho chato. T. declarou: Sabe, quando eu converso com a minha irmã, não consigo nem olhar pra cara dela. Perguntamos por que? T.: Porque... sei lá... Explicamos que, muitas vezes, não olhar para a pessoa é uma forma de torná-la inexistente. P. acrescentou: Às vezes minha irmã fala desaforo pra mim, eu não consigo olhar a cara dela. É mole? Então perguntamos à S., que estava calada, o que acontece com ela. Respondeu: Nada. Fizemos a observação que, com ela, nada acontece. Esse comentário quebrou o silêncio e desencadeou e explicitou a animosidade existente entre elas. L. comentou: A única coisa que ela faz é colocar as mãos na cintura e balançar o pézinho. Perguntamos o significava esse gesto. P. respondeu: *Aí, balança o pézinho assim...* L. irônica e maliciosa dá um tom sexual em sua fala: *...bota a mão no joelho, dá uma baixadinha, vai mexendo gostoso...* Continuou com outro tom: *Ela não pode ter amizade com a gente, entendeu? Mas ela não podia ser...debochar assim das situações, várias vezes.**

Explicamos que as atitudes corporais também são formas de se comunicar com o outro. P. declarou: *A minha irmã também. Tô dando esporro nela porque ela tá doente e tá de pé no chão. Ela fala assim... "Oh, você não me manda." Mas, meto dentro da cabeça dela, isso tá avisando a ela... Tá entrando na cabeça dela, porque depois ela vai se prejudicar. Tá entrando...ela pode estar fugindo...*

Usamos o relato de P. para ressaltar a importância do contato com os olhos. Acrescentamos que, ao olhar nos olhos de alguém, mostramos que estamos interessados nessa pessoa e que ela existe. Este "jogo" nos revelou e, especialmente, no que falaram junto com seus comportamentos, a dificuldade de estabelecer o contato ocular com outra pessoa. Para

elas, o não olhar para a pessoa é uma forma de evitar um “esporro”. Será que, nas instituições onde viveram, o olhar nos olhos significava desafio à autoridade?

No entanto, J. resiste declarando: *Ah! Eu não sou assim não. Eu não olho pra pessoa...* L. a acompanhou: *Nem eu... Faço tudo ao mesmo tempo... Quando vem falar comigo, eu não olho pra pessoa, mas eu presto atenção ...Bonitinha...* Explicamos que, dessa forma, ela presta meia atenção, porque a atenção completa é quando a pessoa está inteira, com os olhos e os sentidos... P. discordou: *Eu não acho não...* Então dissemos: vocês parecem estar inteiras somente na expressão da raiva. Ocorreu um certo tumulto no grupo, com interferências de fora. R. estava indecisa se entrava ou não no grupo. P. então prosseguiu: *Quando estou com raiva eu acho que consigo olhar pra pessoa, entendeu? Fico esperando que quando aquela pessoa vem me olhar com jeito de agressão, aí eu olho também com jeito de agressão...a pessoa fica, fica olhando, ela vai e consegue me esperar passar, eu não avanço, sabe? Porque se eu avançar, eu vou perder a razão.* Perguntamos se, ao fazer a expressão de raiva, ela sentia raiva ou medo. Respondeu: *Os dois... Raiva e medo. Tenho medo da pessoa e tenho raiva da pessoa. Ou fico assim, aquele vai-e-vem.*

R. entrou no grupo e depois saiu, entrou no quarto e deixou a porta aberta. A música alta, que vinha do quarto, nos atrapalhava. Perguntamos o que entenderam do comportamento dela. P. respondeu: *Ela tá pouco se lixando, quer que os outros vá atrás dela...* T. fez a observação: *Mas é sempre assim, né? Ela tá bolada, acha que tem alguém irritando ela, ela age assim. A R. sempre age assim...é sempre o lado dela que tá irritado, mas ela nunca vê o lado das outras pessoas...* A observação de T. proporcionou-nos uma oportunidade de mostrar-lhes que sempre existe dois lados, o do agredido e o do agressor. O comentário de T. desencadeou grande desentendimento nas adolescentes do grupo. Sentiam-se muito sensíveis a críticas e utilizam a raiva como um processo de defesa, especialmente P. que é conhecida

por ser mal humorada. Pois, algumas adolescentes a estereotipavam como a “mal humorada”. Sempre tentávamos, através dos trabalhos, desfazer a visão estereotipada que tinham umas das outras.

Em um outro momento o qual emergiu do próprio grupo, usamos para explorar o segmento ocular. Surgiu através de uma pergunta feita por E.: *É verdade que nossa voz é nossa característica pessoal?* Explicamos ser uma das características. Também o são a cor da pele, do cabelo, a estatura, a cor e o formato dos olhos, a forma do rosto e do corpo. Há pessoas que têm voz alta, outras baixa, outras ainda, rouca ou fina. E. continuou: *Qual é minha característica?* *Eu tenho personalidade mista...* Ela não soube explicar o que significava personalidade mista.

Então sugerimos um “jogo”, no qual cada uma deveria se levantar para que todas a olhassem e descrevessem suas características. Pedimos que G. se levantasse para que pudessem descrever suas características. (Algumas não quiseram participar e saíram do grupo). As respostas foram: *Debochada, abusada...* Insistimos que falassem como viam seu rosto, seus olhos, enfim o corpo de G., pois estavam fazendo um juízo moral. Deixamos claro, que a regra do jogo era: descrever as características físicas. A. falou: *Tem um olho que parece prestar atenção nas coisas, esperta.* N.: *Não dá pra ver.* E.: *Atenciosa...* S.: *Safada...* L.: *Intrometida...* Insistimos que falassem das características físicas e perguntamos como viam o rosto dela. Mesmo assim continuaram com os julgamentos morais. Disse: olhem para ela e descrevam o físico dela. Todas declararam: *Não sei.*

S. ficou em pé para ser olhada. O grupo gritava em uníssono e todas batiam palmas ... *fala... fala...* E. falou: *Carente...* G. disse: *Saco de areia...* L. brincou: *Parece baleia, pronto já descrevi... um tubarão...* N. exclamou: *É carinhosa!* A. disse sorrindo: *Ah! Ela tem jeito de esperta.* E. levantou-se para ser observada. L. falou: *Esperta...* J. disse com admiração:

Muito inteligente... A. disse: *Tem bom humor...* G. falou: *É muito estudiosa...* N. exclamou: *Carinhosa...*

P. ficou em pé. Todas gritavam em coro e batiam palmas. E. disse maliciosa: *Namoradeira...* S. comentou: *Safada...* R. disse com seriedade: *Explosiva...* A. falou: *Sabe conversar...* L. disse: *Fulcão...* G. falou com irritação: *Ah! Não sei não...* N. falou sorrindo: *Safada...*

R. levantou-se. Novamente todas gritaram e pediram para eu falar. Fizemos a observação que o jogo era delas. E. falou com admiração: *Inteligente...* L. disse com malícia: *Muito fogueanta...* A. falou de forma carinhosa: *Toda magrinha...* S. disse: *É a mais esperta dessa casa...* P. falou com admiração: *Intelectual e inteligente...gosta de ler...* G. repetiu: *Ah!, não sei...*

Foi a vez de N. levantar-se. L. falou sorrindo: *Escandalosa...* S. falou enigmática: *Tazomania...* Perguntamos o que significava. Respondeu: *Comê muito...* P. falou irritada: *Bruta...* E. comentou: *Estourada...* R. falou: *Namoradeira...* A. repetiu: *Namoradeira...* G. não quis falar nada.

Agora sou eu, disse A. e pôs-se de pé: L. falou maliciosa: *Namoradeira...* P. disse: *Sei lá, até que perde a linha às vezes...muito apaixonada...* E. falou com admiração: *Gosta de ouvir as pessoas...* R. comentou: *Calma...* S. disse com seriedade: *Sentimental, precipitada...* N. brincou: *Sei lá...fins...fins...* N. desenvolveu um cacoete de falar fins...fins...

Este trabalho nos confirmou que elas não conseguem ver e descrever as características físicas de uma pessoa. O bloqueio ocular impossibilita-as disso, pois afeta a percepção real e o raciocínio. O discurso delas fica somente no abstrato. Pediram então para que levantássemos, pois queriam nos descrever. Achamos que seria uma oportunidade de avaliar como nos viam, ou se poderiam descrever nossas características físicas. Assim o

fizemos. L. descreveu-nos: *Ah! Deixa eu ver...alegre...inteligente...* A. disse: *Olhando pra mim... Olho no olho...* E. falou carinhosa: *Solidária...* N. expressou: *Uma mãe pra gente...* O grupo gritou: *Oooo ...*S. falou com certo constrangimento: *Não sei... maneira... alegre... sorridente...* R. disse: *Feliz...* P. falou com alegria: *Legal adorei...maneira...*

A visão de nossa pessoa, também permaneceu no campo das qualidades abstratas, e isto comprovou-nos que não podiam ver o outro de forma concreta. Este pequeno trabalho de se olhar despertou-as para olhar o próprio corpo. Mais adiante será relatado como utilizaram no seu cotidiano o que aprenderam no jogo.

2.3 - Meu Corpo: esse desconhecido.

A relação delas com o próprio corpo era de total desconhecimento. Traziam ao grupo questões referentes às transformações do corpo, muito intensas na adolescência. Algumas apresentavam disfunções somáticas como cólicas menstruais, herpes, prisão de ventre, insônias; havia um caso de bulimia e de epilepsia. Outras, queixavam-se de dor na coluna, problema de sangue e de nervos. Pareciam desconhecer as diferenças entre o corpo do homem e da mulher. A curiosidade com relação a isto chegava ao exagero.

Identificamos alguns sintomas relacionados ao segmento ocular, tais como dores de cabeça, enxaqueca, problemas de visão e, como já mencionamos, também a falta de contato ocular. Na ocasião, afirmaram que não faziam uso de álcool e nem de drogas. E havia somente três que já tinham tido experiência sexual, mas não faziam uso de contraceptivos.

Descreveremos suas perguntas sobre o próprio corpo. Pode-se perceber em seus comentários, grande estranhamento com relação às transformações que estavam vivendo.

E. disse: *Por que debaixo do braço fica preto?* (Ela tem a pele escura) *Tem gente que não tem preto.* Começaram a olhar debaixo do braço e E. falou que não tinha pelos. Perguntamos se gostavam do cheiro do próprio corpo. E. respondeu: *Eu não gosto não. Quando estou suja, a fragância do perfume vai embora.* As outras não disseram nada. Então T. perguntou: *Tenho 13 anos e não tenho cabelo nas pernas, por que?* Explicamos os efeitos dos hormônios no corpo adolescente e na mulher em geral. L. comentou: *Eu, por exemplo, tenho muito hormônio. Tenho pelos nas pernas e costas.* Sugerimos que cada uma olhasse as pernas para ver se tinham pelos. N. então interrogou: *Por que o homem tem cabelo no peito e a mulher não tem?* A. comentou: *Tem muito homem que tem muito pelo na barriga e no peito.* Para elas, o corpo da mulher é sempre comparado com o do homem. Então explicamos as diferenças entre um e outro.

No entanto, T. novamente fez o comentário: *Fiquei menstruada com 10 anos, por que eu tenho isso e os meninos não têm?* Parecia revoltada com esse fato. Sua pergunta nos mostra a confusão que fazem entre o corpo do homem e o da mulher. E. fantasiou: *Podia ser assim, no parto o homem sente a dor e a mulher põe o neném pra fora.* N. também fantasia: *Podia o homem ter peito igual a gente, ter filho e sentir cólica.* A. falou com desprezo: *Deve ser horrível a dor do parto...o homem fica lá, que nem bobalhão...* Perguntamos quem tinha cólica, todas disseram ter. E. disse que a cólica é para limpar o útero. Será que para ela o útero é sujo?

O desconhecimento e a falta de contato com o corpo fazem com que construam no campo das idéias um corpo andrógono. Talvez este corpo masculino-feminino seja uma expressão da inveja do pênis. Possivelmente, a ausência, em suas vidas, da figura paterna e o

severo desapontamento com a figura masculina contribuíram para despertar as identificações masculinas e ativar a inveja do pênis. A falta de contato com o corpo, conseqüente do bloqueio ocular, faz com que essa idéia se fixe e seja alimentada pela estase sexual.

A cólica menstrual é um dos sintomas, identificado por Reich, da existência de uma contração na pélvis. Segundo o autor (1994:389) a inibição do prazer na pélvis é transformada em raiva, e a inibição da raiva é transformada em espasmos musculares. Portanto, o homem sofrer igual a mulher é uma forma de castigá-lo e uma expressão da raiva dirigida ao sexo oposto. Para elas o homem é sempre o privilegiado e a mulher é a sofredora e a desvalorizada.

Até agora nos foi possível constatar que o nível de tensão dessas adolescentes era muito grande. O aumento dos hormônios, próprios dessa idade, já provoca grande agitação no corpo, entretanto, a tensão crônica potencializa seus efeitos, fazendo a agitação ainda mais exagerada. Mesmo o ato de dormir, que normalmente é um momento de relaxamento, para algumas é um momento de grande tensão. Os comentários abaixo, e as sensações do cotidiano por elas relatados, mostram-nos como vivem em constante estado de alerta. P. falou, no grupo, como esse momento traz-lhe tensão :

Quando eu vou dormir, isto acontece em qualquer lugar, fecho os olhos assim... aí as coisas ficam balançando, quando acordo está tudo parado...Antigamente eu via muitas coisas. Onde eu morava era muito mato, muito mato mesmo. Via cobra, via lacraia, via lagartixa, via tudo de verdade durante o dia. Quando chegava à noite via uma cobra enrolada nos meus braços, ficava morta de medo.

T. também comentou: *Quando estou falando... de repente sobe uma coisa assim... (fez o gesto da direção das pernas para o peito) a perna fica contraída, tensa. Quando vou dormir parece que vou cair, sinto uma tremidinha assim...(faz o movimento com o corpo).*

E R. que vive muita insônia, disse: *Eu perco o sono aí vejo bichos...aí eu morro de medo e cubro a cabeça, não consigo nem respirar...*

O bloqueio da respiração é uma forma de congelar o corpo para não sentir o medo e a intensidade de outros sentimentos negativos. Reich (*id. ibid.*) assegurou que a atitude inspiratória é o instrumento mais importante para a supressão de qualquer tipo de emoção. Para que haja a sensação da emoção, é necessário um contato contínuo com a corrente excitatória proveniente da energia que emerge, no organismo, com a percepção. Quando o organismo congela de medo, ocorre uma inibição da respiração que, quando se cronifica, pode bloquear a percepção da realidade. No caso acima, as adolescentes não conseguiam distinguir o sonho da realidade, pois todo seu sistema estava funcionando em estado de alerta. Assim, o medo bloqueado nos olhos provoca a distorção da realidade e produz alucinações.

Aproveitamos o tema do medo e o comentário de L.: *o olhar fala* - para propor um "jogo". Nossa proposta foi: todas deviam abrir os olhos, bem arregalados, para perceberem o que expressavam. Esse "jogo" objetivava sensibilizá-las para a perceber qual a expressão que faziam ao abrir os olhos e reconhecer o sentimento contido nesta expressão. Fizemos a mímica para que nos imitassem e aprendessem como identificar nossa expressão. Perguntamos à L. que expressão tínhamos no rosto, ela a identificou como medo. Então, pedimos que cada uma fizesse a mesma expressão. Quando faziam a imitação, riam muito, com certo nervosismo. R. disse que não sabia fazer; S. falou que estava com cara de maluca e L. e R. sentiram dor de cabeça. Algumas fizeram a imitação, outras não.

O assunto mudou, algumas se queixaram que estavam com fome. L. disse que quase não sentia fome. Sua fome, naquele momento, *era mau espírito que tem na casa. É... deve ter demônio. Estimulamos para que falasse mais. - Ele perturba todo mundo, não é só a mim não. Todo mundo da casa, todo mundo ...tem demônio.* Perguntamos como sentem o

demônio aqui na casa. L. respondeu pelo grupo: *Sentindo, eu tô sentindo...* Uma adolescente não identificada na gravação falou: *Sei lá ...Ele perturba, enfia o garfo na bunda das meninas. Todo mundo briga, todo mundo grita...* L. voltou a falar: *É todo mundo briga, todo mundo grita, joga a casa pro alto, vira a casa. Às vezes, uma entra debaixo da outra. Eu sempre falei isso: que era endemoniada! Tem que chamar um papa, um padre pra (barulho)... Éta...tá vendo? Me confirmou...* Perguntamos se nos outros lugares que moraram também sentiram isso, ou era só nessa casa. Responderam juntas: *Só aqui.*

Interrogamos: será que não é da idade? A idade adolescente? Nesse momento ocorreu um fenômeno curioso, começaram a revelar como se relacionavam. Nesse encontro havia somente quatro adolescentes, pois as outras tinham ido à praia. C., que ainda não tinha decidido entrar para o grupo, estava sentada na periferia.

Então, P. falou: *A idade adolescente? Essa idade deveria ter mais juízo na cabeça.* S., que estava calada, comentou: *Vocês deveria até saber disso, que as menores falam muito mal de vocês.* As outras falaram juntas: *Eu sei disso...ah! eu sei disso.* S. continuou: *Falam que vocês não têm responsabilidade.* Perguntamos quais eram as menores, queríamos compreender melhor a divisão. P. explicou havia dois grupos nas reuniões de avaliação com a coordenadora, o grupo das menores e o das maiores. Explicaram que as menores têm *menos cabeça.* P. então falou: *As que são menos maduras.* S. disse: *As que estão verdes separam das maduras.* Das adolescentes, presentes no encontro, somente S., que tinha 15 anos, estava no grupo das “menos maduras”, as outras eram do grupo das “mais maduras”. Comentaram que as menores tinham o defeito de falar, que as maiores, não tinham responsabilidade. P. muito indignada contou:

Uma vez, a G. (menos madura), tinha um trocador lá, trocador era safadão, ela saiu contando a nossa vida pro trocador. A gente tava indo pra praia...eu

não me lembro a garota se explodiu em cima dela, porque ficou falando nossa intimidade pro cara. Não se pode fazer isso, invadir a intimidade dos outros...Ela é fofoqueira! Porque ela acha que tem responsabilidade e deixa a língua virar chicote. Pegamos amizade com ele, sabe? Só que a G. pegou intimidade com o cara de outro jeito, saiu contando nossa intimidade pra ele.

Perguntamos se sentiam-se à vontade para falar de sua intimidade no grupo. Responderam juntas que não. S. disse: *Só tenho confiança em Deus. Não tenho nem em mim, porque faço besteiras...* Então, perguntamos se achavam o que falavam, no grupo, não iria ser respeitado. L., que em geral tem uma atitude de superioridade com relação às outras e faz comentários irônicos, falou: *Vai parar em Nova York, se a gente duvidar...você não conhece as meninas Geny Precisa conhecer melhor as meninas.* Então perguntamos se o demônio na casa e a linguagem endemoniada era a fofoca. Disseram que sim. Já tinham mencionado esse fato, quando fizeram a observação que as plantas morriam quando botavam dentro da casa, pois esta tinha *mau espírito*.

O efeito desse pequeno “jogo” explicitou o que Reich (1994:456) identificou no processo esquizofrênico. Segundo ele “quando a percepção está dividida da excitação bio-energética, as sensações do corpo são vividas como ‘estranhas’, como ‘más’, ou ‘demoníacas’, influenciadas por ‘poderes sobrenaturais’ (‘sobrenatural’ no sentido de além do próprio self)” (aspas do autor)¹⁶. Em geral, o nível da energia no corpo dos adolescentes é alto, decorrente da ação dos hormônios e do despertar da sexualidade. Por essa razão esse pequeno movimento dos olhos desencadeou tal reação. Na verdade, o que elas chamam de “demônio” nada mais é que a percepção distorcida da própria corrente plasmática e principalmente da excitação sexual. Sua insinuação que *uma entra embaixo da outra* nos

¹⁶ Tradução livre do original “When the perception is split off from the bio-energetic excitation, the bodily sensations are experienced as ‘foreign’, as ‘evil’, ‘devilish’ influences by ‘supernatural powers’ (‘supernatural’ in the sense of ‘beyond’ one’s own self). Reich, W. 1994,p.457.

induz a pensar em seus conflitos homossexuais. No entanto, não nos foi possível explorar mais esta questão, como também não nos foi possível descobrir se utilizavam a masturbação como uma forma de descarregar a energia sexual. Entre os adolescentes, os quais ainda não se iniciaram na atividade sexual com um parceiro, a masturbação é um comportamento muito comum.

A adolescência é um momento propenso para desencadear processos psicóticos. Reich (*id. Ibid.*) constatou que a sensação de forças sobrenaturais, a fuga nos mecanismos psicóticos e a imobilidade do segmento ocular, formam uma única unidade funcional. Significa que o aumento da energia sexual e sua pressão no organismo, associado a um severo bloqueio no segmento ocular, provocam a distorção na percepção subjetiva das sensações sexuais. A alucinação é decorrente desse processo.

A sexualidade de G. é atacada por todas. O fato de ela se envolver com o trocador do ônibus rompe com a unidade feminina da casa, talvez com suas fantasias homossexuais. Pois, a raiva e o desejo pelo homem, não lhes permite definir se podem ou não partilhar de sua "intimidade" com ele. Reich, (*id. Ibid.*) novamente, nos esclarece como a percepção distorcida do desejo sexual expressa-se no processo esquizofrênico¹⁷ "...na esquizofrenia as forças genitais continuam a funcionar, mas estão divididas do resto do organismo, são sentidas como 'más' ou como 'pecado' e retornam como o 'demônio' ou 'forças do além'.¹⁸ Tanto o caráter neurótico, como o místico, têm a noção da sexualidade como pecado.

¹⁷ O critério, na orgonomia, para o diagnóstico caracterial da esquizofrenia, difere do usado pelos psiquiatras. No Manual de Diagnóstico Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria (DMS-4) descreve essa doença como uma constelação de sintomas. No entanto, a orgonomia tem um diagnóstico baseado na estrutura caracterológica e na distribuição significativa da couraça muscular. Na esquizofrenia observa-se uma cisão entre a percepção e a consciência. O distúrbio da percepção, no indivíduo esquizofrênico, é provocado por uma intolerância de sua excitação bio-energética. Harman, 1997, v. 31, n.1, pp. 69-82.

¹⁸ Tradução livre do original "...the genital forces continue to function, but they are split off from the rest of the organism as 'bad' or as 'sin', and they return as the devil, as 'forces from beyond' in the realm of schizophrenia...". W. Reich, 1994, p.469.

Não estamos afirmando que estas jovens sejam esquizofrênicas, pois fazer diagnóstico não é o propósito dessa investigação. No entanto, o episódio citado, e outros referentes à sexualidade dessas adolescentes, indicam que vivem episódios psicóticos muito comuns na adolescência e, principalmente, em uma população carente da afetividade familiar e que cresceu em um ambiente repressor.

2.4 - Ser ou não ser: uma questão da adolescência.

A adolescência inicia-se na puberdade com o despertar da sexualidade, e termina em torno do início da terceira década de vida, quando solidifica a estrutura do caráter, da personalidade e ocorre a definição da identidade na sua totalidade. É um estágio tumultuado do desenvolvimento, pois é um período de definições. A definição sexual caminha intimamente ligada à definição social, e são determinantes para a integração da identidade. Estes fatores são importantes para o amadurecimento do eu, que atinge sua compleição com a genitalidade. A genitalidade é uma condição do desenvolvimento para uma maturidade plena. Tanto Reich (*ibid*:176) quanto Freud (1977:127) afirmaram que a genitalidade consiste na capacidade de desenvolver a potência orgástica que é muito mais que uma descarga sexual. É a combinação do amadurecimento da intimidade sexual mútua, com uma completa sensibilidade genital, a capacidade da descarga de toda a tensão do corpo e de viver o prazer.

Havendo condições favoráveis, a menina, em um determinado momento de seu desenvolvimento e após ter usufruído a intimidade do amor materno, volta-se para o pai. É o momento de vivenciar uma nova forma de amor e o desabrochar da futura mulher, que a menina trás em si. Inicia-se, portanto, a trajetória para a definição da identidade sexual que se

completa no final da adolescência. Paralelamente, ocorre a construção da identidade social. É uma fase de grande complexidade para os jovens, particularmente para a menina, pois a transformação de seu corpo, e a organização de uma nova imagem corporal, a percepção de seus atrativos como mulher e o advento do exercício de sua sexualidade, vêm se juntar com outros fatores como a possibilidade de uma atuação mais concreta na sociedade a que pertence. Estes elementos contribuem para a integração das identidades sexual e social em uma única e total noção de si mesma, bem como a percepção de sua singularidade.

A observação das adolescentes do grupo, possibilitou-nos compreender a realidade dessas jovens, cuja história de vida é de completa carência de amor e segurança familiar, e nos possibilitou avaliar a complexidade de seus conflitos de identidade, especialmente a sexual e a social.

A questão da identidade social foi explicitada em dois momentos diferentes. Já na entrevista E. angustiada, apresentou esta questão: *Se um rapaz quiser me namorar e souber que sou de uma instituição (é como chama o orfanato) vem o preconceito, então ele vai sentir piedade. Na escola poucos falam comigo porque sou de instituição. Gostaria de me sentir igual às outras meninas. Depois que digo que sou de instituição eles se afastam.* Sua inibição com relação ao sexo oposto centra-se na questão de sua origem social. Apesar de ser inteligente, E. não tem a percepção de suas dificuldades no campo da sexualidade, pois nunca teve um namorado.

Quando explorávamos no grupo seus projetos para o futuro, novamente surge através de E. a questão da identidade social. Vamos transcrever os projetos de cada uma, pois podem nos dar a visão de seus sonhos futuros e o desejo de mudar sua condição social. Perguntamos que profissão queriam ter. N. falou: *Estudar, estudar, estudar...Ter um futuro melhor. Eu já trabalhei cuidando de bebê.* E. disse: *Quero ser psicóloga.* Em seguida nos perguntou o que

estudamos, evidenciando claramente sua transferência com relação à investigadora e sua busca de um modelo feminino. R. nos relatou que: *Quando era pequena, eu queria ser professora. Quando fui adotada, a mulher começou a falar para mim que eu nunca ia conseguir. Agora quero ser secretária.*

Todas as adolescentes ficaram indignadas com a mãe adotiva de R. N. indignada falou: *Quero ser policial, veterinária. As meninas do meu colégio falam que não vou ser policial. Eu um dia vou conseguir, tá bom?* G. disse: *Quero ser funcionária de bebê. Trabalhar em creche.* N. novamente disse: *Quero ser rica para ajudar os pobres.* E. replicou: *Divido se uma garota institucionalizada fosse rica ...divido que vai contribuir com o pobre...* Perguntamos o que queria dizer com garota institucionalizada. Ela continuou: *Tem gente de fora que não é institucionalizada, que já sofreu, deu duro... Quem disse que essa pessoa vai ajudar os que estão lá em baixo?* L. falou: *O Amaral foi mendigo e ajuda...* E G. falou: *A Xuxa já foi pobre, agora é rica. Ricona né! A mãe dela batia tanto nela. Tinha dentre quebrado...*

Trazem, em seu discurso, a expressão interna de angústia e desconfiança, intimamente relacionadas com sua condição social. O futuro para essas jovens é incerto: até mesmo sua moradia é uma incógnita, pois quando fizerem dezoito anos não poderão permanecer na casa onde moram. Para onde irão? Nunca sabem para onde serão enviadas depois dessa idade. Então, sonham ser como qualquer jovem que tem a proteção da família. E. ficava muito angustiada de se separar da irmã, que é sua família. A idéia de ser rica significa potência, segurança, e um ideal compensatório, que substitui a completa impotência perante a impossibilidade de resgatar a família que as abandonou.

A curiosidade dessas jovens com relação ao funcionamento do corpo do homem e da mulher é muito grande. A curiosidade sexual é uma das formas de o impulso (energético)

buscar contato com o mundo externo. A excessiva curiosidade dessas jovens sobre esse assunto traduz uma completa falta de informação, como também o nível de repressão do ambiente dos quais vieram. Konia (1995:36) assegura-nos que:

“A habilidade do adolescente para lidar com o aumento das sensações sexuais, depende de como foi preparado, nos estágios anteriores de seu desenvolvimento, a tolerar e vivenciar seus sentimentos sexuais. As crianças que tiveram um ambiente amorosamente natural e expressivo, cujos pais ou substitutos tiveram uma atitude afirmativa com relação à sua sexualidade, terão na adolescência, mais facilidade em tolerar suas sensações sexuais. Ao contrário, as crianças, cujo ambiente foi repressivo, ou sexualmente ignorado ou distorcido, terão maior dificuldade”¹⁹.

Como tiveram na escola uma aula sobre gravidez e aborto, trouxeram o assunto para o grupo de encontro. Durante a discussão, disseram que, se engravidassem, não fariam aborto, pois poderiam fazer a prevenção. Acreditavam, que se uma mulher faz um aborto, não engravida mais. Então, E. falou com certo desprezo: *As meninas da escola, porque têm família, não se interessam em aprender sobre prevenção de gravidez.* A. concluiu, também com desprezo: *Quando engravidam vai atrás do papai com a mamãe...* Explicamos que tais adolescentes eram meninas iguais a elas. Todas declararam: *Meninas como nós? Elas são diferentes...* Novamente, E. disse: *Nós, meninas de instituição somos mais interessadas...* Então, perguntamos se eram diferentes por que tinham vivido em instituição. Disseram que sim. E. acrescentou: *As meninas da escola já transam e não se preocupa, com prevenção de*

¹⁹ Tradução livre do original “The ability of the adolescent to handle the increase in sexual sensations is depended on how prepared they are to experience and tolerate their sexual feelings at earlier stages of development. Children whose environment includes natural expressions of love, where sexuality is affirmed by parents and surrogate parents, have an easier time tolerating their sexual feelings when they reach adolescence. Conversely, children whose environment includes either repressed, ignored, or distorted sexuality have a more difficult time”. Konia, C. 1995, v.29, n.1, p. 36.

gravidez. Eu sou virgem e tenho orgulho disso. Me sinto especial e quero me guardar para me casar com o homem que eu amar.

E., neste momento, funcionou como porta-voz do grupo com relação aos sentimentos de ser *menina institucionalizada*, explicitando uma identidade social estigmatizada. Consideramos, como Goffman (1974), ser o estigma uma marca, seja no corpo físico ou no sentimento social, que ressoa na vida íntima do indivíduo e tem o poder de alterar sua auto-percepção. Segundo Goffman (1988:21) o “estigma não é somente relacionado a um defeito físico mas, também, a uma organização socialmente estereotipada que afeta a identidade ocupam na sociedade. pessoal do indivíduo ou o próprio eu”. O eu nesse caso, é por nós considerado, da mesma forma que Erikson (1968:162): “o eu funciona como integrador dos aspectos psicosexual e psicossocial”. Sua função é integrar e fazer a relação entre os novos elementos, com os já existentes, adicionados à identidade. Queremos dizer, que funciona como uma ponte entre os diferentes níveis do desenvolvimento da personalidade.

As marcas que já traziam, foram reforçadas, com os sentimentos advindos de seus colegas de escola e a rejeição vinda dos vizinhos da casa onde moram, exatamente no momento em que o contato com a sociedade tornou-se mais direto. Mesmo assim, seus sonhos para o futuro são ambiciosos e, para muitas do grupo, fantasiosos, pois poucas serão capazes de fugir de sua condição de carência. E. expressou essa condição quando falou “os que estão lá em baixo”, indicando o lugar que ocupavam na sociedade.

A curiosidade sexual foi a motivação que manteve o grupo junto. Durante vários encontros, foi o tema que as jovens queriam discutir. Compreendemos que essa curiosidade era a expressão de seu organismo, ou seja, uma pressão interna para a definição da identidade sexual. Para atingir tal identidade, tornou-se necessário que preenchessem o vazio da desinformação sobre o funcionamento do corpo feminino e masculino.

A primeira pergunta feita por E. sobre a questão sexual, já mencionada, desencadeou um rojão de outras, como se estivessem represadas por muito tempo. Vamos descrever seus sentimentos, pensamentos e fantasias, sem contudo, demarcar a situação temporal dos encontros, mas os temas emergentes. Perguntaram: *A mulher tira a roupa do homem e fica vestida? Tira a roupa no escuro? Eu nunca vi um homem peladão. ...eu queria ver um homem pelado.* Outras diziam que: *a mulher vai beijando o homem e tirando a roupa...* Todas falavam de suas fantasias com relação ao ato sexual. Explicamos que o ato intimidade entre o casal. A fantasia de que a mulher fica vestida, significava tanto um desejo de controle, como o medo do homem.

Uma adolescente, que era muito fechada e apresentava dificuldade de fazer contato ocular, ou de fazer qualquer aproximação conosco, tornou-se muito animada e falou: *Quando o homem penetra na vagina ela fica larga?* Ou, então, faziam perguntas sobre o próprio corpo, tais como: *Calmaí, tia, assim óh... por que as meninas diz que quando namora fica molhada? Ah! Virgem fica molhada?* Tais perguntas, mostravam total desconhecimento do corpo e das próprias sensações relacionadas às suas partes mais íntimas. Respondíamos e explicávamos, com honestidade, como funcionavam o corpo do homem e da mulher no ato sexual. Pois entendemos que as informações e fantasias relacionadas ao sexo, vinham dos filmes pornográficos vistos por elas. Nosso propósito era dar-lhes uma noção saudável do sexo e do funcionamento natural do corpo. Explicamos que o músculo da vagina é elástico, por isso pode contrair e se distender. Sugerimos que tentassem contrair e soltar a vagina. Disseram não sentir a vagina, mas sentiam o movimento do ânus. Então dissemos que a primeira se movimenta com o último.

Claramente tinham dificuldade em entrar em contato com as partes femininas do corpo e a percepção da vagina confundia-se com percepção do ânus. Esta confusão estava mais

explícita na pergunta feita por outra adolescente: *O homem acha o buraco certo?* Queria saber se achava o buraco do ânus ou da vagina. Ou: *Mas vem cá, e o tamanho da vagina da mulher... e se o pênis for grosso, a mulher sente dor... Tem que entrar tudo...? As bolinhas ficam de fora?* Outra contou que viu um cavalo (animal) ... *pegar a mulher à força*. O ato falho de colocar o verbo *pegar* com referência ao animal cavalo, mostra como, na sua fantasia, o homem era bruto, violento, um animal. O desejo e a curiosidade pelo contato sexual estavam sempre confundidos com fantasias de perversão e violência sexual.

A maioria das adolescentes se dizia virgem, exceto uma, que nos relatou de sua experiência sexual o que tornou o debate mais concreto. Apesar de terem noções teóricas sobre prevenção de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis, suas dúvidas eram concretas e emergiam do "silêncio" imposto pelas instituições onde cresceram e decorrente da falta de comunicação existente entre elas mesmas. Uma outra perguntou: *Sentar no colo do rapaz e, 'fazer' nas coxas engravida?*

Constatamos que o conhecimento teórico, sem uma discussão mais subjetiva, não satisfazia suas questões mais íntimas. Aproveitamos este tema para falar sobre a prevenção da gravidez e prometemos que iríamos trazer no próximo encontro, camisinha e diafragma para que pudessem examiná-los. O que fizemos no encontro seguinte.

Descobrimos que usavam, ente si, o código BV (boca virgem) para se referirem à vagina virgem. Houve, nesse caso, uma transposição da função da boca para a vagina – o comer. Para elas, a interpretação do corpo passa pelas experiências mais básicas. Segundo Mead (1978:145) a copulação, a prenhez, o parto e a lactação – comportamentos que demandam uma especialização do sexo – são tão significativos como os sem especialização, tais como: o comer e o beber, a digestão e a eliminação. Isso significa, existir um deslocamento da energia da zona genital para a oral, decorrente de um bloqueio pré-genital.

Segundo Konia (1985:126) a existência do bloqueio pré-genital perturba mais ainda a percepção, no homem e na mulher, já distorcida, e interfere drasticamente no relacionamento heterossexual. O corpo, para essas adolescentes, era visto de maneira muito primária e, sua concepção sobre o sexo, demonstrava o grau de repressão existente no ambiente no qual cresceram.

Viam o homem de forma supervalorizada e privilegiada, especialmente no campo sexual, no qual era ele que possuía o desejo sexual, por isso ele "abusava". O abuso sexual parecia estar ligado à figura paterna e se estendia ao homem em geral. Para termos uma idéia de suas fantasias incestuosas, vamos transcrever na íntegra o relato de uma história trazida no grupo. Essa história P. disse ter ouvido no rádio:

Sexta-feira eu ouvi uma história no rádio. A menina tinha uns 11 anos, a mãe morreu e ela ficou só com o pai. O que aconteceu é que ela foi crescendo. O tempo foi passando, e foi crescendo. Ela estava dormindo, aí o pai foi acordá-la para ter uma conversa. Só que a mãe dela não queria que ela namorasse, e que o pai dela deixasse ela namorar. A mãe conversava com o pai dela quando estava morta. Tipo espiritismo. (risos). Ela falou que se ele deixasse ela namorar e perder a virgindade com um garoto, a culpa ia ser dele. Muita coisa ruim ia acontecer naquela casa. Aí o que ele fez... ela era sozinha, não podia ter amigos, não podia ter ninguém. Essa mulher morta perturbava ele. Aí, ela só tinha uma madrasta que não podia ir lá. Ele pediu para ela parar de ir lá. O que aconteceu foi que o pai dela chegou na cama da menina e começou a conversar com ela. Olha que absurdo!... Tá na hora da gente ter uma conversa, você esta muito desenvolvida, você está com 14 anos (idade da narradora) Olha o que vai acontecer. Você vai ter que ser minha mulher. A sua mãe não quer que você tenha caso com nenhum rapaz.

Naquele dia ela passou a ser mulher dele, forçada. Ele exibia ela na frente dos amigos dele, beijava ela, sabe! Dava beijo na boca forçado. Chegava de noite tinha relações (falou com um riso no rosto). Aí, olha o

que aconteceu... O tempo passou Geny, o tempo passou... antigamente ele que obrigava ela a ter relações com ele forçada. O tempo passou ele não queria mais ter relações, e ela que queria ter relações forçada com ele. Eu queria saber porque aconteceu assim. Porque esse é um fato que aconteceu na realidade... que a filha começou a desejar o pai para ter relações?

Todas as adolescentes do grupo ouviram em silêncio, o que raramente acontecia. Dirigimos a pergunta feita por P. para o grupo: - Por que o pai forçou a filha? E por que a filha começou a desejar o pai para ter relações? Todas as adolescentes do grupo estavam muito excitadas e inquietas. Então, P. continuou sua explicação: - *Ele não batia nela, nem nada. Ele pedia e beijava ela e se exibia na frente dos amigos. Com o tempo ele seduzia ela, depois ela começou a seduzi-lo. Ele não queria.*

Nesse momento L. falou: *Ele pirou a cabeça dela. Ele fez a cabeça dela...* T. explicou: *A mãe não queria que a menina perdesse a virgindade, porque muitas coisas ruins ia acontecer. Vai ver que o espírito incorporou no pai para casar com ela.* Perguntamos ao grupo, se a mãe transava com a menina através do pai. (Risos) Pois T. falou que o espírito da mãe entrou no pai... Continuamos, nesse caso a filha está transando com o pai e com a mãe? T. respondeu: *Para não transar com ninguém...* Mas P. continuou defendendo a posição de inseparabilidade do pai com a mãe, ressaltando que: *A mãe dela não queria. Ela falou se ela transasse com algum garoto jovem, ia acontecer muita coisa ruim naquela casa... ela tinha que transar com o pai. Ela não podia transar com nenhum garoto.* Já, A. (rindo muito) exclamou: *Eu botava um facão... no pai.*

Este fato provocou muito R. que trouxe um fato visto em "Você Decide", um programa de televisão: *Tem muita garota que é estuprada pelo irmão e o filho nasce deficiente. Houve uma história também que o menino pegou uma irmã forçada, e o filho dela nasceu deficiente...* Então, N. acrescentou: *Igual a história do Gugu. O gato transou com o*

coelho e o rabo...o cu dele ficou... P. levou a história contada por N. a sério e perguntou: *Se o gato transa com o cachorro, o que acontece?* Explicamos que no reino animal isto não acontece, pois o cruzamento entre os animais só ocorre na mesma espécie. cE. também perguntou: *Tipo assim, esses contos que a mulher transa com cavalo, Jamais ela vai ter filho com cavalo, não é?* E A. falou: *Antigamente eu escutava muito a "Patrulha da Cidade". Ouvia barbaridades...*

Voltamos a atenção do grupo para o tema trazido por P. perguntando-lhes se achavam real o que ela havia contado. Todas responderam que era real. Então explicamos a diferença entre fantasia e realidade. Por exemplo, quando N. falava que queria matar o padrasto, ela estava fazendo uma fantasia. E a menina desejar o pai também pode ser uma fantasia.

O assunto muda para relações homossexuais. Então, N. perguntou: *Olha, quando o homem com homem não pega Aids?* Todas falaram juntas: *Mulher com a mulher pega Aids?* Novamente N. falou: *Homem com mulher mete o pepino...* (muitos risos). Então, A. perguntou: *Uma dívida. Homem com mulher deve dar prazer. E mulher com mulher dá prazer igual com homem?*

As histórias e os comentários trazidos pelas adolescentes, revelam uma excessiva preocupação e confusão na identidade sexual. Havia, claramente, uma identificação da narradora com a personagem da história, pois sua idade e a da menina era a mesma. Usou o verbo "ter" inúmeras vezes, indicando a impossibilidade de a menina fugir do destino do incesto, tal qual no mito de Édipo. Na história ou na sua fantasia, isto parece menos mau do que "as coisas ruins que podem acontecer na casa", as quais não são reveladas. A mãe morta, significava a mãe ausente para todas elas, como também a raiva dessa mãe onipresente – que mesmo morta controla seus sentimentos. A incorporação da mãe no pai, foi uma forma

primitiva de interdição (pré-genital) para o exercício de sua sexualidade com seus pares. Na verdade, uma interdição no nível da oralidade.

A complexa organização emocional das adolescentes nos permite, interpretar a história trazida por P., de duas formas. Uma delas, seria avaliar, a sobreposição do pai com a mãe, como uma indicação de seu desejo pelas figuras parentais ausentes em suas vidas. A outra, seria compreender a sobreposição como uma expressão do impulso pré-genital com o genital. Isso porque, a energia sexual poderosa soma-se ao desejo oral pela mãe, e exerce grande pressão na superfície de seu organismo, no sentido de abrir caminho para a genitalidade (desejo do pai). No entanto, a não resolução da oralidade aprisiona o desejo sexual no sistema pré-genital. Melhor dizendo, o desejo oral, relacionado à mãe, utiliza o desejo genital (pai), impedindo a realização do social (relação com um jovem).

Como a adolescência, em última instância, é o momento de definir a identidade psicosssexual, a história ou fantasia relatada por P. seria um caminho utilizado por ela, para elaborar o estado confusional, relacionado à sua bissexualidade. Acreditamos que a falta de modelos familiares concretos e a vivência coletiva das adolescentes, são fatores que acentuam esta confusão na definição sexual. A falta desses modelos, possivelmente, impossibilita uma elaboração separada, das identificações masculinas e femininas adquiridas no desenvolvimento da identidade. Um outro dado importante, era que a narradora da história, muitas vezes, foi apontada pelas adolescentes do grupo, como "parecida com homem". Podemos então considerar que a fusão do pai com a mãe seja uma forma de juntar a figura masculina com a feminina, que se fundem na relação sexual da filha com o pai. E o rapaz jovem, interditado pela mãe, representa ela jovem que "parece homem". Após a fusão sexual da filha com o pai incorporado da mãe, ela podia ter consciência de ser uma mulher e desejar o pai. Schilder (1977:204) vem confirmar esta nossa interpretação, quando afirmou:

“...a cópula (*intercourse*) entre as imagens corporais tem lugar, sobretudo, através das zonas erógenas”; no caso presente, nas zonas oral e genital. Diferente do autor citado, preferimos utilizar o conceito de fusão das imagens para diferenciar o ato simbólico da cópula, contido na história acima citada. Até porque o ato da cópula, ao nosso ver, refere-se a uma ação concreta.

Não tivemos qualquer informação se P. sofreu abuso sexual. Na verdade, foi sua irmã quem viveu tentativas de abuso sexual do pai biológico e do pai adotivo. Soubemos, na entrevista, que a mãe era alcoólatra e promíscua, pois sempre trazia homens para casa. Ambas disseram não gostar da mãe, mas para P. sentia muito carinho pelo pai.. Possivelmente, ela se identificou com a irmã e recontou o abuso, com uma versão, que preservava a imagem do pai. Entretanto, A. e R. que sofreram abuso sexual, reagiram com mecanismos substitutivos. A primeira reagiu com raiva disfarçada ao dizer sorrindo “enfiar o facão no pai da menina”c, enquanto que a Segunda, substituiu, na sua história, o pai pelo irmão. De todas as adolescentes, somente L. percebeu o fato em sua absurda concretude.

O interessante é que P. que se dizia virgem, alguns meses depois do início dos encontros declarou: *Eu gosto de trepar, é bom pra caraca*. Não nos foi possível esclarecer, nesta afirmação, se ela expressava uma realidade ou uma fantasia. Nesse momento, o grupo reage, censurando-a e todas ficaram espantadas por ela ter explicitado alguma coisa que era segredo. Confirmamos que havia um segredo, quando discutíamos o assunto sobre prevenção de gravidez e dirigimos uma pergunta a todas do grupo: - Quem de vocês usa camisinha? A resposta foi o silêncio.

As duas interpretações que fizemos sobre a história contada por P., são complementares; pois estas adolescentes não tiveram modelos familiares concretos ou os tiveram, em algum momento de sua infância, estes foram modelos negativos. Parece-nos, que

na tentativa de elaborar a questão da bissexualidade, tiveram que utilizar caminhos que se misturaram. Realizamos ser impossível pensar os processos de vida dessas jovens, tão marcados pela descontinuidade física e afetiva, dentro de uma linearidade teórica. Mesmo porque seus comportamentos e fantasias eram limítrofes. Na realidade, suas vidas e as situações sociais pelas quais passaram e estão passando, têm sempre uma conotação de limite. Limite no sentido de término, de insegurança e falta de perspectiva para o futuro.

Mesmo a casa onde vivem, é um período de passagem da vida enclausurada, de um orfanato, para o mundo social. Da mesma forma que a adolescência consiste em um período de passagem da infância para a vida adulta. Essa reflexão, remete-nos a um momento do grupo, quando falávamos sobre a adolescência como uma fase de mudanças da jovem que vai se tornar adulta, e T. nos perguntou: *Isso faz parte da mente? Quem controla nossa mente?* Explicamos que a transformação do corpo ocorre juntamente com a transformação da mente, mas existem pessoas nas quais o corpo cresce, mas a mente não cresce com ele. Então T. falou: *Aí dá vontade de crescer de novo.* Ela traduziu o que de fato está percebendo em si mesma, que seu processo de individuação é um crescer de novo.

Como já mencionamos, a couraça interfere na função cognitiva e afeta o pensamento, de várias formas e graus. Identificamos, que os pensamentos e as fantasias sexuais das adolescentes, em questão, nos mostram seus bloqueios no nível da percepção e da consciência. Reich (1983:204) sugeriu que a impossibilidade de gratificação genital resulta em lascívia. Segundo ele, tais pessoas esbanjam sexualidade por todos os poros, mas, por consequência de seus bloqueios e da repressão, utilizam fenômeno da semi-virgem em seu comportamento sexual -- *o fazer nas coxas*. Notamos, que muitas das adolescentes utilizavam tais comportamentos sexuais, sem terem qualquer noção de que sexo e afetividade são pares

complementares. Para elas sexo era consumo. A noção de sexo, pelo menos em suas fantasias, era de tal forma distorcida, que chegava perto da perversão,

O mecanismo de identificação é um dos elementos psicológicos que compõe o processo da identidade. A criança identifica-se, nos diferentes estágios do seu desenvolvimento, com os aspectos das pessoas, pelas quais se sentem mais afetadas, seja na realidade ou fantasia. Suas identificações com os pais ou substitutos, por exemplo, centram-se em certos aspectos sobrevalorizados, ou que aos seus olhos são exageradas, sejam partes do corpo, maneiras de ser, capacidades e aparências.

Como essas jovens não tiveram convívio com os pais, ou se o tiveram foi por pouco tempo, optaram por eleger modelos sobrevalorizados. O fato é que a identificação delas com atores da televisão e do cinema, se é que podemos colocar assim, devido os limites de nossa observação, dá-nos condições de confirmar que possuem um bloqueio ocular e, conseqüentemente, uma cisão entre a percepção e a consciência.

Já possuindo esses dados, avaliamos a necessidade de explorar de forma mais concreta, com pequenos trabalhos, a questão da imagem corporal e enfatizar o foco no corpo. Não tivemos a intenção de qualquer profundidade, decorrente das limitações referentes ao tempo, espaço e condições biopsíquicas das próprias adolescentes. Tais trabalhos objetivaram, especialmente, colocá-las em maior contato com a sua imagem corporal e podermos observar suas reações, sensações e fantasias nesse campo. Baseamo-nos na observação de Reich (1979:56) que "o tipo de julgamento que um indivíduo faz de si mesmo, depende do tipo de sensação que seu sistema vivencia". O mesmo acontece com o mundo das imagens.

Estes trabalhos, apesar de antecipadamente planejados por nós, somente ocorreram quando o tema emergiu naturalmente do grupo. Utilizamos, tirar fotografias de cada uma

individualmente e junto com o grupo, como um meio de motivar o grupo para o trabalho da investigação, como também um prêmio para todas as participantes. O trabalho do espelho já havia sido planejado por nós, porém só foi realizado quando emergiu do próprio grupo. E o desenho do corpo feminino foi aplicado quando o grupo discutia as questões sexuais referentes ao homem e à mulher. No entanto o desenho da figura masculina foi solicitado por elas, apesar de termos planejado propor ao grupo os dois desenhos. Iremos em seguida descrevê-los separadamente.

2.5 - Nossas Fotos uma Inspiração

O trabalho das fotografias²⁰ foi a principal motivação do grupo, bem como o mais falado e planejado pelas adolescentes. Desde o início do grupo, mencionamos que íamos fazer um passeio ao ar livre para tirar fotografias. No entanto, passaram-se mais de dois meses para que as adolescentes, de fato, se dispusessem e se organizassem para a realização do mesmo. Pediram que fosse nas férias, no verão, para que pudessem ir à praia. O passeio só veio a acontecer em princípio de dezembro de 1998. Nossa proposta foi irmos ao Aterro do Flamengo, em um domingo, onde fariamos um piquenique e tiraríamos fotografias. Das nove adolescentes do grupo, somente seis foram ao passeio, pois J., S. e G. não quiseram ir. No entanto, participaram do nosso segundo passeio, quando já haviam se mudado para o bairro da Tijuca. Era outro grupo, pois estava composto com adolescentes novatas, e com algumas do “grupo paralelo” que passaram a fazer parte do “grupo de encontro”.

No dia do passeio, encontramos-nos em um local combinado e fomos escolher onde nos

²⁰ Já havíamos aplicado esse trabalho no grupo das adolescentes no projeto Meninos do Rio.

instalar para o piquenique. Todas as seis adolescentes vieram “produzidas” para serem fotografadas. Estavam bonitas, alegres e traziam em seus semblantes o glamour próprio dessa idade. Estavam ansiosas para o grande acontecimento – serem fotografadas. Após termos lanchado, escolheram os locais onde cada uma queria ser fotografada individualmente. Havíamos combinado que cada adolescente tiraria duas fotos individuais e outras com o grupo todo. Algumas tiraram perto de um monumento, outras junto de uma árvore, umas puseram flores nos cabelos e fizeram poses sensuais, imitando modelos e atrizes da televisão. Foram horas de muita alegria e descontração, estavam unidas e solidárias. A relação do grupo, nesse momento, era muito diferente do que se observava na casa.

Depois, foram passear em pequenos grupos e até foram paqueradas por um alguns rapazes. Entretanto, rejeitaram a paquera, dizendo que os jovens eram feios, e ficaram somente no campo da sedução. Demonstraram, para nossa surpresa, certa timidez diante dos jovens desconhecidos. Percebia-se que se defendiam da atração exercida por eles com uma atitude de altivez e um certo desprezo pela aparência dos jovens. Como já havíamos combinado com elas e com a coordenação da casa, depois do passeio, elas poderiam ir para onde quisessem.

Quando as fotografias tiradas e reveladas, já era véspera do Natal, então decidimos fazer-lhes uma surpresa, presenteando-as com um pequeno álbum para que pudessem guardá-las. Gostaríamos de ressaltar que até então, muitas das adolescentes jamais tinham tirado fotografia. No dia em que levamos as fotografias com o pequeno presente, estavam muito excitadas e o grupo estava muito inquieto. Após dar-lhes o presente, sugerimos que, primeiro, cada uma falasse da sua própria imagem na foto e depois trocariam as fotos uma com a outra, comentando como viam a imagem da companheira.

Ao fazer a avaliação de si mesma P. deu-nos uma resposta surpreendente: *Bom, eu achei legal, entendeu? Ih! ...uma inspiração, sabe?* Perguntamos o que queria dizer com inspiração. Ela continuou: *Tô legal, sabe? Inspiro alegria, sabe?* Então dissemos que todas a chamavam de mal-humorada e a foto mostrava que isso não era verdade. Tinha diante de seus olhos uma outra imagem de si mesma, que desfazia o estereótipo que lhe davam - a mal-humorada. Ela acrescentou: *Ah! Não tô nem aí.*

O “estar nem aí” é uma forma de indiferença, que lhe fortalece perante às críticas das companheiras. Ela tem que endurecer seu caráter para conter sua agressão e proteger sua parte sensível, pois P. é uma jovem muito perceptiva, embora não tenha consciência disso. Sua imagem, na fotografia, possibilitou-lhe a visão de outra forma de ser, exteriorizava sua alegria e beleza, as quais até então não eram conscientes. No entanto, o grupo tem muita resistência em desfazer os estereótipos²¹ já estabelecidos, e certamente o usam como uma forma de pressionar e “enquadrar” a outra pessoa em uma imagem fixa e modelada por elas. Presumimos que a fuga de P. da casa, deve-se em parte a esta pressão feita pelas colegas.

S., que não foi ao passeio, olhou seu álbum vazio e comentou: *Está faltando colocar as fotos.* Mas, como já tinha algumas fotos disse que ia colocá-las no álbum, então pedimo-lhe para nos mostrar suas fotos. Enquanto S. saiu para pegá-las, P. novamente falou: *Ah! Foi o que o homem falou pra mim, sabe? Eu estava fazendo a carteira de identidade, aí eu falei assim: Pô, tô feia nessa foto! Ai, ele falou assim: “Porque no espelho, quando você está no espelho, você bota o jeito que você quer, numa foto, não. A foto mostra tudo”.* Comentamos que a foto é uma imagem fixa, que retrata um momento da pessoa. P. continuou: *Igual da Negona. Vou trazer um presentinho pra ela... com voz mais baixa – pra enfiar na blusa dela...* Perguntamos quem é a Negona. Todas riram e P. respondeu: *É a G.* Esta última,

²¹ O conceito estereótipo aqui é usado no sentido literal, isto é, que não varia, fixo e inalterável.

polariza as críticas e insinuações libidinosas do grupo, mesmo a mais nova da casa, seu corpo já apresenta formas muito sensuais.

A fotografia, por ser uma imagem fixa, pode registrar a fixidez dos traços do caráter, sem que o indivíduo tenha consciência disso. Nesta imagem ficam aparentes as tensões e rigidez dos músculos da face ou da expressão corporal. Quando olhamos as fotos dessas jovens, mesmo com as poses descontraídas que fizeram, vemos ressaltada em suas imagens a expressão deprimida, a falta de brilho e o medo congelado em seus olhos. Pode-se dizer que a fotografia é uma imagem fixa que evidencia a fixidez interna da estrutura biopsíquica do indivíduo.

Quando S. voltou com suas fotos, pedimos para vê-las e comentamos que em uma das fotos ela parecia estar de mau humor. Ela concordou. Perguntamos à R. para falar como ela via sua imagem na foto. R. respondeu: *Eu tô vendo, eu também estou alegre.* Insistimos se via algo mais. Rindo falou: *Ah, ah mais nada.*

L. falou da própria imagem: *Ai! Nessa aqui, eu tô assim, tô alegre, com uma cara de alegria.* Comentou a segunda foto: *Nessa daqui estou engraçada. Meu rosto está engraçado, né?* S. escolheu para comentar a foto que havia tirada, quando foi ao teatro, disse: *Estou alegre e com minha fã.* Perguntamos por que era fã da jovem da foto e ela respondeu: *Se sou fã dela ela tem que ser minha também...*

E. falou de sua imagem: *Fu estou mais bonita que ela sabe? Porque ela queima a foto...* Todas riram e E. explicou que G., não sabia tirar fotos, pois queimava todas. Continuou: *Aqui tô bonita no grupo... eu tô mais metida...* E. achou que sua pose na foto com o grupo, expressava metidez. Todas concordaram com ela. Umás falaram que E. era metida. Outras disseram que ela era legal. Falaram todas juntas e ficou impossível de

compreender as falas da gravação. J. achou de E.: *Está com cara de tarada, rebelde.* Pedimos para explicar o que era tarada ela disse: *É safada.*

Perguntamos à A. como se via na foto. Ela respondeu: *Eu tô bonitinha, um sorriso bonitinho.* Outra adolescente comentou: *Aqui, a A. está com cara mais madura...* A. continuou seu comentário: *Uma aí, tá muito safada, eu não gostei da minha postura aí, não... Eu pensei que ia sair mais razoavelmente, tá muito assim, tá muito safada...* Mas P. achou que a foto estava linda e comentou: *Ela podia fazer uma pose melhor, pô!* E. falou – *Oh! A., vou ficar bem com essa foto tua..* Todas comentaram que ela estava com cara de “perua”. Para esta foto A. pediu-nos nossos óculos escuros emprestado e tirou-a com eles. Por essa razão, pareceu-nos que a alusão de “perua” era dirigido à investigadora. A transferência negativa do grupo, com relação à investigadora, era dirigida de forma sempre sutil e podia ser captada nos pequenos detalhes. Além da indiferença, um comportamento que mostravam com frequência, entendíamos as ausências e as entradas e saídas do grupo também como formas de transferência negativa. Certa vez uma adolescente falou em tom crítico: *“As psicólogas ficam sempre olhando pro relógio...”* Por outro lado, faziam grande esforço para nos preservar dos sentimentos agressivos que circulava entre elas.

Continuando com os comentários sobre as fotos, perguntamos à N. como via sua imagem. Respondeu: *Eu tô uma gracinha, assustadora...* J. comentou meio irônica: *A N. aqui tá mais madura, ela é assim chatinha, aqui ela tá mais normal...* Mostramos outra foto da N. e todas fizeram seus comentários. A. disse: *Ela tá muito assim, triste...* J. falou que ela parecia mais calma. E. falou com umas ponta de crítica: *Por que você não abre os dentes?* G. falou: *Geny, aquela tem uns olhar brabos...* L. comentou: *Ela tá bonitinha, tá bonitinha.* Então N. respondeu altiva: *Graças a Deus, eu tô demais!* P. falou também criticando: *Ela não mostra os dentes...* L. fez um comentário irônico e debochado: *Vou botar lá na minha*

cama, quando eu estiver triste, vou olhar bem a cara dela... Todas riram. Mas N. não percebeu e disse: *Ai, quando eu trabalhar vou tirar fotos pra caramba...* L. novamente falou provocativa: *A N. não tira foto mostrando que é dentuça, né?*

O trabalho de trocar as fotos e cada uma falar sobre a imagem da outra, foi realizado em outro dia, quando o grupo estava somente com quatro adolescentes, pois as outras tinham saído. L. quase sempre provocava P. e, muitas vezes, mostrava atitudes dissimuladas no grupo. Quando P. veio sentar-se no grupo, L. fez uma provocação: *Mau humor, quer sentar aqui do meu lado?* Perguntados-lhe porque a chamava assim, então respondeu: *Amor que eu falei* Ela liderava algumas pessoas do grupo contra P. Quando pedimos que trocassem as fotos e fizessem seus comentários, S. não quis trocar sua foto com P. e disse: *É ruim, hein de desmanchar minha foto!* Explicamos que se colocasse a foto no álbum ela não desmancharia. Então S. falou com raiva: *Eu não quero falar com o monstro...* Explicamos que a troca era uma brincadeira. Nesse momento L. tentava desviar nossa atenção do conflito existente. Mas, S. permaneceu irredutível e disse: *Garota estúpida. Ela pisou no meu pé. Só porque eu não deixei ela ouvir o rádio da A. Dá licença?* Ao que P. retrucou: *Ela gosta de se meter. Eu estava brincando com ela, pensei que ela não tinha levado a sério não. Agora, quando eu fui ver, pensei que ela não estava levando a sério, sabe?* O mal-entendido não foi desfeito. Numas tentativa de resolver o conflito R. pediu que S. trocasse a foto com ela, e a última accitou.

Nessa experiência, pedimos para cada adolescente dizer como via a imagem da outra, e em qual fotografia a imagem era mais parecida com a pessoa real. Primeiro L. trocou com R. e esta falou daquela: *Ah! A mesma coisa que ela falou.* R. muitas vezes sente receio de emitir sua opinião. Explicamos que ela deveria falar como via L. Então falou: *Uma ela está alegre...* Sorriu meio sem jeito e quando falou da outra foto, falou tão baixo que não ouvimos

direito. Quando lhe perguntamos qual delas ela achava parecida com a L. real, respondeu baixo e muito constrangida: *Ai... a que está alegre e bonitinha...* L. completou: *É a mais bonitinha. Tem tudo a ver comigo...*

Depois L. falou da foto de R. Em tom irônico: *Aqui a R. está com cara de passarinho...* (riu). Repetiu, novamente, a mesma coisa, perguntamos o que significava "cara de passarinho". Ela então se corrigiu: *Não. Tá alegre, está bonita e isso aqui, essa parte do... da árvore, deu mais alegria à foto, ficou mais bonito.* Voltou a repetir que R. parecia com passarinho (risos). Quanto à segunda pergunta, falou: *"Não. Aqui (na foto), parece que ela está mais... calma, mais solta, agora..."* L. freqüentemente expressava certo desprezo pelas colegas e gostava de chamar nossa atenção com estes comentários.

L. falou da foto de P., de forma provocativa: *Ela está alegre também... está feliz ...mas não tem nada a ver com ela.* Pedimos que explicasse melhor e que P. a ouvisse. L. continuou: *Por que aqui (na foto), parece que ela tá... sei lá... tá alegre, tá de bom humor.* Dissemos está solta. Ela completou: *É. Às vezes... por isso que não tem a ver com ela... fica de cara emburrada. Aqui na foto, tá melhor do que ela é realmente... É infeliz da vida.* Perguntamos à P. se seu mau humor significava que se sentia infeliz. Ela respondeu: *É. Porque todo mundo tem problema...* Estimulamos para que falasse de seu problema, mas ela não quis revelar qual era e disse: *Muito ruim.* Interrogamos se ela gostaria de falar de seu problema. Fez que não com a cabeça. Tentamos usar este momento para explicar que as imagens das fotos mostravam que a pessoa pode ser alegre e mal-humorada, pois ninguém era uma coisa só. Por exemplo, a P. pode também ser alegre. No entanto, ela se fechou e não quis mais participar, saindo do grupo.

Voltamos para R. e pedimos que falasse da foto de S.. Ela disse – *é alegre...* Perguntamos se ela, na realidade, era assim. Respondeu afirmativamente. Insistimos que

dissesse como via a expressão do corpo dela. Primeiro falou: *Nada*. Depois fez a observação: *Parece que está ansiosa...* Perguntamos como ela percebia a ansiedade na imagem da foto. Respondeu: *Os olhos estão esquisitos... olhando pra cima e arregalados*. Em seguida comentamos, trazendo a atenção de todas para o grupo, como L. balançava as pernas e ficava distraída olhando as outras fotos e não prestava atenção no que ocorria ali. Parecia que sua atitude era de ansiedade. Talvez porque estava em uma situação e desejava estar em outra.

Então perguntamos quem já havia se sentido ansiosa? R. respondeu: *Eu já*. Então, pedimos que nos dissesse quando ela havia se sentido assim. Respondeu: *Agora mesmo...* Pedimos que descrevesse suas sensações. Ela disse: *Ah! Fico agitada, sabe? Parece que tudo aqui dentro tá pulando, assim...* Perguntamos às outras se podiam reconhecer quando estavam ansiosas. S. não quis responder. L. disse: *Consigno...* Perguntamos o que sentia. Respondeu: *Não sei...* Perguntamos o que sentia quando balançava as pernas. Disse: *Nada. Eu tenho mania de ficar assim. Às vezes, eu nem percebo e tô assim. É mania*. P. que voltou ao grupo, falou: *A mesma coisa da minha irmã*. S. finalmente resolveu falar: *Sei lá... Fico alegre...* Todas disseram que estavam alegres nas fotos. No entanto, a alegria é uma expressão emocional que brota do *core*, mas nas adolescentes do grupo, parece isolada e fixada em um único momento.

O indivíduo com bloqueios, especialmente o ocular, não consegue compreender que a personalidade de um ser é composta de nuances emocionais. A forma estereotipada de ver o outro e o mundo, isola os sentimentos de forma rígida, decorrente da falta de contato da função da percepção com a consciência. Pensam (cognição) dentro de padrões rígidos que revelam a estrutura rígida de seu caráter. Os estereótipos são formas rígidas de ver o mundo e o outro. São estabelecidos a partir de conceitos capturados dos comportamentos exagerados

da outra pessoa e que não podem sofrer mudanças. O uso deles consiste em uma forma de controlar a realidade.

Segundo Schilder (1977:194), ao comentar o experimento com fotografias feito por Landis, estabeleceu que as situações emocionais somente podem ser compreendidas na sua totalidade e não parcialmente, e que a tomada instantânea de uma fotografia captura a culminação de uma situação emocional. De fato, as adolescentes são capazes de perceber a alegria como um fator capturado no passeio, mas, devido ao bloqueio ocular, não conseguem compreender que esse estado emocional faz parte da personalidade de uma pessoa. A personalidade, para elas, é representada nos estereótipos pré-estabelecidos.

Uma situação emocional implica a excitação do organismo. Quando existe a couraça ocular, esta excitação é cindida da função perceptiva, provocando, no indivíduo, a incapacidade de perceber com clareza que esta excitação é uma expressão do self (Konia, 1998:65). Nestas circunstância, a identidade se torna frágil e vulnerável à opinião externa. Por exemplo, a atitude de L. para com P., no grupo, revelou como uma pessoa com conceitos rígidos se recusa a mudá-los perante uma realidade. Mesmo assim P. reage, não se identificado com o estereótipo de mal-humorada, percebendo sua imagem na fotografia como uma "inspiração" para obter uma outra noção de si mesma. A foto do passeio permitiu-lhe ver seu lado bonito e alegre.

Percebemos nesse "jogo" que algumas adolescentes já conseguiram ver e descrever os atributos físicos da outra. Parecem ter assimilado o pouco que lhes foi ensinado, e romperam com o padrão, até então observado, de somente emitirem julgamentos morais. Por exemplo, as observações "aquela tem uns olhar brabos...", "parece mais madura" ou "os olhos estão esquisitos...olhando pra cima e arregalados", indicam que adquiriram alguma sensibilidade na forma de olhar para a outra pessoa. Entretanto, como já havíamos constatado, ainda não

conseguem ter a percepção de si mesma ou da outra, de forma fiel à realidade. Parece-nos que a visão do mundo, dessas jovens, opera dentro um sistema fechado.

A aplicação do trabalho das fotos com o "grupo novo", chamamos assim porque havia somente quatro adolescentes do grupo original, foi também no Aterro do Flamengo e seguiu o mesmo procedimento do outro. Não foi possível reunir o grupo para fazer os "jogos" que fizemos com o anterior, pois o projeto, como um todo, entrou em crise e as adolescentes perderam o interesse pelo grupo.

2.7- Olho no Espelho... Minha Imagem Fala Comigo

A MAIS BONITA,

(...)Hoje eu arrasei
Na casa de espelhos
Espalho os meus rostos
E finjo que finjo
Que não sei...

(Chico Buarque de Holanda)

O espelho faz parte da vida da mulher. Ela sempre olha o espelho desejando parecer bonita. Por isso é um objeto narcísico que reflete a imagem corporal. Parafraseando Schilder (1977:110) a libido narcísica tem como objeto a imagem do corpo. A imagem no espelho fala porque ela reflete o ser no seu corpo, dá-lhe a comprovação de sua existência material. Para que isto aconteça, é necessário que exista uma unidade entre as sensações reais, cinestésicas, táteis vestibulares e óticas.

Olhar a própria imagem no espelho é uma forma de olhar para si mesmo e para a história de um indivíduo, no sentido das marcas que esta imprime no corpo refletido - é o próprio eu que nos fala. A imagem fala do eu real e, muitas vezes, põe em cheque o eu ideal construído pela imaginação. Schilder (*ibid.*: 88) sugere que o centro do eu encontra-se entre os olhos. No entanto, quando existe um bloqueio na área ocular, o indivíduo fica impossibilitado de ver seu eu real. Uma das formas do eu ideal tornar-se mais imperativo que o eu real, é a cisão entre a percepção e a consciência.

O tema do espelho surgiu, espontaneamente, num determinado encontro, do grupo, quando as adolescentes comentavam sobre uma menina de 11 anos que tinha sido estuprada e ficou grávida. Circulava no grupo a questão se ela devia ou não fazer aborto. Uma delas disse que a menina era pobre, mas tinha pai e mãe. Naquele momento S. e G. estavam implicando uma com a outra. Perguntamos o que estava acontecendo. Falaram que gostavam de implicar uma com a outra e S. completou: *Porque ela é minha filha...* Então, procuramos saber quem mais brincava de mãe e filha. Perguntamos se L. brincava. Ela respondeu maliciosa: *Eu não brinco não... Eu brinco de papai e mamãe...* Falamos também maliciosa, se brincava com menino ou com menina. Ela disse: *Com homem né...* N. falou: *Brinco com ursinho...* A. falou que brincava: *De mãe e filha... ela (S.) é a mãe, eu sou a filha... uma é sempre a mãe e tem duas filhas...* Perguntamos à S. como se sentia sendo mãe de duas filhas... (risos). Então A., em tom de brincadeira, disse: *Fala mãe...* Todas riram. E. comentou: *Brincar de mãe e filha é porque tem carência.* S. indignada respondeu: *Eu não... Quero ter dez filhos... Igual coelho... Tudo homem...* Perguntamos, por que só homens? S. disse: *Não quero mulher não... é muito chato... Quando estava no orfanato as crianças todas me chamavam de mãe* (todas riram). Perguntamos como se sentia quando lhe chamavam de

mãe. Ela respondeu: *Eu ficava feliz...* Comentaram que as crianças pequenas do orfanato ficavam em torno delas chamando-as de mãe ou de tia.

Então G. falou com voz de criança pequena: *Olha minha roupinha...* Perguntamos quem lhe havia dado a roupa. Ela respondeu: *Minha mãe... a S.* Então quisemos saber quem era a mãe de S., com tantas filhas. Esta mostrou que era L. e todas riram... Fizemos a observação: parecia uma corrente, uma era mãe da outra, que era a mãe da outra, e assim todas eram mãe e filhas ao mesmo tempo.

Novamente, começaram a chamar P. de mal humorada. Dissemos que a estavam “enquadrando” desse jeito, pois não queriam vê-la diferente e como ela era. Que todos nós temos humores diferentes e nunca somos uma coisa só. E. então falou: *Mostramos mil faces...* Concordamos com ela, e acrescentamos que ninguém se revela totalmente. A. então comentou: *A R. gosta de só olhar no espelho... para ver que é bonitinha.* Perguntamos por que gostava de olhar no espelho. Ela respondeu: *Eu adoro olhar no espelho... não posso ver espelho... quando estou andando sempre olho para um espelho... estou andando na rua eu paro e olho... no carro.* Perguntamos como via sua própria imagem. Ela disse: *Às vezes me acho horrível...* E. falou: *Eu gosto de me ver pelada no espelho...* Alguém, que não identificamos na gravação, falou: *Que isso?* Estimulamos para que E. falasse mais. Ela falou com certa timidez: *Gosto...* Novamente insistimos que explicasse por que gostava. Ela respondeu: *Não sei...* Então perguntamos se ela gostava de se ver inteira. Respondeu: *É... uma vez fui comprar uma calça... aí fiquei me olhando inteira no espelho... queria ficar o dia inteiro me olhando...*

Perguntamos se na casa não havia espelho. Responderam que não. Dissemos que íamos trazer um espelho grande para que pudessem se ver inteiras. E. entusiasmada disse: *Gostei... podia ter um espelho bem grandão no banheiro...* A. então falou: *Também acho...*

quando vou tomar banho tenho vontade de olhar no espelho... quando procuro não tem espelho... tenho vontade de me olhar inteira... E. continuou: Ah! Eu olho, acho meu corpo bonito... só a pele que é feia... porque tenho manchas no meu corpo... Ela mostrou as manchas; então falamos que eram manchas leves. Dirigimo-nos ao grupo e interpelamos: Quem mais gosta de se olhar no espelho? S. respondeu: Ah! Não gosto não... Mas L. disse: Eu adoro... E. novamente falou: Ai eu olho e penso assim... será que tem alguém me olhando pelada? Comentamos que ao olhar para o corpo nu podia estar pensando que fazia algo errado, por isso tinha receio de que alguém visse se olhando.

Então E. comentou muito séria: *A gente está numa sociedade que tem de tomar banho de porta fechada...* Perguntamos se no orfanato era diferente. Ela continuou: *Lá era assim... todo mundo tomava banho, todo mundo ficava à vontade, ninguém via o corpo de ninguém... era assim... então vim pra cá, ia tomar banho e deixava a porta aberta... pra mim era natural... alguém falou pra mim assim... fecha a porta... não podem te ver pelada não... É uma outra sociedade, né? Eu fui criada diferente...* Perguntamos se ela se sentiu constrangida. Continuou: *Eu me senti... Eu fui pro passeio... pensei que todo mundo ia ficar pelada lá no passeio... na hora de sair da piscina, pensei que todo mundo ia ficar pelada... eu já ia tirando o biquini e vi que todo mundo tomava banho de biquini... aí falaram pra mim: não tira o biquini não, vai pagar esse mico?* Alguém, que não identificamos falou: *Nos outros orfanatos não era assim não.* S. acrescentou: *Ver pelado, queria ver o Rodrigo Santoro... namorado da Xuxa...* Explicamos que a forma como foi criada era sua cultura. Para ela era natural porque estava acostumada assim, e isso não tinha nada de errado.

E., então comentou: *Eu nunca vi um homem peladão...* R. falou: *Eu já vi... meu pai... Ele pediu a toalha pra mim. Quando eu vi foi sem querer...* O grupo ficou muito excitado com esse comentário e todas riam e gritavam. Perguntamos o que ela sentiu. Respondeu: *Eu*

não senti nada... Então E. voltou a falar: *Fu queria ver um homem peladão... por isso que quando olho pra um homem o imagino despido...* Perguntamos se ela o despia na imaginação. Disse que sim. Então explicamos que a E. fantasiava um homem pelado, mas isto não era uma realidade. Sempre que surgia alguma oportunidade apontávamos que existia diferença entre a fantasia e a realidade.

Foram crianças criadas sem mães e o “natural” é toda criança ter uma mãe. E para preencher este vazio afetivo, “brincavam” de mãe, como faziam as crianças pequenas do orfanato, para ter uma noção de como é ter mãe. O relato de E. sobre sua experiência de “uma outra sociedade” pareceu-nos muito interessante, pois revela sua adaptação às novas regras sociais. Nesse processo de adaptação ela teve que abrir mão do que era, para ela, “natural”. Seu o corpo até então “natural”, torna-se um corpo interdito por novas regras. Mas, um corpo que só pode ser olhado na intimidade e que passa a ter uma imagem refletida no espelho. Ao mesmo tempo, conjecturamos se as meninas do orfanato possuem a percepção de seu corpo, e se este é concretamente visto por elas.

No encontro seguinte, levamos um espelho grande, para que cada adolescente pudesse ver refletida, de forma total, a imagem de seu corpo. Neste encontro, estavam presentes as nove adolescentes e C. que era visitante do grupo, pois ainda não tinha decidido integrar-se nele. Sugerimos que cada uma se olhasse individualmente no espelho, de frente, de lado e de costas, para que tivessem uma imagem total de seu corpo. Assim o fizeram. A reação delas foi muito interessante, pois somente E. e S. renderam-se à atração exercida por suas imagens refletidas espelho. A primeira, ficou o tempo todo se olhando e S., que antes havia declarado não gostar de olhar no espelho, ficou dançando e fazendo poses em frente ao espelho. Já R., que, anteriormente, havia dito adorar olhar-se no espelho, não quis participar. Talvez só se permitisse olhar no espelho sem ser observada. Então A. comentou: *É a que mais gosta de*

olhar no espelho... Quando perguntamos à R. porque não queria se olhar no espelho, disse: *Tô de mal comigo... e com o espelho... tô de mau humor...* Sentia-se deprimida, deitou-se no chão e dormiu.

S., então disse: *Eu tô de bem comigo.* T. entusiasmada falou: *A gente olha no espelho, aí... a nossa imagem fala com a gente...* Perguntamos se a imagem refletida era outra pessoa. Respondeu: *Gosto de falar comigo... de conversar...* N. que nesse momento chupava o dedo, falou: *Eu converso... Converso com meus ursinhos na minha cama...* L. falou: *Ah! É gostoso conversar com as plantas...* Falaram que gostavam de falar com as plantas e animais. Novamente veio o assunto dos maus fluidos da casa que impediam que as plantas crescessem lá. L. novamente falou: *Se o clima é assim calmo, como agora, a planta consegue viver naturalmente.* Sentem-se como as plantas, que precisam de amor, carinho e de um ambiente calmo, como naquele momento, para crescerem bonitas. Não fizeram outros comentário sobre suas imagens no espelho, mas, sentiam-se sensíveis como as plantas e o ambiente “carregado” da casa feria sua sensibilidade.

E., então perguntou, quanto custava para fazer limpeza de pele. T. comentou: *Eu gosto de me embelezar, assim... se olhar assim...* T. continuou: *Antigamente, eu queria ser homem. Agora, hoje, eu quero ser mulher. Porque eu gosto, sabe?* E prosseguiu: *Gosto porque tem mais coisa. Mas é chato... Principalmente aquilo. Todo mês...* N. completou: *Mulher sofre..* A partir daí falaram como a menstruação lhes era incômoda, sentiam cólicas e vergonha de ficarem menstruadas. Em seguida, G. comentou, sorrindo de prazer, que o dentista elogiou seus dentes. Todas fizeram comentários sobre os dentes das colegas, quais eram bonitos e quais não eram.

A. revelou, no grupo, um fato muito interessante: *Ontem, sabe... ontem, a gente tava falando assim, sobre... quem tem ... botando defeito uma na outra. Quem tem a bunda mais*

grande. Quem tinha a mão mais grande. Tava uma falando da outra, sabe? Perguntamos, falavam de vocês? Ela respondeu: É. Como a gente tava falando. Ontem.. Tava falando isso... quem tem a bunda grande; quem tem o corpo mais bonito; quem tem os olhos assim, mais castanhos, assim... quem tem o cabelo maior... Perguntamos se faziam o “jogo” que fazíamos no grupo. Respondeu: Tava fazendo ontem.. há hora do almoço... L., então comentou indignada: A Márcia não gostou muito não... A Márcia grávida... Márcia, a educadora que estava grávida. Então perguntamos por que ela não havia gostado. L. continuou: Porque a gente tava nos comparando. S. disse: Ah! muito sensível, mulher grávida! Eu hein! Novamente L. expressou sua revolta: Tá um sebo... Coisa mínima ela reclama assim... P. continuou: Tá muito enjoada... E tá doida pra ficar em casa... Nesse momento, todas sentiam-se mais relaxadas e algumas ficaram deitadas no chão. Perguntamos como se imaginavam grávidas. Falaram dos sonhos que haviam tido e nos quais estavam grávidas. Nesse momento R. voltou a participar do grupo e relatou um sonho, no qual estava grávida.

O discurso de T. revelou-nos como olhar sua imagem real no espelho, proporcionou-lhe um efeito de diálogo com a própria imagem “conversa com ela” e de entrar em contato (visual) com seu corpo de mulher. O espelho revelou-lhe um corpo feminino que lhe agradou e possibilitou-lhe decidir “...hoje quero ser mulher”. Não só T., mas também as outras adolescente do grupo, sentiram o efeito integrador ao visualizar a imagem real de seus corpos. A realidade confirmou, para os seus olhos, que tinham um corpo de mulher e de aceitaram serem um corpo feminino, apesar dos “sofrimentos”... A imagem do seus corpos no espelho possibilitou-lhes aceitar a identificação com seu gênero.

Ficamos surpreendidos com o fato de que estavam aplicando em seu cotidiano o que haviam aprendido nos “jogos” que fazíamos com elas. Isso mostrava-nos que os mesmos

efetivamente ressoavam e sutilmente transformava a falta de contato, consigo mesmas e entre si, que traziam no início do grupo. Como vimos, esse encontro iniciou-se com as questões sobre a gravidez da menina estuprada, e terminou com o desejo potencializado, nos sonhos de gravidez, de ser uma mulher. Representam, no nosso entender, a possibilidade de preencher o “espaço vazio” em seus corpos, decorrente da confusão de ser um corpo de homem ou de mulher. No entanto, a imagem corporal refletida no espelho mostrou-lhes que tinham um corpo de mulher. Acreditamos que essas jovens ao aceitarem seu corpo biológico, estão dando um passo em direção à definição de sua sexualidade. No final desse encontro, pediram que deixássemos o espelho na casa. Explicados-lhes que não podíamos doá-lo porque era do nosso consultório. Felizmente, após esse trabalho, os responsáveis pela casa colocaram um espelho na sala de visitas da casa.

Os desenhos da figura feminina e masculina, que vamos expor em seguida, de certa forma deu continuidade ao trabalho do espelho. Acreditamos que também irão nos revelar a experiência sensorial, dessas jovens referente à imagem corporal.

2.7 Nossa Imagem Corporal é uma Mistura

O desenho sempre foi uma forma de expressão do homem. A criança, ao longo do seu desenvolvimento, utiliza o desenho, a pintura e a construção para expressar suas experiências, sua maneira de pensar, de sentir e como se vê. É um meio pelo qual as crianças podem exprimir seus sentimentos e emoções. Nossa proposta com os desenhos da figura feminina e masculina (Anexos 3 e 4) centra-se fundamentalmente em uma avaliação psicológica do que

em uma avaliação artística. Concordamos com Schilder (*ibid.*:95) que afirmou ser o desenho da figura humana, tanto para a criança quanto para o adolescente, uma expressão de seus conhecimentos e experiências sensoriais da imagem corporal. Este reflete a percepção e, segundo o autor citado, um quadro mental que têm do corpo humano, pois, para ele, a imagem corporal nada mais é que um quadro mental.

Na visão biopsíquica, as expressões artística como o desenho, a pintura, a música e muitos outros, refletem os movimentos emocionais do segmento do tórax, isto é, dos braços, mãos e todos os órgãos aí contidos. Segundo Reich (1994:376) a ação dos braços e das mãos juntamente com os olhos, quando livres de bloqueios, expressam a emoção plasmática do segmento tórax. Em termos biofísicos, o tórax é o segmento da emoção e os olhos da cognição. Portanto, o desenho de uma figura humana pode nos revelar a imagem corporal não somente mental, mas também emocional. Isto nos remete a um fato passado em um dos encontros, quando as adolescentes discutiram uma notícia que viram na televisão sobre um médico que colou o coração de uma paciente com super-bonder. Utilizamos essa metáfora para compreenderem que mantinham o “coração colado”. Explicamos que entendíamos o significado do “coração colado” como uma forma de bloquear a capacidade de amar.

Como falamos anteriormente, quando brotou no grupo o tema sobre as diferenças físicas do homem e da mulher, sugerimos que fizessem o **desenho da figura feminina**. Primeiramente pedimos que fizessem desenhos individuais. Não se mostraram muito interessadas, sendo que algumas não quiseram participar, e outras colaram figuras de revistas. Apresentaram um bloqueio muito grande ao se expressarem no desenho individual. Sugerimos, portanto, que fizessem o desenho em grupo (Anexo 3). Levamos papel manilha de dois metros e pedimos que uma das adolescentes deitasse para fazermos o contorno de seu corpo sobre a folha. Explicamos que cada uma podia escolher uma parte do corpo para desenhar e colorir, compondo assim a

figura feminina. Foi um trabalho, no qual divertiram-se muito e pudemos observar as inibições, como também a imaginação, no processo de formar a uma figura humana. As adolescentes do "grupo paralelo", saíram do quarto e ficaram observando curiosas a evolução do trabalho. L. liderou o grupo que desenhava e F., que fazia parte do "grupo paralelo", entrou para o grupo nesse encontro.

Quando mencionamos que iam fazer uma figura humana, algumas logo disseram que não sabiam fazer. Explicamos-lhes, que cada uma ia desenhar como sabia e era uma brincadeira, não uma prova de desenho. L. logo falou: *Desenha um homem, desenha um homem aqui.* Enquanto que N. disse: *Vou fazer a mulher, uma mulher...* Para escolher quem ficaria como modelo, isto é, quem deitaria sobre o papel para fazermos o contorno do corpo, foi um tumulto muito grande. Todas queriam, mas explicamos que seria melhor uma de estatura baixa por causa do tamanho do papel. L. sugeriu que fizéssemos um sorteio, outra achou que devia ser a T. Todas insistiram para que fosse ela.. Primeiramente T. resistiu, depois aceitou ser a modelo. G. por não ter sido escolhida disse: *Ninguém vai fazer às minhas custas. Eu quero comer...* e saiu do grupo, não participando do encontro. O mesmo ocorreu com P., que não quis participar da brincadeira.

Quando T. estava deitada no papel e fazíamos seu contorno, todas fizeram comentários e riram muito. L. fazia comentários maliciosos: *Tá vendo como desenha a mãozinha? Não doi não T. Pode deixar... Oh! o cabelão de T... Cabeça de legume...* N. sugeriu: *Faz a cabeça pequenininha...* A. disse: *Agora é a cabeça. Maior cabeção... e o cabelo?* Dissemos que o cabelo elas deveriam fazer. Ao contornar os pés de T., que estava em pé sobre o papel, riam muito excitadas e J. falou: *Olha o pézinho dela... o pézinho dela...* A visão dos pés de T. parecia algo muito novo para ela. A. perguntou: *Pode fazer a língua, não pode?*

Depois de feito o contorno do corpo, sugerimos que cada uma escolhesse uma parte, do mesmo, para desenhar e colorir com lápis cera. Explicamos que precisavam decidir se a figura teria roupa ou não. Todas disseram que ela estava vestida de biquíni. N. cheia de dúvidas falou: *Eu não sei o que vou desenhar...* depois decidiu: *Vou fazer os seios...* Ora ficavam indecisas, ora se sentiam inibidas. J. disse várias vezes: *Não sei... Eu não sei fazer nuda não...* Depois escolheu fazer as unhas. Foi uma escolha cautelosa, como se não pudessem ter contato com a figura do papel, como também parecia sentir medo de errar e estragar o desenho.

Para estimulá-las, dissemos que deixassem a imaginação solta e que não se preocupassem com acertos e erros. O desenho era delas. L. estimulava J. dizendo-lhe que fizesse a boca. Ela também determinava as cores que deviam usar; falando, por exemplo, que o biquíni devia ser amarelo. Enquanto desenhavam conversavam umas com as outras. T. disse: *Faço o rostinho...* Uma comandava a outra: *Faz a meia... Faz o pé mesmo...* Indagamos se o corpo não ia ser pintado. S. falou: *Cor da pele...* Perguntamos qual a cor da pele. L. respondeu: *Não tem...* S. novamente falou: *Ela é amarelo mesmo...* (cor do papel). J. novamente criticava o que fazia: *Não saiu muito bom...*

Então perguntamos se a figura que faziam ia ter enfeites. L. respondeu: *Tô botando... Cordão, brinco, anel... Vou fazer uma tornozeleira...* N. exclamou: *Cadê a orelha pra botar o brinco?* Riram muito quando constatarem que a figura não tinha orelhas. Então fizeram as orelhas para colocarem um par de brincos. Perguntamos se a figura ia ficar descalça. T. disse: *Ela vai à praia...* N. interrogou: *Como vai fazer havaianas?* Todas riram e L. exclamou: *Ai, meu Deus... T, faz a orelha. Faz a orelha assim de preto, por cima do cabelo.* J. finalmente saiu de sua exigência: *Tá bom, não ficou feio, não!*

Iniciaram uma discussão sobre os detalhes do desenho. Falavam todas ao mesmo tempo o que dificultava distinguir, na gravação, quem estava falando: *Ah! Deixa a orelha... Vai sem*

orelha... Não bota orelha, não... Vai só os brincos... Comportavam-se como crianças desenhando. Ao mesmo tempo que o faziam, iam tecendo uma história sobre o desenho. L. comandava as outras: *Bota um "pincos" (piercing) no nariz ou no umbigo, T.* Então, S. comentou: *Olha o biquíni que a T. tá...* J. completou: *Feio.* L. que sentia cólicas falou – *Ai, gente tô morrendo aqui.* Rindo continuou: *Mais um "pince" (piercing) T... bota no nariz.* J. sugeriu: *Ou então na boca...* N. falou: *Faz igual ao da Carla (Carla Perez)* Continuou: *Faz uma pulseira assim, óh!...* J., já mais solta, comentou: *Ficou bonitinho... Aqui o último "pince"... aqui o da Carla, né T.*

Perguntamos se essa figura que estavam desenhando ainda era a T. que foi a modelo. A mesma respondeu: *Só um pedaço...* Nós a encorajamos, pedindo-lhe para falar qual pedaço que achava ser ela. T. continuou: *A cabeça... Os pés, as mãos... aqui a barriga... os braços* (Todas riram com prazer). Novamente fizemos a mesma pergunta dirigindo-nos às outras. L. respondeu que não, e disse: *Ela (a modelo) resolveu dá umas voltas...* Continuavam conversando sobre a cor do brinco, da pulseira.

Uma das adolescentes do grupo, que somente observava, deixou a porta do quarto aberta de onde vinha um som alto que nos atrapalhava, então pedimos-lhe que fechasse a porta. L. ficou irritada com isso e falou: *Babaca né? Vai arrumar a cozinha.* As outras concordaram com ela. Foi a primeira vez que tomaram a posição de defender o grupo. Continuando com o desenho, L. falou para todas do grupo: *Falta um detalhe. Faz uma pintinha na boca dela. Faz uma cruzinha no umbigo...* Depois começaram a discutir se iriam colocar a língua, ou não. Como não conseguiam decidir, sugerimos que votassem. Fizemos a votação, mas o impasse continuou. Passaram a dar atenção para outro detalhe que era botar um cigarro na boca da figura desenhada. Como algumas do grupo fumam, queriam colocar na figura desenha algumas coisa delas mesmas. L. exclamou: *O cachimbo da paz... gente, essa boneca é muito doida...* J.

falou: *Elas querem cortar a T... tá virando Carla... Angélica, Xuxa...* L. continuou: *“É uma mistura... uma mistura... Vai ser uma mistura da Carla, Xuxa e Angélica...”* Comentamos que a figura, então, não é mais a T., pois esta foi só o modelo. Todas se divertiam e imaginavam quem era a boneca desenhada. L. falou: *A pinta da Angélica...* N. comentou: *A Angélica vai à praia...* E S. acrescentou: *Tem os óculos da Angélica que colocou agora.* Perguntamos quem a figura representava. N. achava que era: *a Carla e a Angélica.* L. falou: *Eu acho a Angélica.* Todas comentavam sobre o desenho e falavam coisas carinhosas sobre sua obra. J. sugeriu que era preciso dar um nome para a figura e todas concordaram que devia ser “Tatiana da Paz”.

Perguntaram-nos se iam ficar com o desenho e pediram para fazer outro. Queriam fazer um homem. F. ofereceu-se para ser a modelo do desenho do homem. Concordamos com elas e programamos de fazê-lo no próximo encontro. Então disseram que o nome dele seria “Fernando da Paz”. Perguntamos o que achavam que esse homem e essa mulher seriam. Todas responderam que seriam namorados.

Antes de apresentarmos o desenho da imagem masculina, queremos fazer alguns comentários sobre o desenho da figura feminina. Colocar uma delas como modelo, foi nossa estratégia para que o desenho ficasse mais perto da imagem corporal das adolescentes do grupo. A figura ficou de tal forma íntima para elas, que tiveram dúvidas se a figura continuava sendo T. ou se representava uma outra pessoa. A modelo até se reconheceu na cabeça, braços, pernas, mãos e barriga, mas deixou de fora o peito e pélvis. Para elas, a figura foi se transformando em Carla, Xuxa e Angélica. Um detalhe interessante é que essas atrizes são brancas e a modelo é mulata. Acreditamos que a dúvida se o desenho representava a modelo ou as atrizes, fez com que não conseguissem colorir a pele da figura. Ao nosso ver a identificação ideal com as atrizes de televisão, no caso delas, sobrepõe-se à real T. que é uma delas.

O corpo da figura, representou um depositário do imaginário das adolescentes. O excesso de enfeites explicita como privilegiaram a aparência. Aliás, pareceu-nos um artifício utilizado para que pudessem criar, na caricatura, a identidade desejada. Essa identidade representada na identificação com as atrizes, as quais são ricas, famosas e símbolos da sensualidade consumida pela mídia. O interessante foi a forma que privilegiaram as extremidades do corpo: como a cabeça, pés, mãos e braços. Pareceu-nos que um certo receio de alterar os limites do esquema corporal ali desenhado. Ficou evidente que sentiram certa ansiedade, quando foram desenhar a orelha e decidir se colocavam língua na figura, pois para elas esse corpo deveria estar completo e perfeito. No entanto, a orelha tinha para elas somente uma utilidade, que era de segurar o brinco.

O desafio de criar a imagem feminina, permitiu-nos observar alguns comportamentos interessantes, como o de J. que mostrou medo de errar e estragar a figura, e por isso escolheu desenhar somente os olhos e unhas. E a inibição apresentada por algumas, quando foram escolher a parte do corpo para desenhar e colorir. Pareceu-nos no geral que, umas mais e outras menos, apresentaram um certo bloqueio na expressividade mais concreta. Entretanto, este foi um trabalho no qual o grupo conseguiu se concentrar, estar em harmonia e, de certa forma, unido. Mesmo nos momentos de impasse, optaram pela unidade, fazendo escolhas alternativas. Nitidamente não houve conflito com relação à liderança de L., muito pelo contrário, faziam-lhe consultas com relação às cores que iriam usar e como fazer o desenho.

Neste caso específico pudemos compreender, que a identificação das adolescentes com os ícones da mídia, talvez, passe por uma escolha compensatória e secundária decorrente da falta de contato corporal vivida por essas jovens. Temos, como princípio que a identidade, como uma organização biopsíquica, reflete a organização da relação psicossomática do organismo. Resulta, no seu processo de organização, do contato corporal da criança com sua

mãe ou substituta. Portanto, quando há consciência do corpo, pressupõe-se que exista uma imagem corporal organizada. Na ausência da primeira, é possível que o organismo, como um processo de compensação, copie imagens e atitudes exageradas e julgadas perfeitas, para preencher a falta da imagem corporal interna. Fizeram a figura feminina usando óculos escuros, os quais podem representar a falta de consciência, e um impedimento de fazer contato com os olhos. No entanto, estes são vermelhos e têm a forma de um coração, símbolo do amor.

Como a maioria das adolescentes não conseguiu fazer, individualmente, o desenho da figura humana. Nos fez avaliar o desenho feito em grupo, como uma provável expressão da identidade grupal. Esta forma de identidade pode ser encontrada em algumas tribos, nas quais não existe o sentido de individualidade, pois o homem primitivo se identifica com seu clã ou sua tribo. Mas no caso das adolescentes estudadas, a presença do bloqueio ocular, e a cisão entre a percepção e a consciência, foram agravados pela ausência de um contato íntimo com seus familiares, gerando a ausência de uma imagem corporal interna. No entanto, oferecemos um corpo, o esquema do corpo de T., para que criassem uma identidade. O nome que deram ao desenho *Tatiana da Paz*, significa que querem ter paz em suas vidas atormentadas pela incerteza e carência. Querem ser crianças e mulheres "normais", esperando um futuro melhor.

Ficou combinado que faríamos o **desenho da figura masculina** (Anexo 4) no encontro seguinte. No entanto, aconteceram alguns incidentes na casa e no projeto, os quais nos impossibilitaram logo em seguida ao da figura feminina. Na verdade, este trabalho aconteceu três meses depois do primeiro, quando a atmosfera da casa já tinha mudado e o efeito no grupo também foi muito diferente. Nesse encontro, havia onze adolescentes participando do grupo. O procedimento foi o mesmo do outro. S. foi a escolhida para ser a modelo. Deitou-

se sobre o papel e fizemos o contorno de seu corpo. Então sugerimos que cada uma elege-se uma parte do corpo para desenhar e colorir. J., de imediato, escolheu os cabelos. F. falou: *Eu sou o rosto...* C. disse: *Eu sou os braços...* S., a modelo, declarou que queria escrever algo no lado do desenho. Quando disseram “eu sou o rosto” e “eu sou os braços”, pareceu-nos que iam desenhar partes delas na figura e, provavelmente, iam transpor para o desenho a imagem masculina retidas em suas fantasias. Observamos que, de certa forma, o desenho possibilitou-lhes liberar de seu imaginário, certa confusão que demonstravam ter com relação à identidade com seu gênero.

Enquanto desenhavam e coloriam, cantavam e gritavam pedindo os lápis coloridos. Estavam alegres e descontraídas, porém muito agitadas. Perguntamos qual seria a cor do cabelo da figura. J. decidiu: *Ele é um pouquinho loiro. É loiro.* Já S. achava que o cabelo devia ser vermelho ou castanho.

Decidiram que ele ficaria sem camisa e de bermudão. F. falava com tom de comando: *Faz o cordão dele... cordão dele... Agora ficou parecendo com cabeça de mulher... Mulher macho..* Todas riram muito. Então perguntamos o que achavam do rapaz que estavam fazendo. S. respondeu: *Ah! Eu achei ele mulherengo. Com esse corpinho...* Perguntamos se ela queria dizer feminino. Ela concordou. Explicamos o que significava mulherengo. J. reclamou: *S.! Você estragou o garoto... Isso aí, tá mais pra mulher, sinceramente.. O garoto tá virando He-man...* Comentamos que elas queriam um homem muito poderoso. J. disse: *Pois é!* Perguntamos que nome pensavam em dar-lhe. Todas disseram *Aristo e Moisés*. Esta era a composição dos nomes dos namorados de S. e C.

Nesse trabalho, a liderança do grupo ficou dividida entre S., J. e F. A segunda estava mais solta e expressiva. Na realidade, a figura masculina foi desenhada por S., I., J., C. e T.; as outras ficaram sentadas observando. N. ficou sentada observando e chupando o dedo. E F.

logo saiu do grupo, pois seu namorado chegara. O grupo teve muitas interferências e as adolescentes não estavam tão concentradas como no outro desenho. Respondiam ao momento tumultuado do projeto, com grande agitação.

I. fez os olhos e o rosto da figura. Como tinha muita habilidade para desenhar, conseguiu fazê-los muito expressivos. As duas cobras no centro da barriga da figura indicam a sexualidade. Uma tem a cabeça para fora e a outra tem a cabeça dirigida para a genitália da figura. J. tinha razão ao comentar que a figura masculina parecia mulher, pois a parte superior está mais para uma menina do que para um menino. S. desenhou o símbolo da dualidade na perna direita da figura, aliás, bem perto da genitália. Será que queria indicar a dualidade na sexualidade do grupo? Ou talvez, a transformação que estão vivendo na sua identidade sexual, pois escreveram dentro da letra "o" palavras de amor para os namorados.

A figura masculina diferente da feminina, tem os olhos mais expressivos e pode olhar o mundo sem se esconder atrás dos óculos. Representa o homem que, para elas, ocupa um lugar social mais definido. Valorizam também a sexualidade masculina e acreditam, ser esta isenta de conflitos. Ser homem, para elas, é ser forte e aceito socialmente.

CONCLUSÃO

Sempre tivemos em mente aplicar as idéias de Reich no campo social, especialmente a prevenção das neuroses. Fizemos parte do movimento das terapias corporais nos anos 80, quando nos foi possível divulgá-las com outros profissionais da saúde. Acreditamos que as idéias de Reich sobre prevenção das neuroses, são muito importantes para a organização da

identidade do indivíduo, pois, esta se processa a partir do nascimento da criança. Um ponto central na prevenção é o princípio da auto-regulação, que defende a humanização dos partos; o respeito à natureza da criança, especialmente, quando se refere aos cuidados com os bebês. Cuidados como uma alimentação feita de acordo com suas necessidades orgânicas, evitando esquemas rígidos, um ambiente harmonioso para o recém-nascido e, inclusive, o contato corporal com a mãe.

Entretanto, acompanhando o desenvolvimento dos bebês das mães adolescentes estudadas, tivemos a visão concreta do que Reich (1983:38) sentenciou "é impossível ter crianças saudáveis, crescendo em um ambiente doente". Tais bebês, ainda com um ou dois anos de idade, já apresentavam comportamentos que denunciavam o estabelecimento de processos neuróticos. Na verdade, as mães adolescentes reproduziam seus grandes conflitos emocionais na relação com seus bebês.

Reich (*id. ibid.*) sempre enfatizou a importância do contato corporal da mãe com seu bebê, fundamental para o desenvolvimento erógeno do corpo da criança em crescimento. Lowen (1976:163), que foi discípulo de Reich e fundador da bio-energética, enfatiza a importância das experiências prazerosas que a criança vive neste contato. Além de ser um meio pelo qual a criança descobre seu próprio corpo, desenvolve a percepção do seu eu, a coordenação motora e uma imagem corporal positiva. Segundo Lowen, a consciência e a identificação da criança com seu próprio corpo ocorrem no período de latência, quando a imagem corporal é quase completa. Os sentimentos e sensações que acompanham esse processo, formam as bases somáticas da personalidade em desenvolvimento. Isso quer dizer que uma personalidade forte e confiante está intimamente relacionada com a percepção do próprio corpo.

Entretanto, vimos, até agora, que o bloqueio da função da percepção provoca a falta de contato com o corpo e, conseqüentemente, afeta a organização e consciência da imagem corporal, afetando a identidade do indivíduo. Identificamos também que a falta de contato emocional e psíquico, provocados pelos bloqueios e, particularmente, pelo bloqueio ocular, pode gerar uma falha na organização da imagem corporal e na identificação sexual.

Sugerimos que a imagem corporal depende da constância perceptiva do corpo. Então podemos dizer que a constância perceptiva é o fenômeno interno que possibilita a noção de nosso eu. Noção esta imutável ao longo do tempo, pois é constante e pessoal, na qual nos reconhecemos como criança, adolescente ou adulto. É dessa unidade do eu que emergem nossos pensamentos, volições e ações. Nosso corpo é nosso eu que interage com o mundo e, ao mesmo tempo, nos confirma enquanto indivíduo.

Nossa observação do grupo de adolescentes da Casa Rosada, possibilitou-nos avaliar a questão da identidade no aspecto pessoal, sexual e social. No primeiro aspecto, pudemos avaliar a questão do bloqueio ocular e do contato com o corpo. A própria história de vida destas adolescentes já nos indicava um possível bloqueio no segmento ocular. No entanto, a dificuldade de ver seu próprio corpo e o das companheiras, evidenciou e confirmou sua existência. Ao mesmo tempo tivemos algumas indicações de haver certos graus de perturbação na integração energética das funções da percepção e da consciência. A falta de contato com o corpo da mãe e a carência de modelos familiares, levou-as a eleger Xuxa, Angélica e Carla Perez, para citar algumas, seus modelos identificatórios. Modelos estes idealizados e compensadores da própria condição de impotência pessoal e social que marcou suas vidas.

No campo da sexualidade, além da desinformação, seu contato com o corpo era pobre. Pareciam bastante confusas na questão do desejo feminino, pois colocam o desejo sexual na

figura masculina. A noção do feminino para elas é carregada de desprazer e sofrimento. O exagero perpassa a fantasia do ato sexual, produto da ignorância ou desinformação sobre o assunto e do consumo de filmes pornográficos. Claramente não têm a noção do que é satisfação sexual, ou qualquer noção de auto-regulação na sexualidade. A vagina é imaginada como uma “coisa” que vive a penetração e fica aberta, pois não a sentem. A identidade com o gênero feminino é ambígua, pois segundo elas “ser mulher é chato”.

Quanto ao aspecto da identidade social, trazem em seu eu a marca de meninas de instituição. Sofrem hoje uma mudança radical, na medida que saíram do encerramento fechado do orfanato, para um convívio com a sociedade. Essa mudança provocou-lhes outras demandas e maiores desafios. Nesse convívio com a sociedade, passaram a ter maior consciência de sua orfandade, pois comparam-se com as meninas da escola que têm pai e mãe. O desejo de uma família e a impotência perante esse fato, provoca-lhes grande revolta. Projetam essa revolta especialmente sobre as irmãs que vivem juntas na casa. Coincidentemente estas meninas são inteligentes e estudiosas, sendo este outro motivo para polarizarem tais sentimentos das outras adolescentes da casa.

Por outro lado, o trabalho do espelho e o desenho das figuras humanas (Anexos 3 e 4) evidenciaram que sua imagem corporal é frágil e ambivalente. Especialmente no segundo trabalho, o qual nos permitiu identificar a noção de um eu coletivo.

Nossa pesquisa permitiu-nos avaliar que, a teoria de Wilhelm Reich, aplicada no campo social, oferece-nos imensas possibilidades de investigação e, principalmente, a este tipo de população. Não podemos deixar de relatar alguns depoimentos e a avaliação das adolescentes sobre o “grupo de encontro”. Espontaneamente, pegaram nosso gravador e deixaram-nos mensagens de Natal e de agradecimentos pelo trabalho que estávamos fazendo com elas. Vamos transcrever estas que, por si só, evidenciam a importância do “grupo de

encontro” para elas: *Aqui está falando a Alexia... Aqui está falando a Carla Perez... Aqui é a Xuxa... Olha só, eu estou feliz pelo grupo... Eu quero agradecer à Geny que nos deu esta oportunidade de mostrar como nós sentimos perante a sociedade, e por ter nos ensinado muitas coisas... Feliz Natal e eu quero que o grupo continue até 98.* (Nestas mensagens usaram seus codinomes).

É provável que não esgotamos a questão da identidade, especialmente, por ser um tema de grande complexidade. Nosso trabalho, contudo, buscou desvendar uma forma de avaliá-la através da estrutura biopsíquica, na qual o corpo é reconhecidamente um veículo, onde funções da percepção e consciência se organizam. É essa organização que possibilita ao indivíduo o sentimento de unidade. Não se pode compreender a unidade de um eu, sem que, primeiramente, admitamos a existência da relação psicossomática como unidade elementar do corpo-mente.

A teoria de William Reich, bem como a prática terapêutica, em qualquer nível que se possa aplicá-la, seja no mais profundo ou no mais superficial, nos fornece possibilidades imensas de explorar e compreender o funcionamento mais íntimo do ser humano. A noção do contato, tanto no nível psíquico quanto no somático é, ao nosso ver, pedra fundamental para a avaliação da identidade, como um sentimento de *unidade ontológica* no sentido dado por Descartes (*apud Jolivet:581*). Ou seja, o sentimento de constituição do eu, na multiplicidade infinita dos estados de consciência de um ser. O corpo é este eu, com o qual nascemos e morremos. É a base mais sólida de nossa consciência de unidade.

Acreditamos que o momento de vida das adolescentes, a abertura para uma vida social e sexual, contribuiu muito para que nossa investigação exploratória tivesse um desenlace produtivo. A própria pesquisa é uma confirmação disso. Nesta, pudemos mostrar a

abrangência na abordagem corporal e como a palavra pode ser uma das expressões emocionais do corpo.

Como uma pesquisa exploratória, a eleição do segmento ocular revelou-nos a complexidade existente entre o sentir e o se expressar. Surpreendentemente, pudemos verificar que o excesso de expressão emocional não necessariamente significa o sentir. Muito pelo contrário, muitas vezes são formas de defesa na percepção dos sentimentos mais profundos.

Reconhecemos que esta foi uma pesquisa-ativa (Pagés, 1982) no sentido de ela Ter circulado entre a pesquisa e a clínica. Até porque não houve a compartimentação entre o pesquisador e o grupo pesquisado. Houve momentos que nossa atuação no grupo nivelou-se ao das pesquisadas. Por exemplo, quando nos levantamos para que nos descrevessem. Adotamos esse procedimento para confirmar a dificuldade existente em seu contato visual. Aliás, o próprio fato de o "grupo de encontro" acontecer dentro da casa onde as adolescentes moravam, fez com sua abrangência funcional ultrapassasse o nível formal de qualquer pesquisa. Não podemos deixar de reconhecer a similitude com o que Lewis (*apud* Pagés, 1982:452) chama de espaço vital, no sentido de campo psicológico. Segundo o autor, a modificação do comportamento passa pela modificação do espaço vital. Reconhecemos que, na medida em que o grupo foi-se transformando, mais fácil tornou-se a intimidade do pesquisador com as participantes e, entre elas mesmas. A intimidade constituiu um fator importante para explorar a questão da identidade. Apesar de todas as dificuldades inerentes ao ambiente, disposição das participantes do grupo de encontros e do próprio projeto na sua totalidade, sentimos que atingimos nossos objetivos na investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOADELLA, D., *Wilhelm Reich: The Evolution of His Work*, Londres, Vision, 1973.
- BOLGAR, H. "The Case Study Method", em Woiman. B., *Handbook of Clinical Psychology*, Nova York, McGraw-Hill, 1968, Cap.2, pp.28-30.
- BAKER, F. E., *Man in the Trap*, Nova York, Collier Books, 1980.
- CARLETON, A. J. "Self-Regulation". *The Journal Of Orgonom*, Princeton, Orgonomic Publications, 1973, v.25, n.1, pp. 68-81.
- COBRA, G. "Loving Relations and Scientific Reflections", em *Energy and Character: The Journal of Biosynthesis*, Inglaterra, Abbotsbury Publications, 1995, v.26, n.2, pp.6-19.
- _____. "Grupo de Educación Sexual e Identidad Feminina com Adolescentes en una Casa Hogar", em *Energia Carácter y Sociedad*, Valencia, Publicationes Orgon, 1995, Año XII-XIII, N.19, v.12 e 13 (1 e 2), pp.186-192.
- CRIST, P. A. "Nature, Character and Personality: Part I", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1993. v.27, n.1, pp. 48-60.

DAMASIO, R. A., *Descartes' Error; Emotion, Reason, and the Human Brain*, Nova York, Grosset/Putnam, 1994.

DANCHIN, A. "Stabilisation Fonctionnelle et Épigénèse: une approche biologique de la genèse de l'identité individuelle", em Lévi-Strauss, C. *L'identité*, Paris, Bernard Grasset, 1977, p p.185-221.

DARWIN, C. *The Expression of the Emotions in Man and Animals*, Chicago, The University of Chicago Press, 1965.

DAVIS, L., "Integration", em *Energy and Character: The Journal of Biosynthesis Research*, Inglaterra, Abbotsbury Publications, 1989, v.26, n.2, pp. 48-61.

DAVIS, W. "On Working Energetically" – Part I, em *Energy and Character: The Journal of Biosynthesis Research*, Inglaterra, Abbotsbury Publications, 1988, v. 19, n. 2, pp.17-31.

_____ "On Working Energetically – Part II", em *Energy and Character: The Journal of Biosynthesis Research*, Inglaterra, Abbotsbury Publications, 1989, v. 20, n. 1, pp. 63-74.

ENGELS, F. *The Origin of the Family, Private Property, and the State*, Nova York, Pathfinder Press, 4ª edição, [1972] 1976.

ERICKSON, E. H., *Identity: Youth and Crisis*, Nova York, W. W. Norton, 1968.

FERREIRA, de H.B.A. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

FILLOW, J. C. *A Personalidade*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 2ª edição, 1966.

FREUD, S. *On Metapsichology: The Theory of Psychoanalysis*, Londres, Penguin Books, v.11, [1915] 1984.

_____. *On Sexuality*, Londres, Penguin Books, v.7, [1905] 1977.

GOFFMAN, E., *Manicômios, Prisões e Conventos*, São Paulo, Perspectiva, 1974.

_____. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro, Zahar, [1959] 1988.

GOLDENBERG, D. M. "Work Energy and the Character of Organizations (Part I)", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1989, v.23, n.1, pp.27-46.

_____. "Work energy and the Character of Organizations (Part II)", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1989, v.23, n.2, pp.190-209.

HARMAN, R. A., "Perception and Consciousness", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publicatons, 1992, v.26, n.2, pp.308-323.

_____. "Procrastination as a Symptom of Catatonic Schizophrenia", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1997, v.31, n. 1, pp.69-82.

JOHNSEN, L. "Developmental Steps & Centres of Growth:Part I", em *Energy and Character The Journal of Biosynthesis Research*, Inglaterra, Abbotsbury Publications, 1979, v.10, n.1, pp.2-12.

_____. "Developmental Steps & Centres of Growth: Part II", em *Energy and Character: The Journal of Biosynthesis Research*, Inglaterra, Abbotsbury Publications,1979, v10, n.2, pp.20-24.

_____. "Developmental Steps & Centres of Growth: Part III", em *Energy and Character: The Journal of Biosynthesis Research*, Inglaterra, Abbotsbury Publications, 1979, v.10, v.3, pp. 64-70.

JOLIVET, R. "Psicologia", em *Tratado de Filosofia*, vol.II, Rio de Janeiro, Agir, 1963.

KELEMAN, S. *Somatic Reality*, Berkeley, Center Press, 1979.

KONIA, C., M.D., "Interdependence Between Consciousness and Self-Perception", em *The Journal of Orgonomy*, Nova York, Orgonomic Publications, 1981, v.15, n.2, pp. 250-262.

_____. "The Perceptual Function", em *The Journal of Orgonomy*, Nova York, Orgonomic Publications, 1984, v. 18, n. 1, pp. 80-98.

_____. "The Perceptual Function in Armoring (Part I: General Survey)", em *The Journal of Orgonomy*, Nova York, Orgonomic Publications, 1984, v.18, n.2, pp.226-237.

_____. "Orgone Therapy (Part I) The Psychosomatic Relationship", em *The Journal of Orgonomy*, Nova York, Orgonomic Publications, 1985, v. 19, n.2, pp 267-278.

_____. "The Perceptual Function in Armoring (Part II: Specific Character Disorders)", em *The Journal of Orgonomy*, Nova York, Orgonomic Publications, 1985, v.19, n.1, pp.122 - 139.

_____. "Somatic Biopathies (Part I)", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1989, v. 23, n. 2, pp.224-236.

_____. "Somatic Biopathies (Part II: The Diaphragmatic Segment)", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1990, v. 24, n. 2, pp.181-195.

_____. "Orgone Therapy (Part IX: The Application of Functional Thinking in Medical Practice)", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1989, v. 23, n. 2, pp. 237-247.

_____. "Orgone Therapy (Part XI: The Application of Functional Thinking in Medical Practice)", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1991, v.25, n. 1, pp.45 – 56.

_____. "Somatic Manifestations of Ocular Armor", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1991, v. 25, n. 2, pp. 207-213.

_____. "Orgone Therapy (Part XII: The Application of Functional Thinking in Medical Practice)", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1991, v. 25, n. 2, pp.229-240.

_____. "Functional Diagnostics: Criteria for a Functional Medical Nosology", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1991, v. 25, n. 2, pp. 241-254.

_____. "Orgone Therapy. Part XIV: Sociopolitical Aspects", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications 1993, v.27, n.1, pp.61-80.

_____. "The Plasmatic System, Part1: The Immune Function", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1993, v.27, n.1, pp. 24-47.

_____. "Orgonotic Contact", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1998, v.32, n.1, pp.61-81.

LE DOUX, J., *O Cérebro Emocional*, Rio de Janeiro, Objetiva, 1998.

LOWEN, A. *Love and Orgasm*, Nova York, Collier Books, 1976.

MALINOWSKY, B. *Estudios de Psicología Primitiva*, Buenos Aires, Paidós, 1959.

_____. *Sexo y Repression en la Sociedad Primitiva*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1974.

MANN, W.E., *Orgone, Reich and Eros*, Nova York, A Touchstone Book, 1973.

MEAD, M. *Male and Female*, 9ª edição, Londres, Penguin Books, [1949] 1978.

MEYEROWITZ, J. *Before the Beginning of Time*, Easton, RRP Publishers, 1994.

_____. "Basic Orgonomy", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1985, v.19, n.1, pp.92-120.

NAVARRO, F. *Terapia Reichiana*, São Paulo, Summus, 1984.

_____ *Terapia Reichiana II*, São Paulo, Summus, 1987.

_____ *Somatopsicodinâmica da Biopatias*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1991.

_____ *Somatopsicopatologia*, São Paulo, Summus, 1996.

NELSON, A. "Manic-depressive Character and the Ocular Segment", em *The Journal of Orgonomy*, Princeton, Orgonomic Publications, 1976, v.10, n.1.

NEVES, S. M. "Psicodramatizando a Construção da Cidadania", *Psicologia, Ciência e Profissão*, Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 1996, Ano 16, v.1, pp.24-26.

NICOLACI DA COSTA, A. M. *Sujeito e Cotidiano*, Rio de Janeiro, Campus, 1987.

PIAGET, J. A. "Problemas de Psicologia Genética", em *Os Pensadores*, São Paulo, Victor Civita, 1983.

PEARCE, J. C. *A Criança Mágica*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

RAKNES, O. *Wilhelm Reich e a Orgonomia*, São Paulo, Summus, 1988.

REICH, W. *Character Analysis*, 11ª edição, Nova York, Farrar Straus & Giroux, [1933]

1994.

_____. *Children of the Future*, Nova York, Farrar Straus & Giroux, [1950] 1983.

_____. *Ether, God and Devil: Cosmic Superimposition*, 2ª edição, Nova York, Farrar Straus & Giroux, [1951] 1979.

_____. *Irrupção da Moral Sexual Repressiva*, São Paulo, Martins Fontes, [1932] 1976.

_____. *Reich Speaks of Freud*, Middlesex, Penguin Books, [1967] 1975.

_____. *Selected Writings*, Londres, Vision Press, [1960] 1973.

_____. *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety.*, Nova York, Farrar, Straus & Giroux, [1934] 1982.

_____. *The Impulsive Character and other writings*, Nova York, Meridian Books, [1925] 1974.

_____. *The Function of the Orgasm*, Nova York, Quokka Books, [1942] 1978.

_____. *The Mass Psychology of Facism*, 6ª edição, Nova York, Farrar Straus & Giroux, [1933] 1980.

RYCHLAK, F. J. *In Defense of Human Consciousness*, Washington DC, American Psychological Association, 1997.

SCHILDER, P. *Imagem y Aparencia del Cuerpo Humano*, Buenos Aires, Paidós, 1977.

SCHWARTZMAN, R. "An Iatrogenic Ocular Hook", em *The Journal of Orgonomy*, Nova York, Orgonomic Publications, 1984, v.18, n.1.

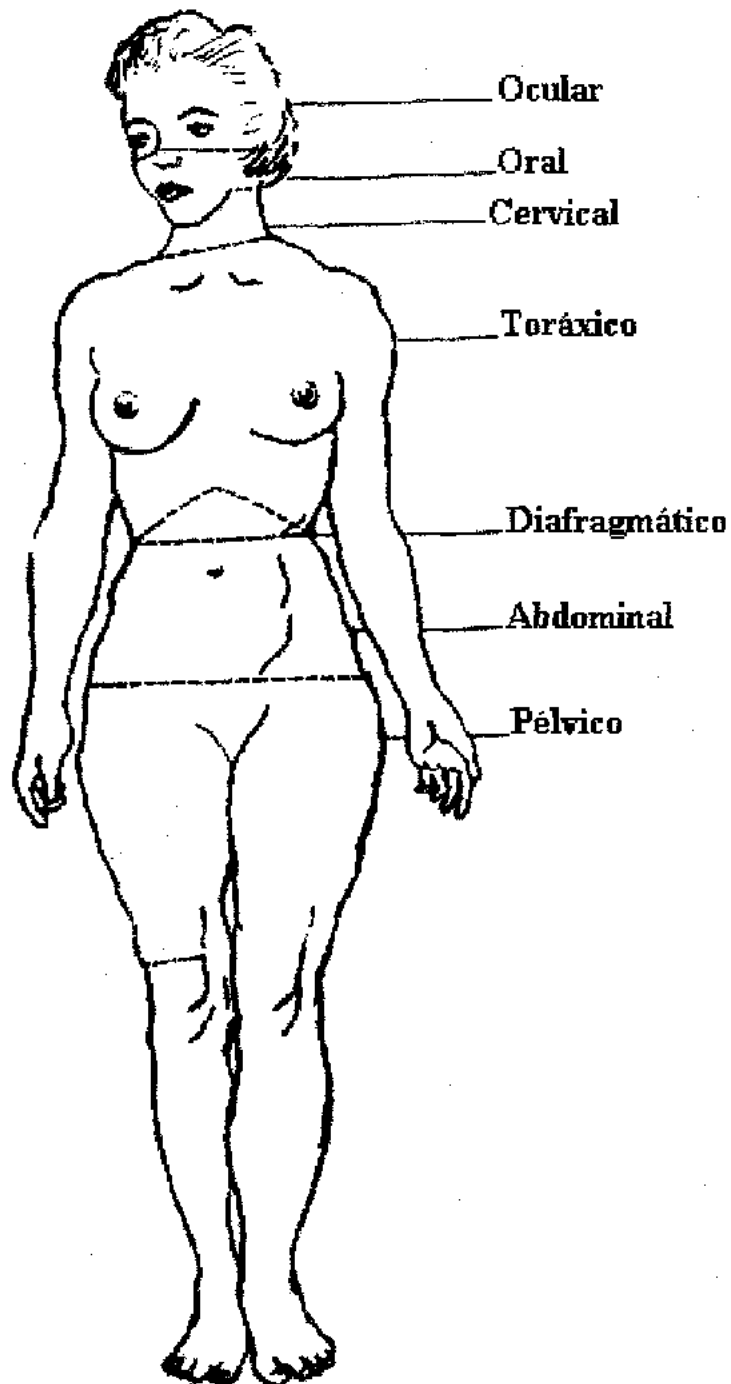
WINNICOT, W. D. *Playing Reality*, Middlesex, Pelican Books, 1974.

WOLFE, T. P., M.D., "The Sex-Economic Concept of Psychosomatic Identity and Antithesis", em *The Journal of Sex-Economy and Orgone Research*, Nova York, Orgonomic Publications, 1942, v.1, p.33-54,.

YERKES, D. *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary*, Nova York, Gramercy Books, 1989.

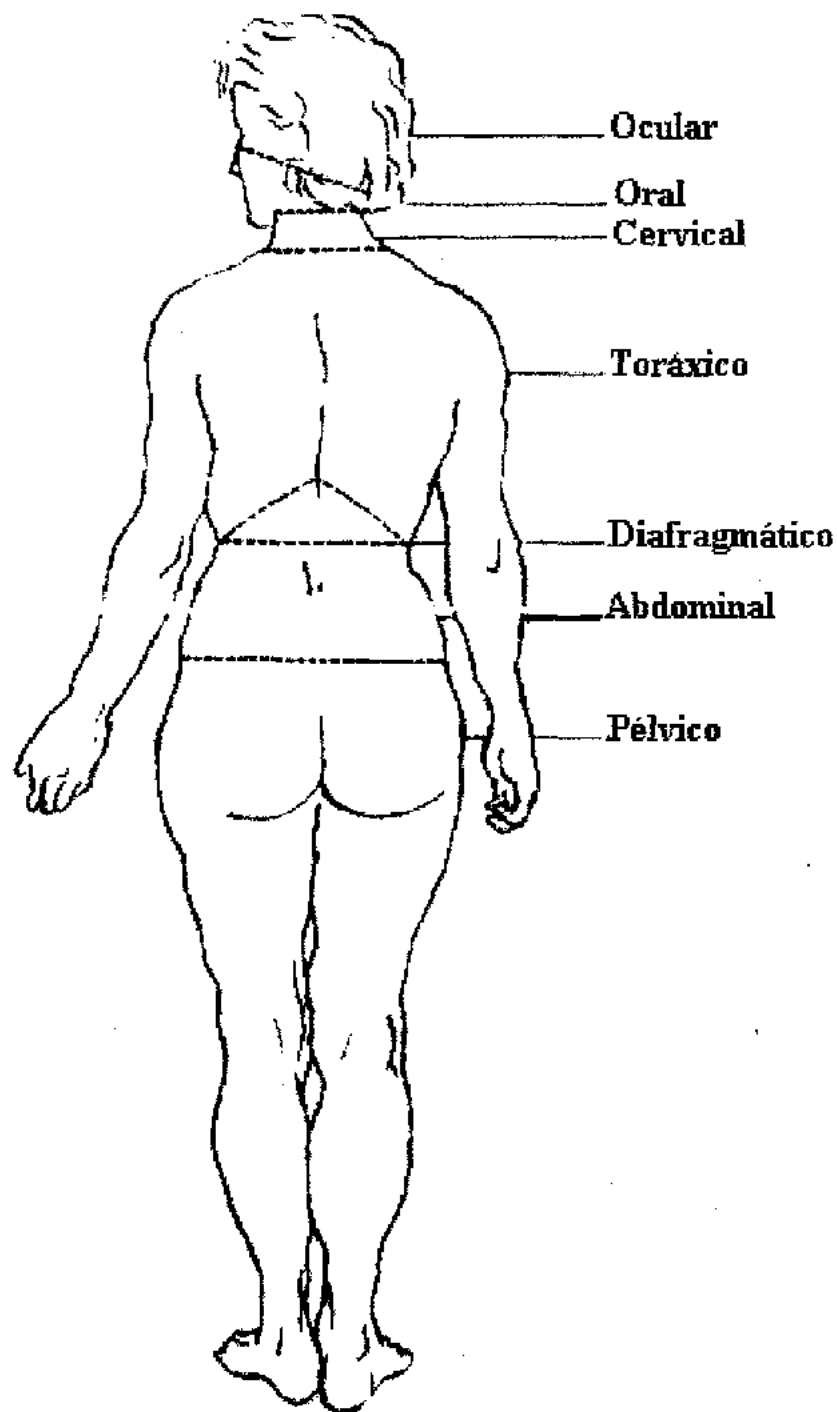
ANEXOS

ANEXO 1



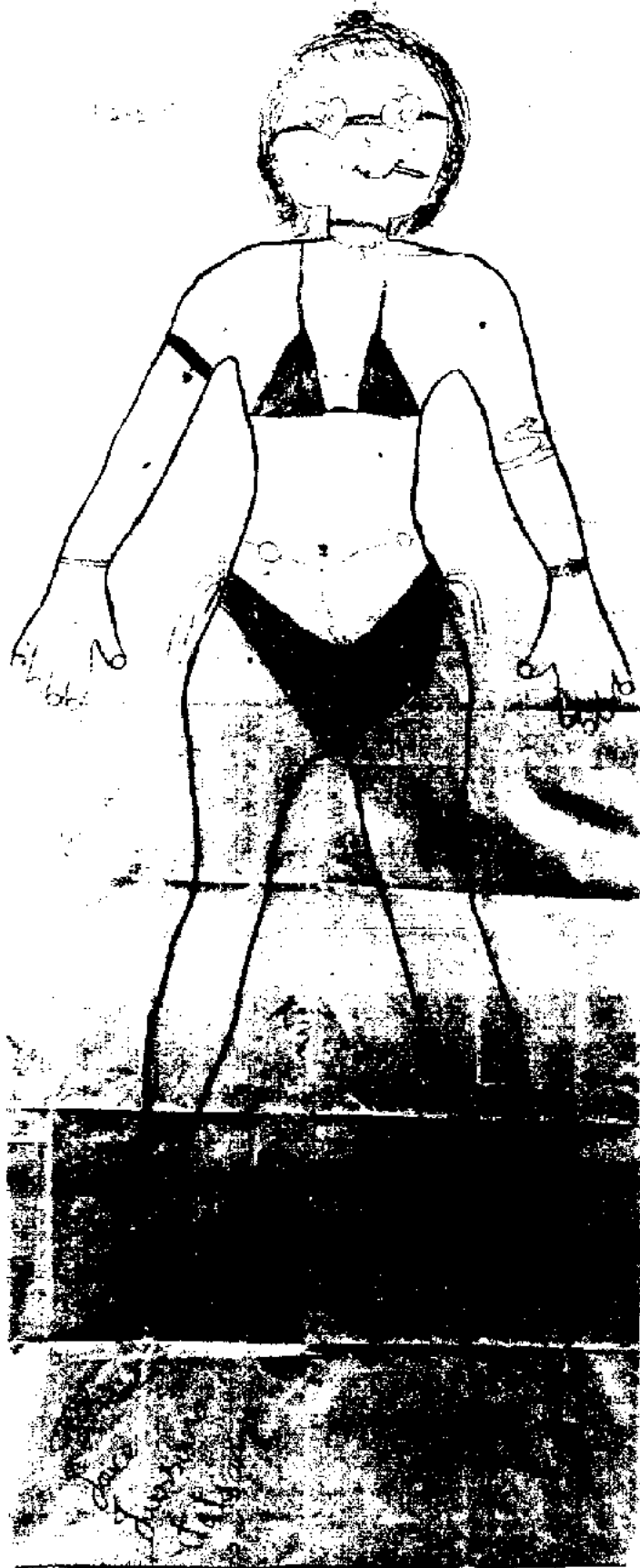
Os Sete Segmentos do Corpo (frente)
Cópia de Baker, F. E., "Man in the Trap", 1980.

ANEXO 2



Os Sete Segmentos do Corpo (costas)
Cópia de Baker, F. E., "Man in the Trap", 1980.

THE HAWAIIAN




Doctine of Figure Femeline

1000000

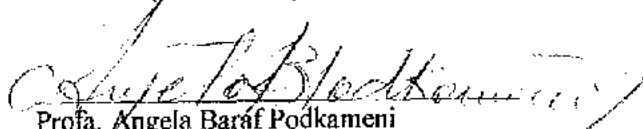


Figure 1. A young child standing.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Geny de Oliveira Cobra, intitulada "**Corpo e identidade: Um estudo funcional da organização biopsíquica da identidade**", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Maria Euchares de Senna Motta
PUC-Rio (Orientadora)




Profa. Angela Baraf Podkameni
PUC-Rio



Prof. Ernani Eduardo Trota
UFF

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 13.1.3.1 2000


Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas